UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE – UFCSPA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE

Bruno de Souza Mayer

Peptídeos derivados da cistatina RHcyst-1 do carrapato *Rhipicephalus haemaphysaloides* como potenciais inibidores de catepsinas humanas envolvidas no câncer

Porto Alegre
2022

Bruno de Souza Mayer

Peptídeos derivados da cistatina RHcyst-1 do carrapato *Rhipicephalus haemaphysaloides* como potenciais inibidores de catepsinas humanas envolvidas no câncer

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre como requisito para a obtenção do grau de Mestre

Orientadora: Profª Dra. Adriana Seixas
Coorientador: Prof. Dr. Rodrigo Ligabue-Braun

Porto Alegre
2022

Catalogação na Publicação

Mayer, Bruno de Souza
Peptídeos derivados da cistatina RHcyst-1 do carrapato Rhipicephalus haemaphysaloides como potenciais inibidores de catepsinas humanas envolvidas no câncer / Bruno de Souza Mayer. -- 2022.
120 p. : il., graf., tab. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) -- Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, 2022.

Orientador(a): Adriana Seixas ; coorientador(a): Rodrigo Ligabue-Braun.

1. Catepsinas. 2. Cistatina. 3. Inibidores de protease. 4. Câncer. 5. Antitumorais. I. Título.

Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da UFCSPA com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ATA DE APROVAÇÃO

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UFCSPA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE

ATA nº 1148 - 2022

De acordo com o estabelecido previamente pela Comissão Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, realizou-se aos vinte e oito dias do mês de abril de 2022, às quatorze horas, na modalidade remota, via Google Meet, a defesa da Dissertação de Mestrado do aluno **Bruno de Souza Mayer** orientado pela professora Adriana Seixas no Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde da UFCSPA. O trabalho defendido intitula-se "**Peptídeos derivados da cistatina RHcyst-1 do carrapato Rhipicephalus haemaphysaloides como potenciais inibidores de catepsinas humanas envolvidas no câncer**". A Banca Examinadora foi composta pelos professores Eliane Dallegrave (UFCSPA), Lucas Tirloni (Texas A&M University Estados Unidos) e Abid Ali (Abdul Wali Khan University Mardan). Após a abertura da sessão o aluno dispôs de 40 minutos para expor seu trabalho. Ao término da apresentação, foi realizada a arguição do aluno pelos membros da banca examinadora. Cada examinador teve até 20 minutos para sua arguição, tendo o aluno igual tempo para resposta. Ao término da Sessão foi anunciada a aprovação do aluno que, após a homologação da Dissertação de Mestrado, receberá o título de Mestre em Ciências da Saúde: Epidemiologia e Métodos Diagnósticos. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão e lavrada a presente ata, que será assinada pela orientadora do aluno e pela Coordenação do Programa.

Porto Alegre, 28 de abril de 2022.

Prof. Pedro Roosevelt Torres Romão
Coordenador

Profa. Adriana Seixas
Orientadora

DEDICATÓRIA

Dedico este estudo à minha família, em especial,
à minha mãe Maria Solange Marques de Souza e minha irmã Ágata de Souza Mayer

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora Dra. Adriana Seixas, pela oportunidade, ensinamentos e por toda a condução neste trabalho. Minha especial admiração e gratidão.

Aos colaboradores do Centro de Biotecnologia da UFRGS pelo apoio.

A minha família, que sempre incentivou o meu trabalho. Muito obrigado.

A minha companheira de todos os dias, Juliana Santos de Oliveira, pela paciência e apoio. Muito obrigado.

A minha amiga Gabriela Jachs, por me apresentar à instituição e auxiliar no começo do processo. Muito Obrigado.

As amigas Katrine Borba de Freitas e Emily Agatha de Moura Couteiro pelos auxílios diários e apoio. Muito Obrigado.

Ao pessoal do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, pela eficiência e dedicação. Muito obrigado.

EPÍGRAFE

“Pobre é o discípulo que não excede seu mestre”

- Leonardo da Vinci

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE TABELAS

SUMÁRIO

RESUMO

A atividade das catepsinas é frequentemente desregulada no contexto da transformação neoplásica. O aumento da atividade e a localização desordenada de proteases no microambiente tumoral têm um papel fundamental na condução da progressão, proliferação, invasão e metastização do câncer. As catepsinas cisteínicas têm sua atividade proteolítica naturalmente controlada por inibidores proteicos denominados cistatinas. Esses inibidores podem ser obtidos a partir de parasitas hematófagos e já demonstraram atividades antitumorais. A proteína foco deste estudo, a RHcyst-1, já teve seu potencial anticâncer comprovado, tendo inibido significativamente a proliferação, migração e invasão de quatro tipos de células tumorais. Além disso, inibe o crescimento de tumores e aumenta a sobrevivência de animais *in vivo*. No estudo realizado, foram desenhados e sintetizados peptídeos baseados na RHcyst-1, e avaliada sua capacidade inibitória em estudos *in silico* e *in vitro*. Os estudos *in silico* demonstraram que os peptídeos Rhcyst-1pep e Rhcyst-1pep2 podem inibir a atividade das catepsinas B e L humanas com potencial similar a proteína recombinante. Esse potencial foi confirmado pelos ensaios *in vitro* sobre substrato sintético. Adicionalmente, as análises de sequência dos aminoácidos sugerem que os peptídeos propostos possuem menor capacidade de gerar resposta imune em relação a proteína RHcyst-1. Nossos resultados sugerem que os peptídeos propostos neste trabalho possam apresentar atividade semelhante a RHcyst-1 sendo novos candidatos no estudo de farmácos antitumorais ou antimetastáticos.

Palavras-chave: Cistatina; metástases, antitumorais, catepsinas, inibidores de protease, câncer.

ABSTRACT

Cathepsin activity is often dysregulated in the context of neoplastic transformation. Increased activity and disordered localization of proteases in the tumor microenvironment play a potent role in driving cancer progression, proliferation, invasion and metastasis. Cysteine cathepsins have their protease activity naturally controlled by protein inhibitors called cystatins. The inhibitors can be obtained from haematophagous ectoparasites and have already demonstrated antitumor activities. The protein focus of this study, RHcyst-1, had its antimural potential proven, having significantly inhibited the proliferation, migration and invasion of four types of tumor cells. In addition, it inhibied the growth of tumors and increases the survival of animals *in vivo*. In this study, two peptides based on RHcyst-1 were designed and synthesized, and the inhibitory capacity were evaluated *in silico* and *in vitro* studies. *In silico* studies showed that Rhcyst-1pep and Rhcyst-1pep2 can inhibit the activity of human cathepsins B and L as the recombinant protein. This potential was confirmed by *in vitro* assays on using synthetic substrate. Additionally, *in silico* studies showed that the proposed peptides have a lower capacity to generate an immune response in relation to the RHcyst-1 protein. Our results suggest that the peptides proposed in this work may have antitumor activity as well as RHcyst-1 being considered new candidates for studies on the development of antitumor or antimetastatic drugs.

Key words: Cystatin; metastases, antitumor, cathepsins, protease inhibitors, cancer.

1 INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o câncer é uma das principais causas de morte no mundo, sendo responsável por quase 10 milhões de mortes em 2020. Neste mesmo ano os cânceres mais diagnosticados em todo o mundo foram câncer de mama feminino (2,26 milhões de casos), câncer de pulmão (2,21 milhões de casos) e câncer de próstata (1,41 milhões de casos); as causas mais comuns de morte por câncer foram pulmão (1,79 milhões de mortes), fígado (830.000) e câncer de estômago (769.000) (FERLAY et al., 2021).

O câncer é caracterizado como um grande grupo de doenças ocasionadas pelo crescimento descontrolado de células alteradas, podendo começar em qualquer órgão ou tecido do corpo com possibilidade de invadir partes adjacentes e/ou se espalhar para outros órgãos (LÚCIA DE ALMEIDA et al., 2005). Esse processo chamado de metástase é a principal causa de morte por câncer (FERLAY et al., 2021). A metástase é um processo complexo de várias etapas, que envolve alterações genéticas e epigenéticas nas células tumorais. Além disso, o câncer se desenvolve dentro de um microambiente tecidual complexo, que regula a invasão, migração e metástase de células tumorais (ZHANG et al., 2019). O microambiente da frente de invasão tumoral pode permitir que as células cancerosas obtenham uma capacidade de motilidade anormalmente alta e penetrem no estroma circundante. A frente de invasão do tumor é particularmente rica em uma variedade de proteases, que facilitam a invasão e as metástases do câncer através da remodelação da matriz extracelular promovendo a migração celular (YANG et al., 2017).

As catepsinas são proteases que estão envolvidas em diversos tipos de câncer, exibindo características e funções variadas (WEI et al., 2018). Em humanos, as catepsinas cisteínicas têm 11 membros: catepsina B (Cat B), C (Cat C), F (Cat F), H (Cat H), K (Cat K), L (Cat L), O (Cat O), S (Cat S), V (Cat V, também conhecida como L2), W (Cat W), e Z (Cat Z), também denominada X) (ROSSI et al., 2004). Essas catepsinas têm sido associadas à proliferação, sobrevivência e metástase contribuindo, assim, para a progressão tumoral em vários tipos de câncer através de diversos mecanismos (OLSON; JOYCE, 2015). Nas células normais apenas uma pequena quantidade de catepsinas são secretadas (TANDON et al., 1990), e sob condições fisiológicas normais estas são sequestradas pelos lisossomos. No entanto, nas células tumorais, já é bem compreendido que alterações nos níveis de expressão

e nas vias de tráfego resultam na secreção destas proteinases para o meio extracelular (DENHARDT et al., 1987). Inibidores que bloqueiam a atividade das catepsinas ou diminuem seus níveis de atividade proteolítica no ambiente periférico, têm sido investigados pois podem impedir a progressão do tumor e ocorrência de metástases (GOCHEVA; JOYCE, 2007). As cistatinas constituem uma família evolutivamente relacionada de inibidores reversíveis e de forte ligação, que atuam sobre as catepsinas lisossomais pertencentes à família C1 (JAKOŠ et al., 2019). O papel principal das cistatinas é limitar a atividade excessiva de cisteíno endopeptidases. Dessa forma, a combinação de inibidores de catepsina com quimioterapia e radiação para tratamento de câncer tem sido proposto (LI et al., 2021; SUDHAN; SIEMANN, 2015a).

A busca por moléculas e compostos com atividade antitumoral é constante devido à importância dessa doença. As cistatinas estão entre algumas das moléculas que vêm sendo estudadas com este propósito. Além da presença em vertebrados, essas moléculas estão presentes em diversas espécies de artrópodes, dentre elas os carrapatos. Os carrapatos são ectoparasitos hematófagos obrigatórios de animais selvagens e domésticos, bem como de seres humanos. Eles perdem apenas para os mosquitos como vetores globais de doenças humanas (ZHANG et al., 2018). Devido ao longo e complexo processo evolutivo gerado pelo parasitismo, estes hematófagos representam uma importante fonte de novas moléculas bioativas.

Diversos compostos bioativos provenientes de animais hematófagos vem sendo estudados e inúmeras aplicações biotecnológicas têm sido reportadas, como por exemplo: substâncias anti-hemostáticas (RIBEIRO et al., 1985), inibidores da coagulação sanguínea (DAVIE; FUJIKAWA; KISIEL, 1991), inibidores da agregação plaquetária (CHAMPAGNE; NUSSENZVEIG; RIBEIRO, 1995; MANS et al., 1998; RIBEIRO; GARCIA, 1981; VALENZUELA et al., 1998, 2001), vasodilatadores (CHAMPAGNE; RIBEIRO, 1994; LERNER et al., 1991; LERNER; SHOEMAKER, 1992), imunossupressores (WEI et al., 2019) e antitumorais (WEI et al., 2018). Algumas espécies de carrapatos apresentam mais de uma cistatina, como os carrapatos da espécie *Rhipicephalus microplus, no qual foram identificadas* diferentes cistatinas. Dados de transcriptoma e proteoma mostram que a presença de mais de uma cistatina não seria exclusiva de *Rhipicephalus microplus*. (CARDOSO et al., 2017; LIMA; SASAKI; TANAKA, 2006; LU et al., 2020a; PARIZI et al., 2013).

A atividade antitumoral de uma cistatina obtida de carrapato já foi comprovada. A RHcyst-1, é uma cistatina obtida da espécie *Rhipicephalus haemaphysaloides*, que apresentou significativa inibição da proliferação, da migração e da invasão de células tumorais (WEI et al., 2018). *In vitro,* RHcyst-1 inibiu significativamente a proliferação, migração e invasão das linhagens celulares de câncer cervical humano (HeLa), pulmão (A549), ovário (SKOV-3) e melanoma murino (B16-F10). Além disso, quando testada *in vivo*, em modelo murino, inibiu o crescimento do tumor e melhorou a sobrevivência dos animais. A RHcyst-1 obtida do carrapato *Rhipicephalus. hemaphisaloides* possui atividade antitumoral potencial, que pode estar associada a alterações na expressão da catepsina, podendo ser considerada passível de aplicação no tratamento do câncer (WEI et al., 2018).

Neste trabalho nós estudamos a estrutura terciária da RHcyst-1 e a interação inibidor-enzima. A partir desses resultados projetamos e testamos (*in silico* e *in vitro*) o potencial inibitório de dois peptídeos derivados das regiões inibitórias da RHcyst-1 como inibidores de catepsinas L e B.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Câncer

Câncer é o nome dado a um conjunto de mais de 100 doenças que têm em comum o crescimento desordenado de células, que invadem tecidos e órgãos. Estas células tendem a ser muito agressivas e incontroláveis, pois têm capacidade de se dividir de forma acelerada, levando a formação de tumores, que podem espalhar-se para outras regiões do corpo (INCA, 2019).

O câncer surge a partir de mutações genéticas, alterações no DNA das células que podem acontecer em qualquer parte do corpo. No entanto, alguns órgãos são mais afetados do que outros; e cada órgão, por sua vez, pode ser acometido por tipos diferenciados de tumor, mais ou menos agressivos. Sendo assim, são evidenciados variados tipos de câncer, que correspondem aos diversos tipos de células do corpo. Alterações reportadas em tecidos epiteliais, como pele ou mucosas, são denominados carcinomas. Quando os alvos são os tecidos conjuntivos, como ossos, músculos e cartilagens, trata-se de sarcomas. A velocidade de multiplicação das células e a

capacidade de invadir tecidos e órgãos vizinhos ou distantes, também diferenciam os tipos de câncer (INCA, 2019).

O processo geralmente lento de formação do câncer é chamado de carcinogênese ou oncogênese, podendo levar vários anos para que uma célula cancerosa se prolifere e origine um tumor visível. Esse processo possui três estágios principais, sendo o primeiro o estágio de iniciação. Nesta etapa as células sofrem modificações em seus genes, causadas por agentes cancerosos, no entanto essas modificações não são clinicamente detectáveis. Na segunda etapa, denominada estágio de promoção, a célula geneticamente modificada se torna maligna, em um processo geralmente lento, gradual e de contato continuado com o agente promotor, podendo este agente ser desde um componente da alimentação, ou até mesmo hormônios. Dessa forma, as células cancerosas podem progredir para a terceira etapa, conhecida como estágio de progressão, que é caracterizado pela multiplicação acelerada, desordenada e irreversível das células alteradas. Nesse estágio, o câncer evolui até o surgimento de manifestações clínicas no paciente (INCA, 2019).

2.1.1 Metástase

A possibilidade do câncer invadir células adjacentes e/ou se espalhar para outros órgãos leva ao processo de metástase. Esse processo ocorre pela capacidade de disseminação de células tumorais através dos vasos sanguíneos ou linfáticos culminando na colonização de órgãos específicos (FONT-CLOS; ZAPPERI; LA PORTA, 2020). Em meados de 1889, Paget afirmou que uma metástase não ocorre por acaso, mas sim em decorrência da adaptação de células tumorais a um microambiente permissivo de um determinado órgão (PAGET; STEPHEN, 1889). Ao se espalhar pelo corpo e formar um novo foco do tumor em outro órgão, longe do sítio primário ou local de origem da doença, esse novo tumor é chamado de metastático (INCA, 2019). As enzimas proteolíticas implicadas na progressão tumoral e metástase pertencem a quatro principais classes catalíticas de proteases: metaloproteinases, serino-proteases, cinteíno-proteases e aspartil-proteases (VASILJEVA et al., 2006).

2.2 Catepsinas

O nome catepsina é derivado do grego “kathepsein” que significa digerir, esse nome foi proposto para as proteases que são ativadas em ambiente levemente ácido (WILLSTÄTTER; BAMANN, 1929). As catepsinas são enzimas sintetizadas como pré-pro-catepsinas e ativadas no lisossomo. Incluem-se as catepsinas D, E (aspartil-proteases), A, G (serino-proteases) e B, C, F, H, L, K, O, S, V, W e X (cisteíno-proteases). Todas são importantes proteases com funções que vão além da proteólise, estando envolvidas em importantes processos fisiológicos (SAFTIG et al., 1998).

2.2.1 Catepsinas cisteínicas e seus inibidores naturais

A maioria das catepsinas cisteínicas são localizadas e expressas ubiquamente em tecidos humanos, como a catepsina B, H, L, C, X, F, O e V. Seu perfil de expressão indica que essas enzimas estão envolvidas na degradação e renovação natural das proteínas celulares. Em contraste, as catepsinas K, W e S apresentam uma distribuição restrita específica nas células ou tecidos, indicando seus papéis mais específicos, que podem ser observados na Tabela 1 (TURK et al., 2012).

Em geral, as catepsinas cisteínicas são pequenas proteínas monoméricas com uma massa média de aproximadamente 30 kDa, sua estrutura consiste em dois domínios (esquerdo e direito) com uma fenda de sítio ativo em forma de V localizada ao longo da interface do domínio (TURK, 2000). Nas catepsinas cisteínicas esse local contém dois resíduos ativos formando uma díade catalítica, um de cisteína (Cys-25) localizado no domínio esquerdo e um de histidina (His 159) localizado no domínio direito que, juntos, formam um par de íons tiolato-imidazól estável necessário para a atividade da enzima (FALGUEYRET et al., 2001). Atualmente são conhecidas 11 catepsinas cisteínicas humanas, sendo elas: catepsina B, C, F, H, K, L, O, S, V, X e W, informação que foi confirmada por análises de bioinformática da sequência do genoma humano (ROSSI et al., 2004).

Tabela 1 - Tecidos de expressão e funções das catepsinas cisteínicas humanas.

Catepsina	Tecido de expressão	Função
B	Cérebro, tecido endócrino, sistema respiratório, trato digestivo proximal, trato gastrointestinal, fígado, vesícula biliar, pâncreas, rim, bexiga, aparelho reprodutor masculino, aparelho reprodutor feminino, tecido muscular, pele, medula óssea e tecidos linfoides	Catabolismo de proteínas, processamento de ativação de hormônios, antígenos e renovação óssea
C	Cérebro, tecido endócrino, sistema respiratório, trato digestivo proximal, trato gastrointestinal, fígado, vesícula biliar, pâncreas, rim, bexiga, aparelho reprodutor masculino, aparelho reprodutor feminino, tecido muscular, pele, medula óssea, tecidos linfoides, tecido adiposo e tecido mole	Hidrólise de ésteres de dipeptideos, amidas, anilidas e beta-naftilamidas
F	Cérebro, tecido endócrino, sistema respiratório, trato digestivo proximal, trato gastrointestinal, fígado, vesícula biliar, pâncreas, rim, bexiga, aparelho reprodutor masculino, aparelho reprodutor feminino, tecido muscular, pele, tecido adiposo e tecido mole	Apresentação de antígeno
H	Tecido endócrino, sistema respiratório, trato digestivo proximal, trato gastrointestinal, fígado, vesícula biliar, pâncreas, rim, bexiga, aparelho reprodutor masculino, aparelho reprodutor feminino, pele, medula óssea e tecidos linfoides	Atividade de endopeptidase
L	Cérebro, tecido endócrino, sistema respiratório, trato digestivo proximal, trato gastrointestinal, fígado, vesícula	Diferenciação de queratinócitos, renovação proteica, apresentação de antígenos

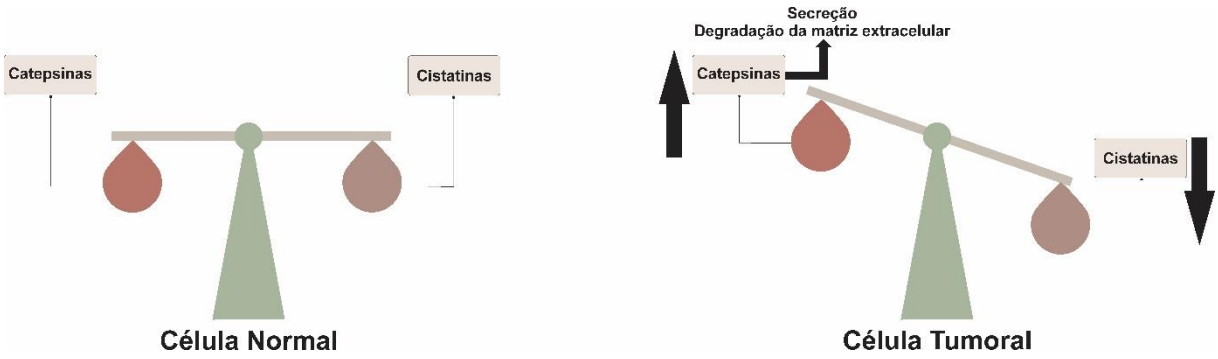
	biliar, pâncreas, rim, bexiga, aparelho reprodutor masculino, aparelho reprodutor feminino, tecido muscular, medula óssea e tecidos linfoides	
K	Pouco claro	Remodelação óssea
O	Cérebro, tecido endócrino, sistema respiratório, trato digestivo proximal, trato gastrointestinal, fígado, vesícula biliar, pâncreas, rim, bexiga, aparelho reprodutor masculino, aparelho reprodutor feminino, tecido muscular e pele	Degradação e rotatividade de proteínas
S	Cérebro, tecido endócrino, sistema respiratório, trato digestivo proximal, trato gastrointestinal, fígado, vesícula biliar, pâncreas, rim, bexiga, aparelho reprodutor masculino, aparelho reprodutor feminino, pele, medula óssea e tecidos linfoides	Proteólise da cadeia Ii nos linfócitos B
V	Cérebro, tecido endócrino, sistema respiratório, trato digestivo proximal, trato gastrointestinal, fígado, vesícula biliar, pâncreas, rim, bexiga, aparelho reprodutor masculino, aparelho reprodutor feminino, tecido muscular, pele, medula óssea, tecidos linfoides, tecido adiposo e tecido mole	Produção de encefalina e neuropeptídeo Y
W	Sistema respiratório, trato digestivo proximal, fígado, vesícula biliar, pâncreas, rim, bexiga, aparelho reprodutor masculino, pele, medula óssea e tecidos linfoides	Citotoxicidade mediada por células
X	Pouco Claro	Fagocitose, regulação das respostas imunes

Fonte: *The Human Protein Atlas*

Nos últimos anos as catepsinas cisteínicas se tornaram um alvo importante para terapias contra o câncer, pois sabe-se que o aumento da atividade proteolítica destas facilita a progressão maligna e tem sido associada a papéis promotores de tumores (JAKOŠ et al., 2019). Contudo as catepsinas podem ser reguladas por diversos inibidores proteicos descritos na literatura, conforme a Tabela 2 (LECAILLE; KALETA; BRÖMME, 2002). Esses inibidores podem interagir com o sítio ativo de forma reversível ou irreversível (LEUNG; ABBENANTE; FAIRLIE, 2000), sendo classificados em quatro grandes famílias conforme sua estrutura primária, sendo elas as estefinas (família I), cistatinas (família II), cininogênios (família III) e fitocistatinas (família IV) (DICKINSON, 2002). Além de inibidores proteicos, as catepsinas podem ser inibidas por compostos sintéticos que vem sendo descritos desde 1977 (LEARY; SHAW, 1977).

O desequilíbrio entre os níveis de catepsinas e seus inibidores é relatado como parte do processo de invasão e metástase tumoral, a super expressão e secreção das catepsinas auxiliam na degradação da matriz extracelular facilitando assim, o processo de metástase tumoral (NOMURA; KATUNUMA, 2005), conforme ilustrado na Figura 1 (FRIEDRICH et al., 1999). Níveis reduzidos de inibidores de proteases foram observados em diversos tipos de malignidades incluindo câncer de próstata (COLELLA; GOODWYN; GOPAL, 2002) e de mama (ZAJC et al., 2002) sendo que esse desequilíbrio contribui para desenvolvimento e progressão das células malignas (KOS; LAH, 1998).

Figura 1 - Equilíbrio entre catepsinas e inibidores de protease.



Fonte: Adaptado de NOMURA; KATUNUMA, (2005)

Tabela 2 - Inibidores proteicos de catepsinas cisteínicas.

(continua)

Catepsina	Inibidor	Referência
Cat B	alpha-2-macroglobulin	(BARRETT et al., 1982)
	leupeptina	(BAICI; GYGER-MARAZZI, 1982)
	cistatina A	(BARRETT, 1987)
	cistatina B	(BARRETT, 1987)
	cistatina C	(BARRETT, 1987)
	ovocystatin	(BARRETT, 1987)
	kininogen	(BARRETT, 1987)
	snake venom cystatin (*Bitis sp.*)	(EVANS; BARRETT, 1987)
	cistatina SN	(ABRAHAMSON, 1994)
	cistatina D	(ABRAHAMSON, 1994)
	cistatina E	(NI et al., 1997)
	T-kininogen	(GUTMAN et al., 1988)
	equistatin	(LENARCIC et al., 1998)
	clitocypin	(BRZIN et al., 2000)
	onchocystatin	(NEWLANDS et al., 2001)
	serpin SPI2	(PHILLIPS et al., 2004)
	phytocystatin (*Actinidia sp.*)	(RASSAM; LAING, 2004)
	amoebiasin-2	(ŠARIĆ et al., 2006)
	crammer peptidase inhibitor	(DESHAPRIYA et al., 2007)
	caneCPI cystatin (*Saccharum sp.*)	(GIANOTTI et al., 2008)
	toxostatin-1 (*Toxoplasma gondii*)	(HUANG et al., 2009)
	macrocypin 4	(RENKO et al., 2010)
	macrocypin 1	(RENKO et al., 2010)
	cystatin 2b (*R. microplus*)	(PARIZI et al., 2015)
	cystatin 2a (*Ixodes ovatus*)	(PARIZI et al., 2015)
	RHcyst-1 (*R. haemaphysaloides*)	(WANG et al., 2015)
	DARPin	(KRAMER et al., 2017)
	cistatina S	(SOOND et al., 2019)
	CP14019 (*Giardia intestinalis*)	(LIU; SVÄRD; KLOTZ, 2019)
	CP16160 (*Giardia intestinalis*)	(LIU; SVÄRD; KLOTZ, 2019)
	CP16779 (*Giardia intestinalis*)	(LIU; SVÄRD; KLOTZ, 2019)
	TK-cystatin (*Thelohanellus kitauei*)	(ZHANG et al., 2020)
Cat C	cistatina A	(BARRETT, 1987)
	cistatina B	(BARRETT, 1987)
	cistatina C	(BARRETT, 1987)
	ovocystatin	(BARRETT, 1987)
	snake venom cystatin (*Bitis sp.*)	(EVANS; BARRETT, 1987)
	cistatina SN	(TSENG et al., 2000)

Tabela 2 - Inibidores proteicos de catepsinas cisteínicas.

(continua)

Catepsina	Inibidor	Referência
	cystatin 2b (*R. microplus*)	(PARIZI et al., 2015)
	cystatin 2a (*Ixodes ovatus*)	(PARIZI et al., 2015)
	cystatin 2c (*R. microplus*)	(PARIZI et al., 2015)
	RHcyst-1 (*R. haemaphysaloides*)	(WANG et al., 2015)
Cat F	cruzipain propeptide	(REIS et al., 2007)
Cat H	alpha-2-macroglobulin	(BARRETT et al., 1982)
	cistatina A	(BARRETT, 1987)
	cistatina B	(BARRETT, 1987)
	cistatina C	(BARRETT, 1987)
	kininogen	(BARRETT, 1987)
	ovocystatin	(BARRETT, 1987)
	T-kininogen	(GUTMAN et al., 1988)
	Oryzacystatin II	(KONDO et al., 1990)
	cytotoxic T-lymphocyte antigen-2 alpha	(DELARIA et al., 1994)
	cytotoxic T-lymphocyte antigen-2 beta	(DELARIA et al., 1994)
	cistatina D	(ABRAHAMSON, 1994)
	MHC II invariant chain p41 form	(BEVEC et al., 1996)
	onchocystatin	(NEWLANDS et al., 2001)
Cat L	leupeptin	(KIRSCHKE et al., 1976)
	alpha-2-macroglobulin	(BARRETT et al., 1982)
	Ovocystatin	(BARRETT, 1987)
	cistatina A	(BARRETT, 1987)
	cistatina B	(BARRETT, 1987)
	kininogen inhibitor unit 2	(BARRETT, 1987)
	kininogen inhibitor unit 3	(BARRETT, 1987)
	kininogen	(BARRETT, 1987)
	T-kininogen inhibitor unit 2	(GUTMAN et al., 1988)
	T-kininogen inhibitor unit 3	(GUTMAN et al., 1988)
	T-kininogen	(GUTMAN et al., 1988)
	cistatina C	(ABRAHAMSON, 1994)
	cistatina D	(ABRAHAMSON, 1994)

Tabela 2 - Inibidores proteicos de catepsinas cisteínicas.

(continua)

Catepsina	Inibidor	Referência
	cytotoxic T-lymphocyte antigen-2 alpha	(DELARIA et al., 1994)
	cytotoxic T-lymphocyte antigen-2 beta	(DELARIA et al., 1994)
	SSCA	(TAKEDA et al., 1995)
	MHC II invariant chain p41 form	(BEVEC et al., 1996)
	histidine-rich glycoprotein inhibitor unit 1	(MARKS et al., 1988)
	cistatina F	(NI et al., 1998)
	equistatin	(LENARCIC et al., 1998)
	cathepsin L propeptide	(GUAY et al., 2000)
	cathepsin K propeptide	(GUAY et al., 2000)
	cathepsin S propeptide	(GUAY et al., 2000)
	clitocypin	(BRZIN et al., 2000)
	Cruzipain inhibitor (*Bauhinia bauhinioides*)	(OLIVEIRA et al., 2001)
	Bombyx-type cysteine peptidase inhibitor	(KURATA et al., 2001)
	Colligin 2	(SIAVASH et al., 2002)
	Serpin B13	(JAYAKUMAR et al., 2003)
	testican-1	(BOCOCK et al., 2003)
	Serpin srp-2 (*Caenorhabditis elegans*)	(PAK et al., 2004)
	Serpinb3b (*Mus musculus*)	(SAKATA et al., 2004)
	phytocystatin (*Actinidia sp.*)	(RASSAM; LAING, 2004)
	Endopin 2C	(HWANG et al., 2005)
	sialostatin L (*Ixodes scapularis*)	(KOTSYFAKIS et al., 2007)
	cistatina M/E	(CHENG et al., 2006)
	Falstatin	(PANDEY et al., 2006)
	Serpin srp-6 (*Caenorhabditis elegans*)	(LUKE et al., 2007)
	crammer peptidase inhibitor	(DESHAPRIYA et al., 2007)
	cathepsin V propeptide	(BURDEN et al., 2007)
	caneCPI cystatin (*Saccharum sp.*)	(GIANOTTI et al., 2008)
	toxostatin-1 (*Toxoplasma gondii*)	(HUANG et al., 2009)
	Macrocypin 1	(RENKO et al., 2010)
	Macrocypin 3	(RENKO et al., 2010)
	Macrocypin 4	(RENKO et al., 2010)
	Protein C inhibitor	(FORTENBERRY et al., 2010)
	cystatin 2b (*R. microplus*)	(PARIZI et al., 2015)
	cystatin 2a (*Ixodes ovatus*)	(PARIZI et al., 2015)
	cystatin 2c (*R. microplus*)	(PARIZI et al., 2015)
	RHcyst-1 (*R. haemaphysaloides*)	(WANG et al., 2015)

Tabela 2 - Inibidores proteicos de catepsinas cisteínicas.

(continua)

Catepsina	Inibidor	Referência
	FhKT1 (*Fasciola hepatica*)	(SMITH et al., 2016)
	cistatina E	(SOOND et al., 2019)
	cistatina M	(SOOND et al., 2019)
	Galinamida A	(BOUDREAU et al., 2019)
	TK-cystatin (*Thelohanellus kitauei*)	(ZHANG et al., 2020)
	rAacystatin	(OLIVEIRA et al., 2020)
	rRmcystatin-1b	(LU et al., 2020)
Cat K	cathepsin K propeptide	(GUAY et al., 2000)
	SCCA1	(STENMAN et al., 2001)
	Serpin B13	(JAYAKUMAR et al., 2003)
	Serpin srp-2 (*Caenorhabditis elegans*)	(PAK et al., 2004)
	Falstatin	(PANDEY et al., 2006)
	cathepsin V propeptide	(BURDEN et al., 2007)
	Serpin srp-6 (*Caenorhabditis elegans*)	(LUKE et al., 2007)
	Clitocypin	(RENKO et al., 2010)
Cat O	Pouco Claro	
Cat S	cistatina A	(ABRAHAMSON, 1994)
	cistatina B	(ABRAHAMSON, 1994)
	cistatina C	(ABRAHAMSON, 1994)
	cistatina D	(ABRAHAMSON, 1994)
	cathepsin L propeptide	(GUAY et al., 2000)
	cathepsin S propeptide	(GUAY et al., 2000)
	cathepsin K propeptide	(GUAY et al., 2000)
	squamous cell carcinoma antigen 1	(SAKATA et al., 2004)
	Serpin srp-2 (*Caenorhabditis elegans*)	(PAK et al., 2004)
	cathepsin V propeptide	(BURDEN et al., 2007)
	Macrocypin 1	(RENKO et al., 2010)
	Macrocypin 3	(RENKO et al., 2010)
	Macrocypin 4	(RENKO et al., 2010)
	clitocypin	(RENKO et al., 2010)
	RHcyst-1 (*R. haemaphysaloides*)	(WANG et al., 2015)
Cat V	Serpin srp-2 (*Caenorhabditis elegans*)	(PAK et al., 2004)
	cistatina M/E	(CHENG et al., 2006)
	Serpin srp-6 (*Caenorhabditis elegans*)	(LUKE et al., 2007)
	cathepsin V propeptide	(BURDEN et al., 2007)

Tabela 2 - Inibidores proteicos de catepsinas cisteínicas.

(conclusão)

Catepsina	Inibidor	Referência
	Clitocypin	(RENKO et al., 2010)
	Macrocypin 1	(RENKO et al., 2010)
	Macrocypin 3	(RENKO et al., 2010)
	Macrocypin 4	(RENKO et al., 2010)
Cat W	Pouco claro	
Cat X	monoclonal antibody 2F12	(OBERMAJER et al., 2006)

Fonte: Elaborado pelo autor (2022) a partir do banco de dados MEROPS acessado em março de 2022.

Embora a maioria das cisteíno-peptidases sejam endopeptidases (catepsinas L, V, F, S, K e W), algumas, como as catepsinas X e C são exopeptidases. As catepsinas B e H possuem atividade de exopeptidases e endopeptidases (TURK, 2000).

2.3 Características funcionais e estruturais das catepsinas cisteínicas e envolvimento em patologias

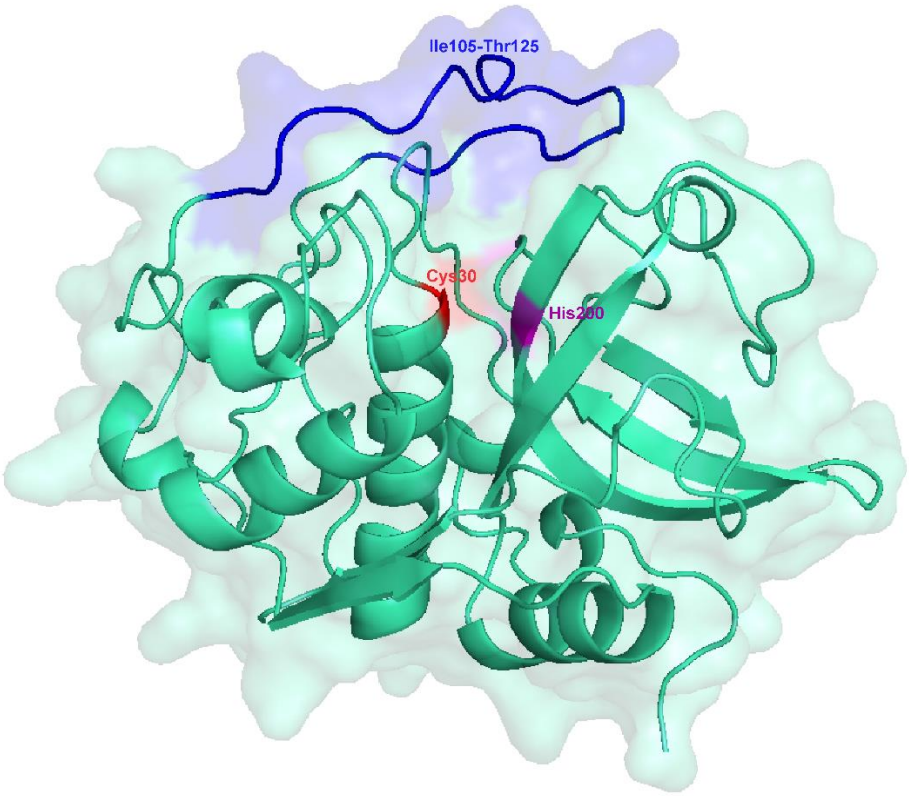
2.3.1 Catepsina B

A Cat B (EC 3.4.22.1) têm diferentes localizações subcelulares que podem determinar suas funções distintas e mecanismos de regulação independentes (BAICI et al., 2006; BESTVATER; DALLNER; SPIESS, 2005; YAN; SLOANE, 2003). Ela é única entre as catepsinas porque tem duas conformações, exopeptidase (carboxidipeptidase) e endopeptidase, devido à presença de uma inserção de 20 aminoácidos (Ile105 - Thr125) denominada alça de oclusão, que fornece a Cat B uma dupla atividade pois interfere no acesso dos substratos ao sítio ativo (ILLY et al., 1997). Em condições fisiológicas normais, a regulação da Cat B é bem coordenada e rígidamente controlada em vários níveis. Em condições patológicas, a regulação pode ser alterada em mais de um nível, resultando na superprodução, redistribuição e secreção de Cat B (MIJANOVIĆ et al., 2019).

Nos cânceres, a Cat B é encontrada em lisossomos que são perinucleares, bem como em vesículas por todo o citoplasma e na periferia da célula, sua forma ativa é secretada pelas células tumorais (KLOSE et al., 2006; RECKLIES et al., 1980; SAMENI et al., 1995; SLOANE et al., 1994). A secreção de Cat B pode ocorrer através da liberação de vesículas de membrana, microvesículas ou exossomos (CAVANAUGH et al., 1983; GIUSTI et al., 2008). No microambiente tumoral a Cat B está envolvida na proliferação, disseminação, degradação da membrana extracelular, aumento da motilidade, invasão e mediação da angiogênese de variados tipos de cânceres como os carcinomas de mama, melanoma, câncer gástrico, câncer de pulmão, câncer de cólon, câncer de ovário, câncer de colo do útero, câncer de pâncreas, carcinoma de glioblastoma e tireoide, colangiocarcinomas, carcinomas hepatocelulares e câncer de bexiga (TAN et al., 2013).

A estrutura terciária da catepsina B (verde) com destaque para o aminoácido Cys30 (vermelho), His200 (rosa) que juntamente com a asparagina (Asn220) formam o sítio ativo da proteína. Pode ser visualizada também a alça de oclusão Ile105-Thr125 (azul) na Figura 2. A estrutura proteica foi obtida através do RCSB PDB (BERMAN, 2000) código de identificação 1GMY (GREENSPAN et al., 2001).

Figura 2 - Estrutura terciária da Catepsina B humana.



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

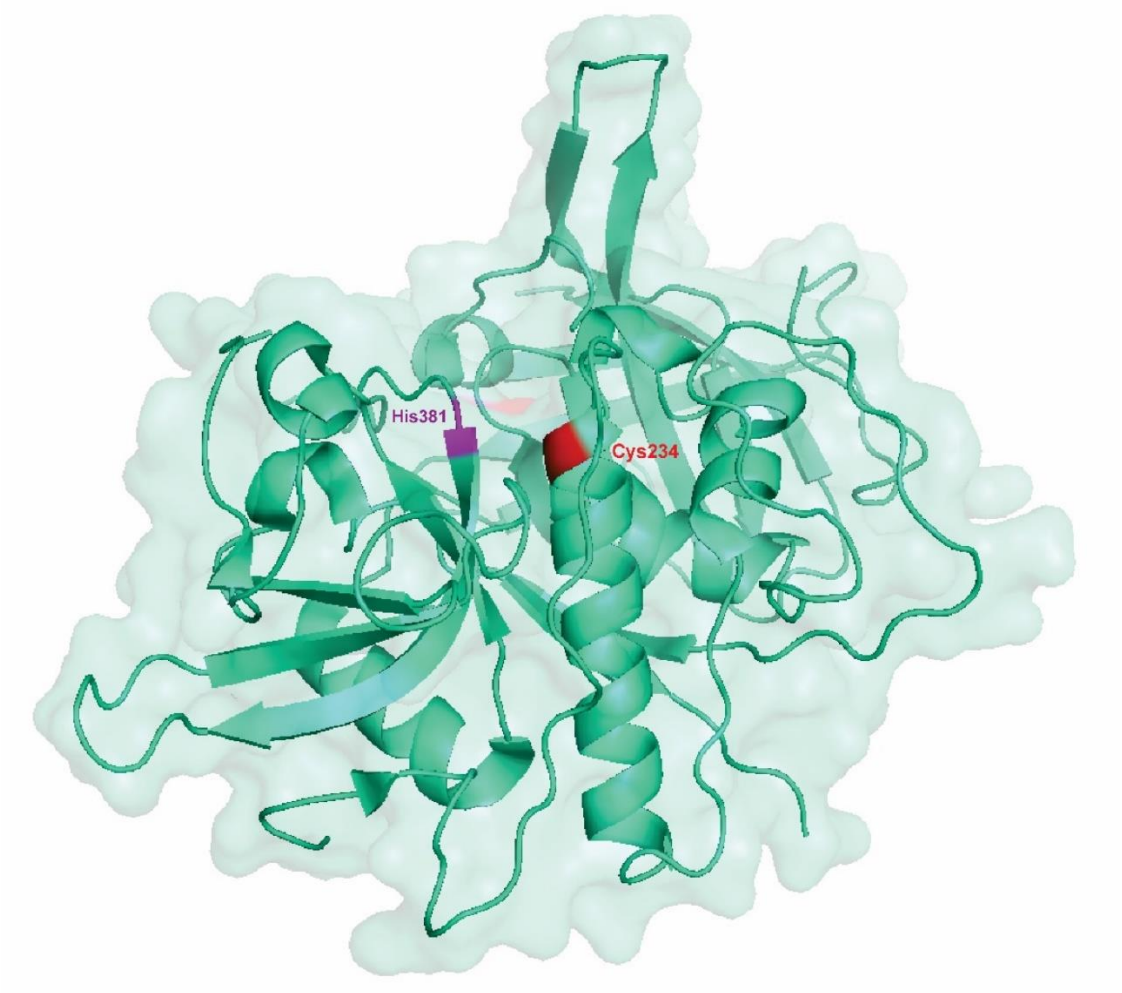
2.3.2 Catepsina C

Cat C (EC 3.4.14.1) também chamada de dipeptidil peptidase I, é sintetizada como um zimogênio proteoliticamente inativo, em seguida, processada em uma série de clivagens proteolíticas para produzir a forma madura da enzima (YANG et al., 2011). Assim como outros membros da família das catepsinas ela é responsável pela degradação de proteínas não específicas no meio ligeiramente ácido do lisossoma. No entanto, experimentos com ratos *knock-out* e estudos genéticos também identificaram papéis específicos para a Cat C nas células do sistema imunológico (TURK et al., 2012). Foi demonstrado que a Cat C ativa serino proteases efetoras no sistema imunológico e sua atividade excessiva tem sido associada a diferentes doenças inflamatórias, como doença pulmonar obstrutiva crônica e fibrose cística (METHOT et al., 2008; PHAM; LEY, 1999). Por outro lado, a atividade insuficiente da Cat C, leva a doenças autoimunes como a síndrome de Papillon-Lefèvre e Haim-Munk, caracterizada por ceratodermia palmoplantar e periodontite severa (HART et al., 2000; NAKANO et al., 2001).

O papel da Cat C no câncer não é claro, embora existam relatos de aumento significativo da sua expressão em adenocarcinomas, carcinogênese pancreática, mamária e escamosa (ALTORJAY et al., 2005; JOYCE; HANAHAN, 2004; RUFFELL et al., 2013). Foi revelado que a carcinogênese escamosa é funcionalmente dependente da expressão de Cat C (RUFFELL et al., 2013).

A estrutura terciária da Catepsina C (verde) com destaque para os aminoácidos da díade catalítica Cys234 (vermelho) e Hys381 (rosa) pode ser visualizada na Figura 3. A estrutura proteica foi obtida através do RCSB PDB (BERMAN, 2000) código de identificação 1K3B (TURK, 2001).

Figura 3 - Estrutura terciária da Catepsina C humana.



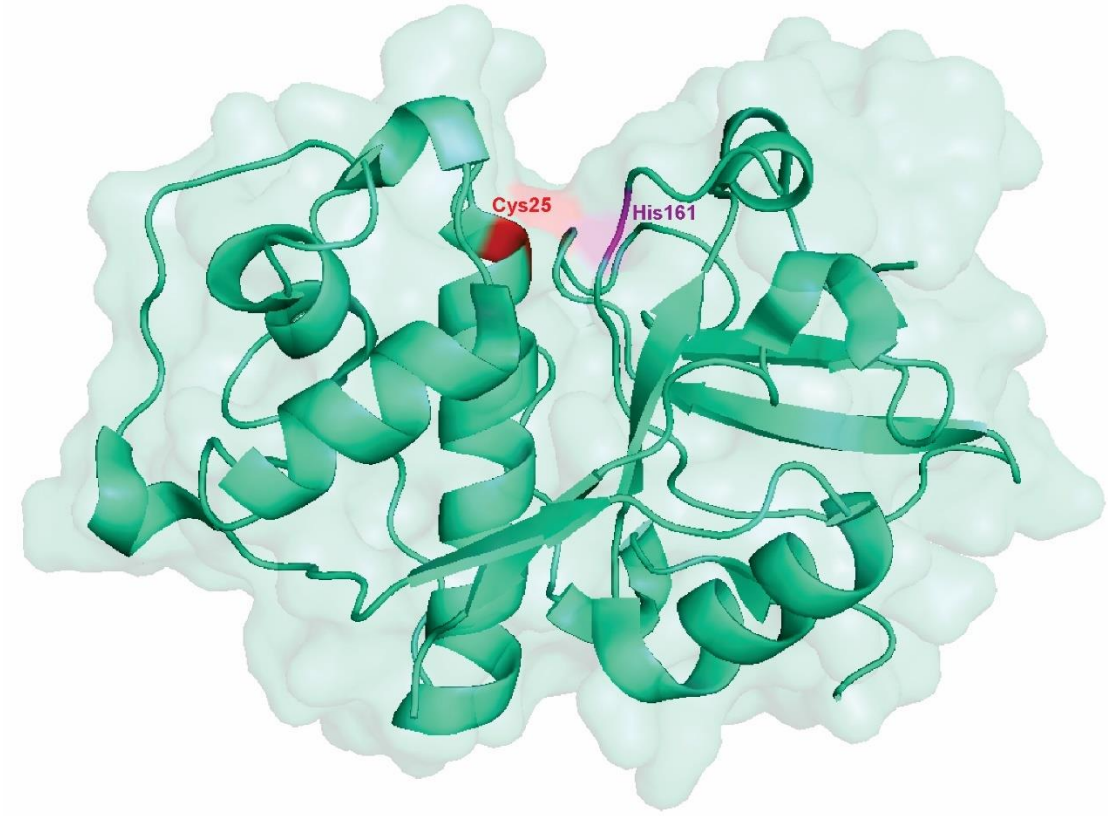
Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

2.3.3 Catepsina F

Análises realizadas com *Northern blot* demonstraram que a Cat F (EC 3.4.22.41) é expressa de forma ubíqua em vários tecidos com uma expressão mais elevada no músculo esquelético, testículo, cérebro e fígado. Os transcritos da Cat F também foram encontrados em várias linhagens de células cancerosas, sugerindo que esta enzima poderia estar envolvida em processos degradativos durante a progressão do tumor (SANTAMARÍA et al., 1999). Posteriormente foi descrito que em carcinoma cervical e câncer gástrico a Cat F participa do processo de tumorigênese celular (TAN et al., 2013).

A estrutura terciária da catepsina F (verde) com destaque para os aminoácidos da díade catalítica Cys25 (vermelho) e His161 (rosa) pode ser visualizada na Figura 4. A estrutura proteica foi obtida através do RCSB PDB (BERMAN, 2000) código de identificação 1M6D (SOMOZA; PALMER; HO, 2002).

Figura 4 - Estrutura terciária da Catepsina F humana.



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

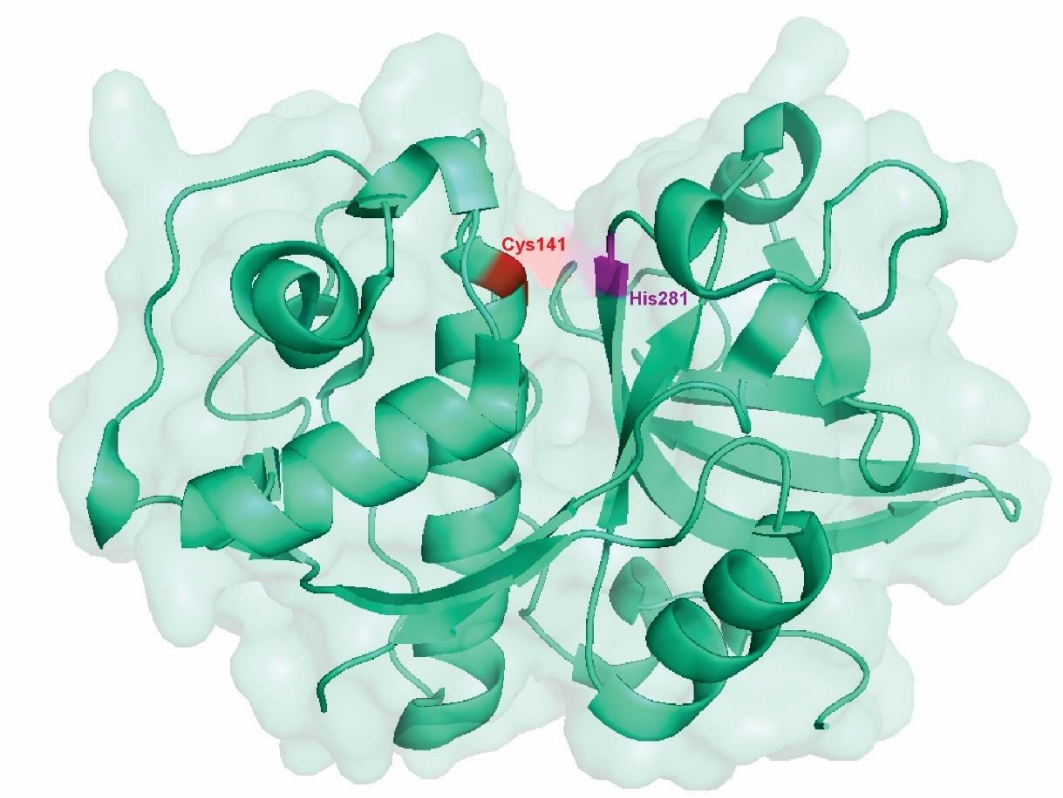
2.3.4 Catepsina H

Conhecida por ser expressa no pulmão adulto, a Cat H (EC 3.4.22.16) processa a proteína surfactante pulmonar (UENO et al., 2004), sendo também expressa ubiquamente em outros tecidos (TURK et al., 2012).

A Cat H está associada a várias condições patológicas, sua capacidade de elevar a motilidade, invasão, proliferação e participar da mediação da angiogênese é fator importante no desenvolvimento de carcinoma de mama, câncer colorretal, melanoma, carcinoma de cabeça e pescoço, glioma e câncer de próstata (TAN et al., 2013). Em pacientes com melanoma a Cat H também demonstrou ser um bom marcador prognóstico. Pacientes com altos níveis séricos de Cat H tem sobrevida global significativamente menor do que os pacientes com baixos níveis dessa proteína (KOS; LAH, 1998).

A estrutura terciária da catepsina H (verde) com destaque para os aminoácidos da díade catalítica Cys141 (vermelho) e His281 (rosa) pode ser visualizada na Figura 5. A estrutura proteica foi obtida através do RCSB PDB (BERMAN, 2000) código de identificação 6CZS (HAO et al., 2018).

Figura 5 - Estrutura terciária da Catepsina H humana.



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

2.3.5 Catepsina K

A Cat K (EC 3.4.22.38) é uma cisteíno protease altamente expressa nos osteoclastos, na maioria das células epiteliais e nos fibroblastos sinoviais das articulações na artrite reumatoide. Entre as enzimas que degradam a matriz, a Cat K é a única enzima para a qual um papel essencial na reabsorção óssea foi documentado em camundongos e seres humanos (TURK et al., 2012). A Cat K ativada é capaz de degradar vários componentes da matriz óssea, incluindo o colágeno tipo I (responsável por aproximadamente 90% da matriz óssea), osteopontina e osteonectina (STOCH; WAGNER, 2008).

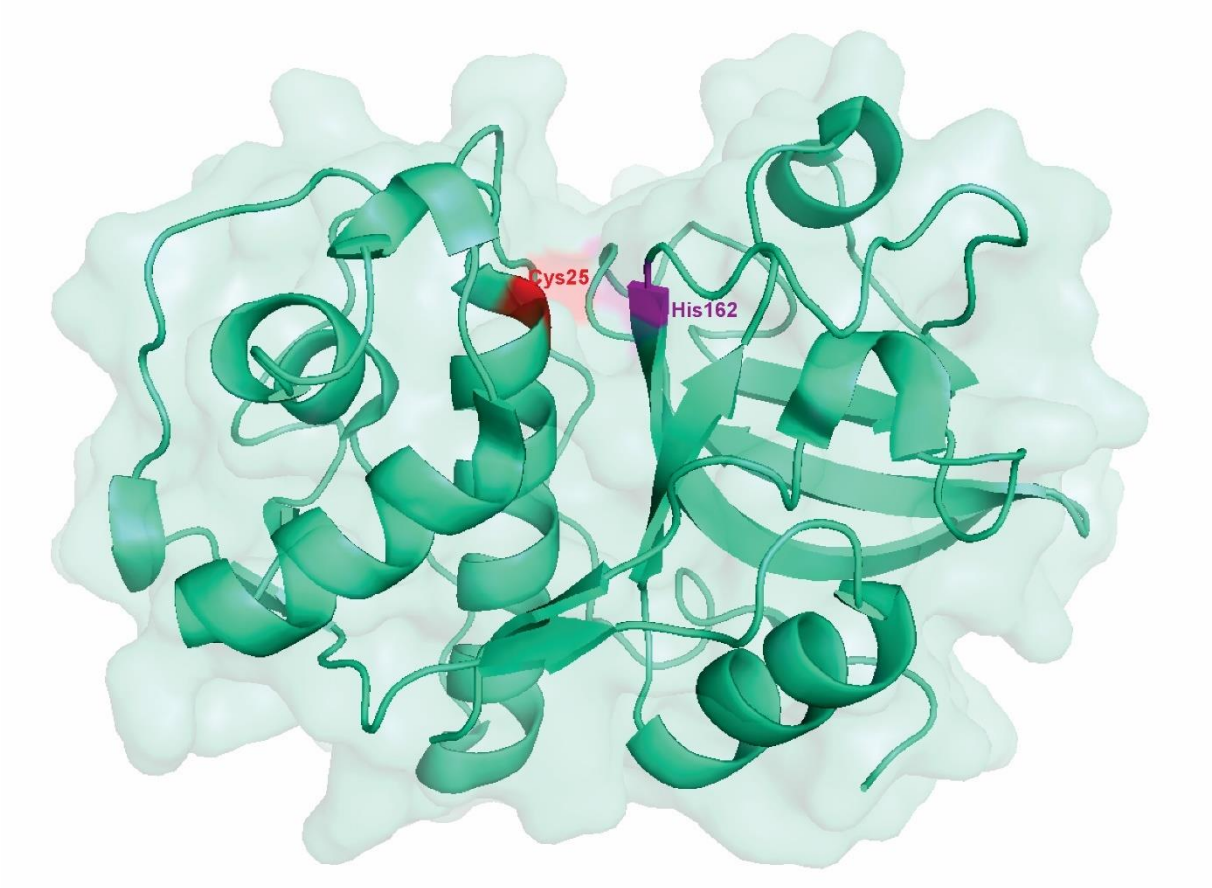
Mutações raras no gene codificador da Cat K levam a picnodisostose, uma doença que causa aumento da massa óssea (CHAVASSIEUX et al., 2008), em contrapartida uma baixa massa óssea juntamente com fragilidade esquelética causa osteoporose, que ocorre devido a um desequilíbrio entre a reabsorção óssea (influenciada pelos osteoclastos) e a formação óssea (influenciada pelos osteoblastos) resultando em perda óssea (GARNERO et al., 1998; PECK, 1993).

Nas últimas décadas, depois da confirmação da relação entre Cat K e doenças relacionadas aos ossos, como a osteoporose, muitos esforços têm sido dedicados ao desenvolvimento de inibidores de Cat K (LU et al., 2018). Enquanto permitem a desmineralização, os inibidores da Cat K suprimem a degradação do colágeno tipo I (a principal matriz orgânica do osso) aumentando a formação óssea (NEGRI, 2008).

A capacidade de degradação da membrana extracelular pela Cat K é fator importante na progressão do câncer gástrico, carcinoma de células escamosas, carcinoma basocelular, tumor de mama, câncer de pulmão, melanomas, tumores de próstata e tumor renal (TAN et al., 2013). Alguns inibidores de Cat K foram aprovados em estudos pré-clínicos e atualmente estão em ensaios clínicos em diferentes estágios de desenvolvimento (NEGRI, 2008).

A estrutura terciária da Catepsina K (verde) com destaque para os aminoácidos da díade catalítica Cys25 (vermelho) e His162 (rosa) pode ser visualizada na Figura 6. A estrutura proteica foi obtida através do RCSB PDB (BERMAN, 2000) código de identificação 2ATO (WEIDAUER et al., 2007).

Figura 6 - Estrutura terciária da Catepsina K humana.



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

2.3.6 Catepsina L

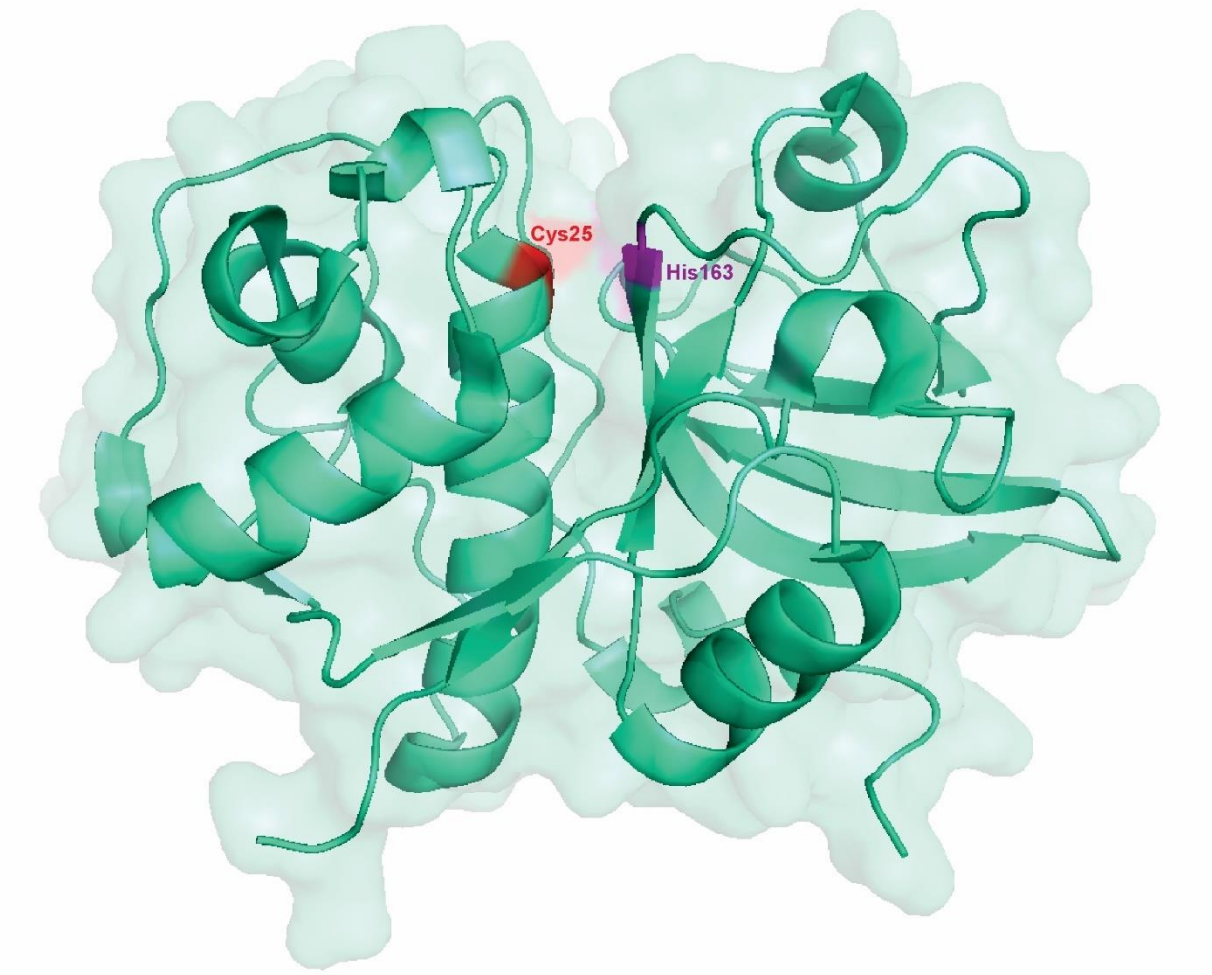
A Cat L (EC 3.4.22.15) é a proteína mais conhecida e estudada dentre as cisteíno proteinases. A Cat L como outras proteinases da família C1, é sintetizada em uma forma inativa que contêm seu pró-peptídeo, posteriormente a remoção do pró-peptídeo a catepsina L pode ser encontrada em sua forma ativa (KIRSCHKE et al., 1981).

Estudos realizados em 2003 por MACABEO-ONG e colaboradores demonstraram que a catepsina L está super expressa nos carcinomas orais e alguns parâmetros como tamanho do tumor e estágio da doença foram correlacionados com a expressão da Cat L (MACABEO-ONG et al., 2003). O envolvimento da Cat L em tumores ósseos como osteosarcoma, mieloma múltiplo e condrossarcoma encontra-se bem fundamentado (LETO et al., 2010). A habilidade de degradação da membrana extracelular é fator importante para o aumento da motilidade e invasão tumoral em variados tipos de cânceres como: câncer de mama, câncer de pulmão, câncer

gástrico, câncer de cólon, carcinomas de cabeça e pescoço, melanomas, gliomas, câncer de ovário, câncer de pâncreas (TAN et al., 2013).

A estrutura terciária da catepsina L (verde) com destaque para os aminoácidos da díade catalítica Cys25 (vermelho) e His163 (rosa) pode ser visualizada na Figura 7. A estrutura proteica foi obtida através do RCSB PDB (BERMAN, 2000) código de identificação 1ICF (GUNČAR et al., 1999).

Figura 7 - Estrutura terciária da catepsina L humana.



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

2.3.7 Catepsina O

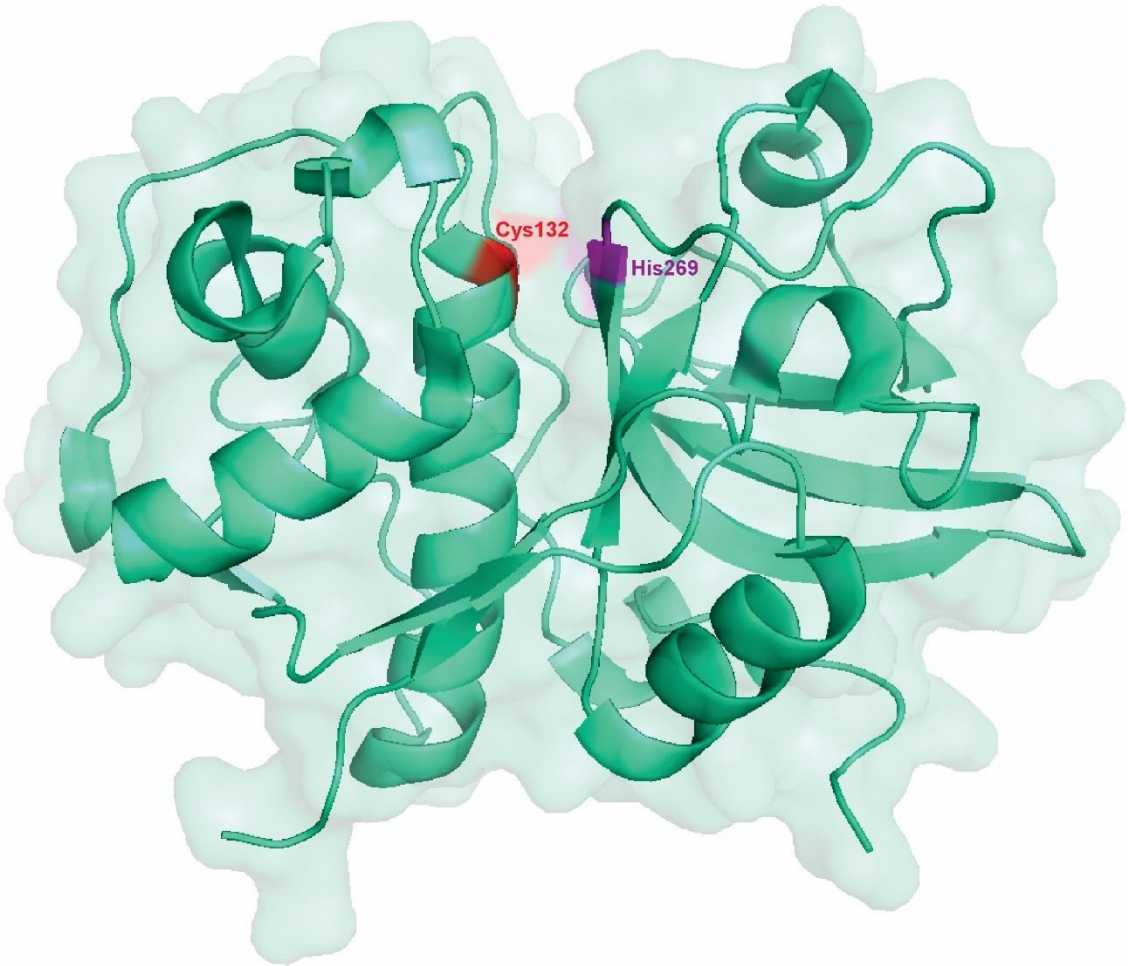
Existem poucos estudos sobre a Cat O (EC 3.4.22.42), esta proteína foi relatada pela primeira vez quando descrita a partir de uma biblioteca de cDNA de câncer de mama humano (VELASCO et al., 1994). Posteriormente foi demonstrado que a Cat O tem atividade de endoprotease contra o fibrinogênio em pH ácido,

indicando que pode desempenhar um papel na degradação da matriz extracelular (SHI et al., 1995).

O papel da Cat O no câncer é pouco claro, estudos apresentaram evidências de que a Cat O possui alguns mecanismos subjacentes que podem dificultar a atuação do medicamento tamoxifeno, utilizado para o tratamento do câncer de mama (CAIRNS et al., 2017).

A estrutura terciária da catepsina O (verde) com destaque para alguns dos aminoácidos da tríade catalítica Cys132 (vermelho) e His269 (rosa) pode ser visualizada na Figura 8. A Cat O ainda apresenta no seu sítio ativo um resíduo de asparagina Asn289 formando assim a tríade catalítica. A estrutura molecular de Cat O foi elaborada com previsão de estrutura baseada em *deep learning* utilizando AlphaFold2 (JUMPER et al., 2021), o resultado apresentado foi considerado de alta confidencialidade.

Figura 8 - Estrutura terciária da Catepsina O humana.



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

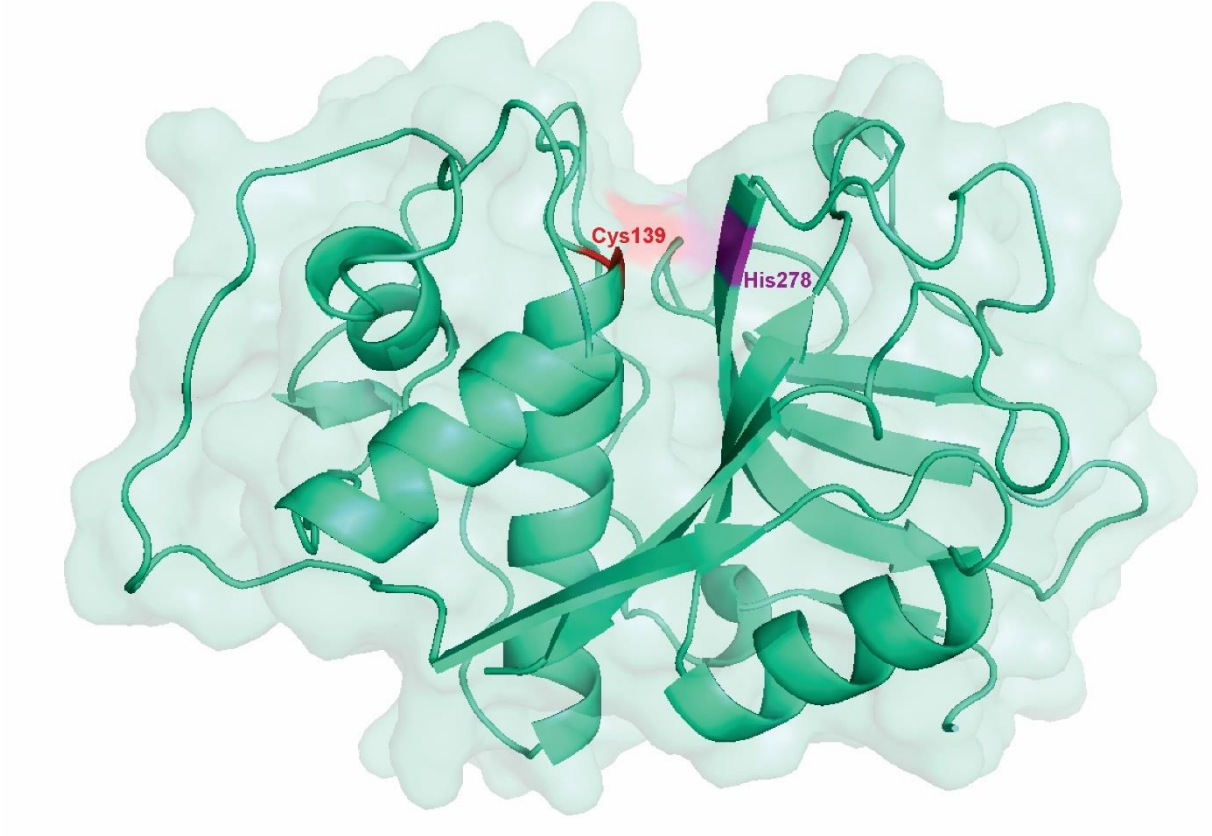
2.3.8 Catepsina S

A catepsina S (EC 3.4.22.27) é uma cisteíno-peptidase lisossomal caracterizada como endopeptidase e sem nenhuma atividade exopeptidase detectada (FUCHS et al., 2020). Esta enzima está envolvida na remodelação e degradação do tecido conjuntivo e da membrana basal. A expressão ou atividade desregulada de Cat S tem sido associada a uma variedade de doenças, incluindo artrite, câncer, doenças cardiovasculares e pulmonares. Alguns fatores podem influenciar na desregulação da expressão e atividade da Cat S como o tabagismo que por sua vez impulsiona a regulação positiva da Cat S nos tecidos pulmonares, elevando a possibilidade de desenvolvimento tumoral (ANDRAULT et al., 2019).

Com relação ao ambiente tumoral, a Cat S é relacionada com o aumento da motilidade, invasão e mediação da angiogênese. Sendo descrito seu papel em carcinoma de células gliais ou astrocitomas, câncer gástrico, carcinoma hepatocelular, glioblastomas, melanoma, câncer de células das ilhotas pancreáticas, carcinoma basocelular, tumor de mama, câncer de pulmão, melanomas, tumores de próstata e tumor renal (TAN et al., 2013).

A estrutura terciária da catepsina S (verde) com destaque para alguns dos aminoácidos da tríade catalítica Cys139 (vermelho) e His278 (rosa) pode ser visualizada na Figura 9. A Cat S ainda apresenta no seu sítio ativo um resíduo de asparagina Asn298 formando assim a tríade catalítica. A estrutura molecular de Cat S foi elaborada com previsão de estrutura baseada em *deep learning* utilizando AlphaFold2 (JUMPER et al., 2021), o resultado apresentado foi considerado de alta confidencialidade.

Figura 9 - Estrutura terciária da Catepsina S humana.



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

2.3.9 Catepsina V

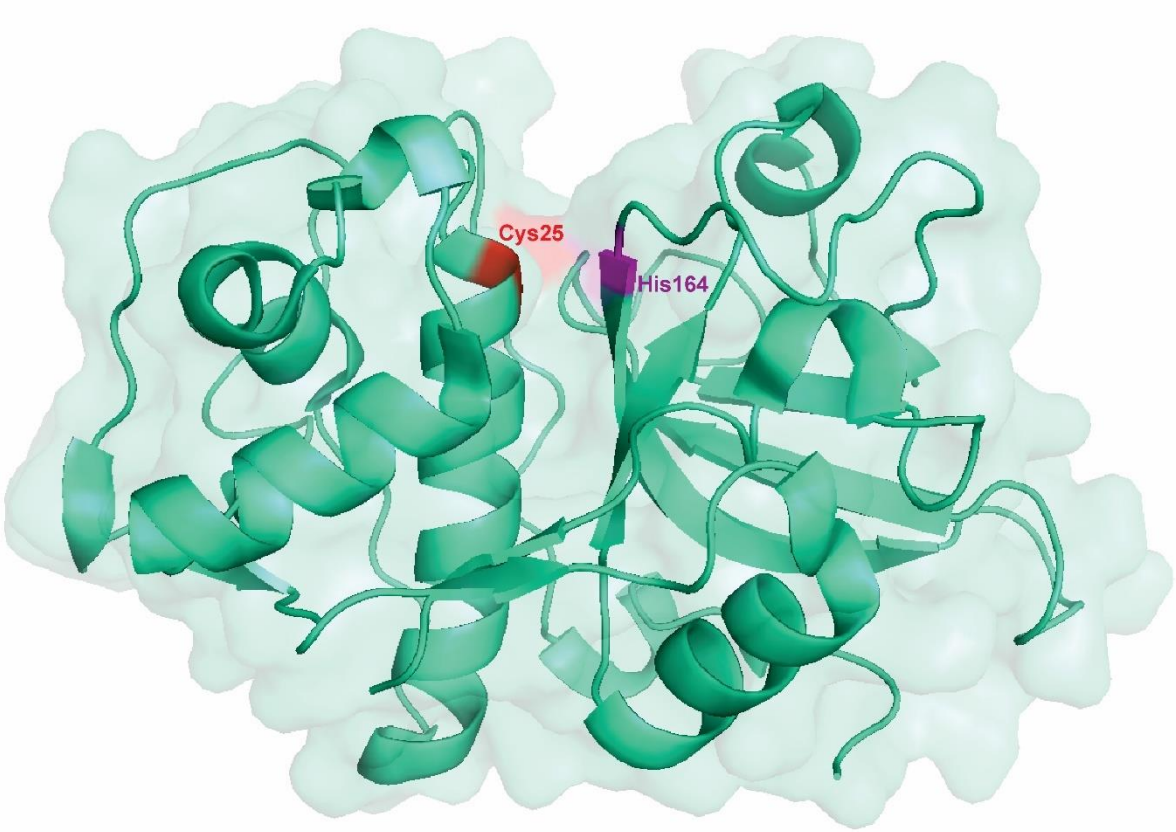
A catepsina V também chamada de catepsina L2 (EC 3.4.22.43) é uma cisteíno protease que foi clonada a partir de bibliotecas de cDNA derivadas do epitélio da córnea, timo e testículo, por três grupos de pesquisa independentes (ADACHI et al., 1998; BRÖMME et al., 1999; SANTAMARÍA et al., 1998).

A elevação dos níveis de expressão de Cat V está fortemente correlacionada com diversas malignidades como o câncer de cólon (GORETZKI et al., 1992; KOBAYASHI et al., 1991) adenocarcinoma renal, carcinoma de ovário e endométrio (SANTAMARÍA et al., 1998) carcinoma hepatocelular e câncer de mama (JING et al., 2018; SANTAMARÍA et al., 1998; SUN et al., 2016; TOSS et al., 2020) câncer de pulmão, tireoide e timo (TEDELIND et al., 2010; TOLOSA et al., 2003; WILDER et al., 2011) alguns estudos apontam ainda um papel da Cat V na desregulação da apoptose celular (FEHRENBACHER et al., 2008). Baseado na literatura a Cat V pode ser um

biomarcador relevante para cânceres específicos, sendo uma promissora proteína a ser investigada (LECAILLE; KALETA; BRÖMME, 2002).

A estrutura terciária da catepsina V (verde) com destaque para alguns dos aminoácidos da tríade catalítica Cys25 (vermelho) e His164 (rosa) pode ser visualizada na Figura 10. A Cat V ainda apresenta no seu sítio ativo um resíduo de asparagina Asn188 formando assim a tríade catalítica. A estrutura proteica foi obtida através do RCSB PDB (BERMAN, 2000) código de identificação 1FH0 (SOMOZA et al., 2000).

Figura 10 - Estrutura terciária da Catepsina V humana.



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

2.3.10 Catepsina X

A catepsina X (EC 3.4.18.1), também conhecida como catepsina Z, é uma cisteino-carboxipeptidase ativada por endopeptidades lisossomais (KOS et al., 2015). Cat X é expressa em células do sistema imune, bem como linfócitos T, monócitos, macrófagos e até mesmo células dentríticas, justamente por regular a maturação destas células no início da imunidade adaptativa. Além disso, apresenta função de fagocitose, maturação, proliferação, migração, adesão e transdução de sinal das células imune (DOLENC et al., 2021; KOS et al., 2015).

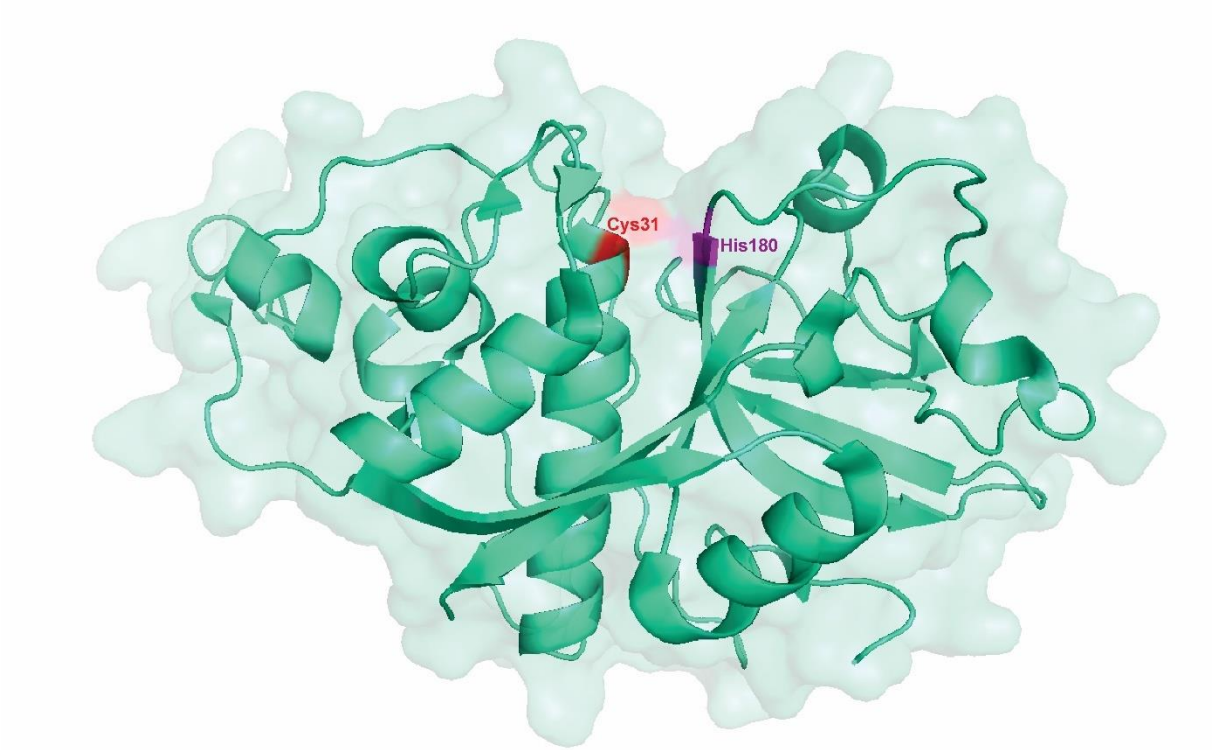
Estudos mostraram que em células tumorais deficientes em catepsina B a catepsina X substitui a cat B na superfície das células. Sondas baseadas em atividade de catepsinas cisteínicas marcaram a catepsina B na superfície destas células tumorais, e foram capazes de mostrar tal processo (VASILJEVA et al., 2006).

A catepsina X tem papel na proliferação e mediação da transição epitélio-mesenquimal em células tumorais, tendo níveis de expressão elevada em melanomas malignos, tumores de pulmão, câncer de mama, câncer colorretal, especialmente no câncer de próstata (TAN et al., 2013). No entanto, também são encontrados níveis expressos em doenças inflamatórias e distúrbios neurodegenerativos relacionados à inflamação (DOLENC et al., 2021; KOS et al., 2015).

Cat X possui baixo referêncial teórico a respeito do câncer e seu papel em processos malignos ainda não é claro. Entretanto, quando se trata de câncer colorretal, Cat X pode se apresentar como excelente indicador de prognóstico para determinar a sobrevida do paciente (VIZIN et al., 2012).

A estrutura terciária da catepsina X (verde) com destaque para alguns aminoácidos da tríade catalítica Cys31 (vermelho) e His180 (rosa) pode ser visualizada na Figura 11. A Cat X ainda apresenta no seu sítio ativo um resíduo de asparagina Asn200 formando assim a tríade catalítica. A estrutura proteica foi obtida através do RCSB PDB (BERMAN, 2000) código de identificação 1EF7 (GUNČAR et al., 2000).

Figura 11 - Estrutura terciária da Catepsina X humana.



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

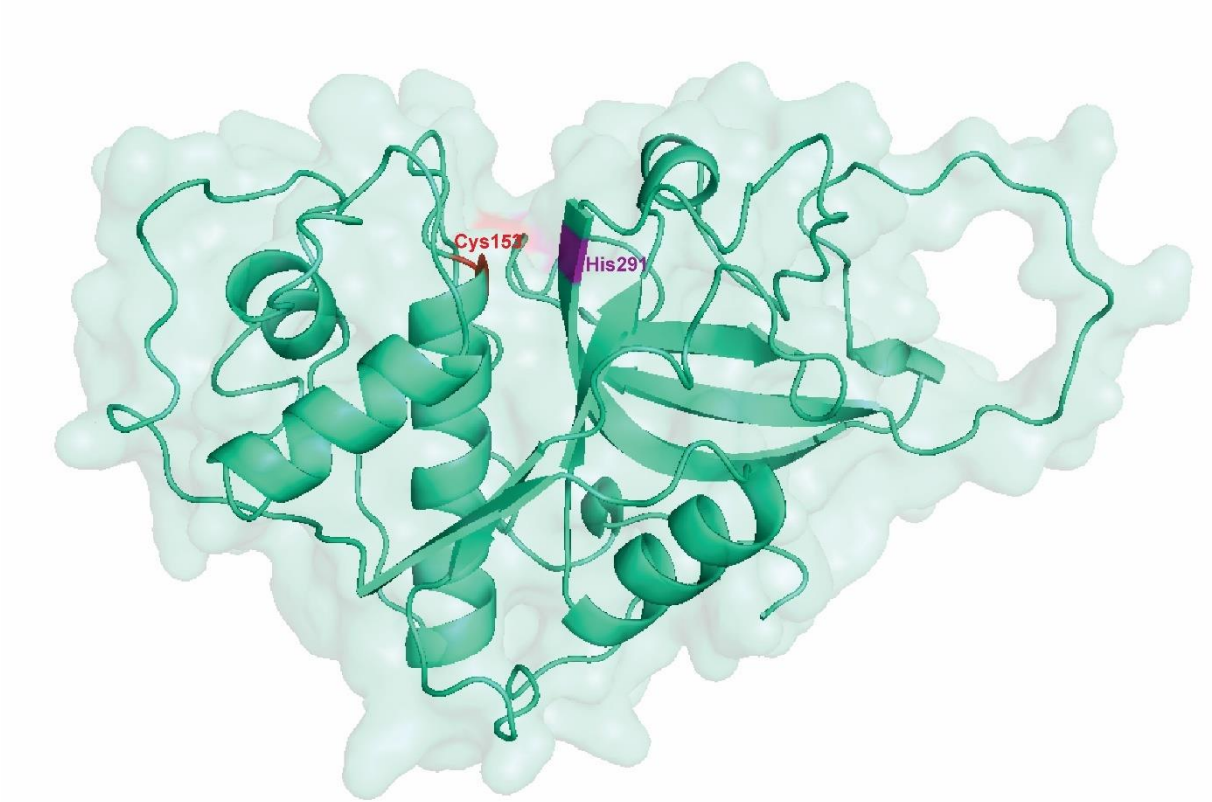
2.3.11 Catepsina W

A catepsina W (EC 3.4.22.1) também denominada linfopaína, foi identificada por Linnevers e colaboradores, em 1997 (LINNEVERS; SMEEKENS; BROMME, 1997) e foi classificada como membro da família da papaína. Cat W é expressa nas células exterminadoras naturais ou células NK (do inglês *Natural Killer*) e em células T citotóxicas (CTL), mais especificamente nos linfócitos T CD8+ (ONDR; PHAM, 2004; VIVIER et al., 2008; WEX et al., 2003).

Cat W tem suas funções e propriedades pouco estudadas, porém sugere-se que ela possui papel no processo citotóxico produzido pelas células NK e CTL (WEX et al., 2001, 2003). A estrutura terciária da Catepsina W (verde) com destaque para para alguns aminoácidos da tríade catalítica Cys153 (vermelho) e His291 (rosa) pode ser visualizada na Figura 12. A Cat X ainda apresenta no seu sítio ativo um resíduo de asparagina Asn331 formando assim a tríade catalítica. A estrutura molecular de

Cat W foi elaborada com previsão de estrutura baseada em *deep learning* utilizando AlphaFold2 (JUMPER et al., 2021), o resultado apresentado foi considerado de alta confidencialidade.

Figura 12 - Estrutura terciária da Catepsina W humana



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

2.4 Cistatinas

A regulação da atividade das catepsinas ocorre por meio de inibidores de proteases, um grupo específico de moléculas que têm a propriedade de reduzir a atividade catalítica destas enzimas proteolíticas. As cistatinas são proteínas que inibem especificamente a atividade da papaína e das proteases cisteínicas relacionadas. Cistatinas são inibidores competitivos que interagindo com o sítio ativo da enzima-alvo, bloqueiam o acesso ao substrato. A afinidade com as proteases-alvo é extremamente alta, tornando difícil a reversão da inibição (BARRETT, 1987). Descrita pela primeira vez em clara de ovo e posteriormente denominada como cistatina de clara de ovo de galinha, as cistatinas foram caracterizadas também em microrganismos, espécies animais e vegetais (COLELLA et al., 1989).

Verificou-se que as cistatinas possuem homólogos em diferentes animais pluricelulares, dessa maneira foi denominada a “superfamília das cistatinas" (BARRETT, 1987). A classificação nas famílias é baseada em similaridades de sequência primária, massas moleculares, número de ligações dissulfeto e localização subcelular (ABRAHAMSON; ALVAREZ-FERNANDEZ; NATHANSON, 2003; BENCHABANE et al., 2010; TURK; TURK, 2008).

A família 1 (estefinas) é composta por dois membros (estefina A e B) os quais são encontrados no citosol, possuem uma massa molecular de aproximadamente 11 kDa, com apenas um domínio inibitório e sem pontes dissulfeto. Promovem ação inibitória nas catepsinas liberadas pelos lisossomos (ABRAHAMSON; ALVAREZ-FERNANDEZ; NATHANSON, 2003; BENCHABANE et al., 2010; TURK; TURK, 2008).

A família 2 cistatinas propriamente ditas, também apresentam um domínio inibitório único e sua atuação é extracelular e/ou transcelular, possuem massa molecular de ~15 kDa com quatro resíduos cisteínicos formando pontes dissulfeto. Nesta família está a mais bem estudada cistatina, a cistatina C humana descrita pela primeira vez em 1961 como constituinte da urina de pacientes com falhas renais e que, atualmente, seus níveis são utilizados como marcador endógeno da função renal (ODDEN et al., 2010; TURK; TURK, 2008).

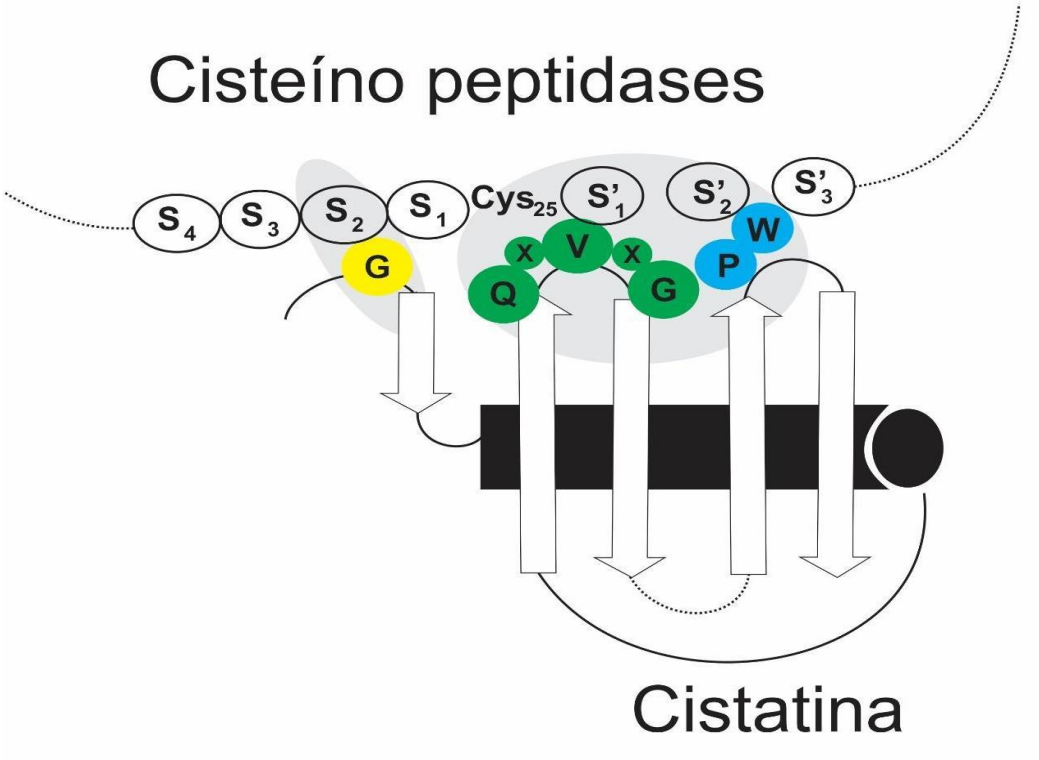
A família 3 (cininogênios) pode também ser denominada de cistatinas intravasculares visto que seus representantes são encontrados no plasma sanguíneo e em secreções de mamíferos. Esta família mostra uma organização estrutural mais complexa, possuem domínios inibitórios múltiplos, possivelmente resultantes de eventos de duplicação gênica, que originam proteínas de altas massas moleculares (60-120kDa). Esse grupo atua como fator de conversão e/ou ativação nos processos de coagulação sanguínea (ABRAHAMSON; ALVAREZ-FERNANDEZ; NATHANSON, 2003; BENCHABANE et al., 2010; TURK; TURK, 2008).

A família 4 (fitocistatinas) se caracteriza por apresentar uma sequência conservada Leu-Ala-Arg-Ala-Val (LARFAV). A presença da sequência LARFAV é exclusiva das cistatinas de plantas e é usada para identificar fitocistatinas em particular (VALUEVA; MOSOLOV, 2004). As fitocistatinas possuem uma atividade inibitória bifuncional contra papaína e legumaínas. Fitocistatinas têm sido identificadas em diversas espécies vegetais, tanto em monocotiledôneas quanto em dicotiledôneas e constituem uma família formada por mais de 80 membros oriundos de um mesmo ramo evolutivo (HABIB; FAZILI, 2007).

O mecanismo de interação entre as cistatinas e suas proteases alvo, é caracterizado especificamente pela presença de domínios altamente conservados: (1) um resíduo de glicina (G) na região amino-terminal; (2) o motivo QxVxG; e (3) um triptofano (W) na região carboxi-terminal, sendo que, estes dois últimos motivos estruturais localizam-se no primeiro e segundo *loops* entre as folhas-β da estrutura terciária. Estes motivos proteicos são os principais responsáveis pela atividade inibitória do sítio ativo das enzimas-alvo, as proteases cisteínicas. Sendo assim, a interação desses inibidores com a protease alvo deve seguir o modelo proposto para a já citada anteriormente cistatina do ovo de galinha (ABE et al., 1988; BODE et al., 1988)

A interação entre cistatina e cisteíno peptidase alvo pode ser visualizada na Figura 13, em destaque as regiões envolvidas na inibição: em amarelo o segmento N-terminal, contendo o resíduo de glicina conservado interagindo com a peptidase no subsítio S2; em verde a alça central, formada pelo motivo Q-X-V-X-G interagindo com no subsítio S'1 e em azul o domínio C-Terminal, contendo o resíduo conservado de triptofano interagindo com a peptidase no subsítio S'2.

Figura 13 - Demonstração esquemática do mecanismo de interação entre uma cistatina e sua cisteíno peptidase alvo.



Fonte: Adaptado de ALBAREZ-FERNANDEZ; ABRAHAMSON, M., (2006)

2.5 Estudos com as cistatinas de carrapatos

Os carrapatos têm sucesso na sua atividade de parasitismo pois conseguiram se adaptar ao longo do tempo, sendo capazes de realizar a modulação do sistema imune do hospedeiro, capacidade essa adquirida durante a co-evolução parasita-hospedeiro (RECH, 2007). O entendimento sobre as funções e mecanismos de ação dos diferentes tipos de cistatinas tem sido possível, em grande parte, graças aos experimentos de clonagem e expressão heteróloga destes inibidores de proteases provenientes de diferentes espécies. Diversos trabalhos foram realizados ao redor do mundo com foco na clonagem e caracterização de cistatinas de carrapatos, obtendo as proteínas recombinantes purificadas e funcionais.

Algumas espécies de carrapatos apresentaram mais de uma cistatina como os carrapatos da espécie *Rhipicephalus microplus,* no qual já foram identificadas diferentes cistatinas: BrBmcys2a, BrBmcys2b, BrBmcys2c, BrBmcys2d, BrBmcys2e (PARIZI et al., 2013), Bmcystatin (LIMA; SASAKI; TANAKA, 2006), Rmcystatin-4 (CARDOSO et al., 2017) e Rmcystatin-1b (LU et al., 2020). A cistatina alvo desse estudo é proveniente da espécie *Rhipicephalus haemaphysaloides, e* foi descrita e caracterizada por um grupo chines, o qual nomeou essa cistatina como RHcyst-1 e a classificou como membro do grupo 1 das cistatinas (WANG et al., 2015). Outras espécies de carrapatos também já tiveram suas cistatinas estudadas, conforme descrito na Tabela 3.

Tabela 3 - Cistatinas de carrapatos descritas na literatura

Espécie	Referência
Ixodes scapularis	(KOTSYFAKIS et al., 2007; VALENZUELA et al., 2002)
Amblyomma variegatum	(NENE et al., 2002; RIBEIRO et al., 2011)
Rhipicephalus appendiculatus	(NENE et al., 2004; PARIZI et al., 2020)
Ixodes pacificus	(FRANCISCHETTI et al., 2005)
Dermacentor andersoni	(ALARCON-CHAIDEZ; SUN; WIKEL, 2007)
Ixodes ricinus	(CHMELAŘ et al., 2008; COTTÉ et al., 2014; LIU et al., 2014; SCHWARZ et al., 2013)
Ornithodorus parkeri	(FRANCISCHETTI et al., 2008)
Ornithodoros coriaceus	(FRANCISCHETTI et al., 2008)
Argas monolakensis	(MANS et al., 2008)

Amblyomma cajennense	(BATISTA et al., 2008)
Amblyomma americanum	(ALJAMALI et al., 2009; RADULOVIĆ et al., 2014)
Rhipicephalus sanguineus	(ANATRIELLO et al., 2010; OLIVEIRA et al., 2013)
Ornithodoros moubata	(SALÁT et al., 2010)
Amblyomma maculatum	(KARIM; SINGH; RIBEIRO, 2011)
Hyaloma marginatum rufipes	(FRANCISCHETTI et al., 2011)
Ornithodoros moubata	(DÍAZ-MARTÍN et al., 2013)
Dermacentor andersoni	(MUDENDA et al., 2014)
Amblyomma triste	(GARCIA et al., 2014)
Amblyomma parvum	(GARCIA et al., 2014)
Amblyomma cajennense	(GARCIA et al., 2014)
Haemaphysalis longicornis	(TIRLONI et al., 2015)
Rhipicephalus pulchellus	(TAN et al., 2015)
Haemaphysalis flava	(XU et al., 2015)
Amblyomma sculptum	(ESTEVES et al., 2017)
Rhipicephalus zambeziensis	(DE CASTRO et al., 2017)
Hyalomma excavatum	(RIBEIRO; SLOVÁK; FRANCISCHETTI, 2017)
Rhipicephalus bursa	(ANTUNES et al., 2018)
Ixodes holocyclus	(RODRIGUEZ-VALLE et al., 2018)
Hyalomma dromedarii	(BENSAOUD et al., 2018)
Amblyomma aureolatum	(MARTINS et al., 2019)
Ornithodoros rostratus	(ARAUJO et al., 2019)
Ixodes ricinus	(KOTÁL et al., 2021)

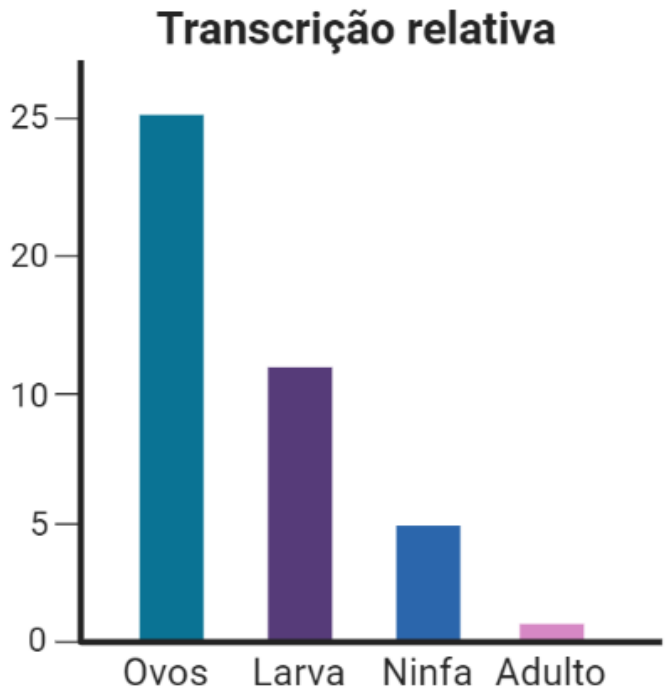
Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Estudos envolvendo variadas espécies de carrapatos mostraram que estes inibidores de protease estão envolvidos em processos fisiológicos naturais destes parasitas, por exemplo, no sistema imunológico dos artrópodes através da mediação da coagulação e produção de peptídeos antimicrobianos (BLISNICK; FOULON; BONNET, 2017).

2.6 RHcyst-1

Rhipicephalus haemaphysaloides é uma espécie de carrapato encontrada na China e no sul da Ásia, é responsável pela transmissão de algumas doenças como a babesiose e doença da floresta de Kyasanur (ZHOU et al., 2006). RHcyst-1 é uma proteína caracterizada e classificada como uma cistatina do tipo I, a qual foi identificada a partir de fêmeas dessa espécie. Acredita-se que este inibidor tenha papel no desenvolvimento embrionário dos carrapatos por ser mais expresso nos ovos destes parasitas Figura 14 (WANG et al., 2015). RHcyst-1 exibe atividade inibitória significante contra as cisteíno proteases incluindo a Cat L e Cat B e possui atividade antitumoral comprovada *in vitro* e em modelos murinos *in vivo* (WEI et al., 2018). Verificou-se que RHcyst-1 pode inibir significativamente a proliferação, migração e invasão das linhagens celulares de câncer cervical humano (HeLa), pulmão (A549), ovariano (SKOV-3) e melanoma murino (B16-F10) *in vitro,* além disso, inibiu o crescimento do tumor de células B16-F10 e melhorou a sobrevivência *in vivo* (WEI et al., 2018).

Figura 14 - Expressão gênica da RHcyst-1 em diferentes estágios do desenvolvimento de *R. haemaphysaloides.*



Fonte: Adaptado de WANG et al., (2015).

Estudos como os realizados com a Rhcyst-1 indicam que moléculas bioativas derivadas de carrapatos têm potencial aplicação na terapia do câncer, além disso podem ter baixa toxicidade e imunogenicidade em humanos (SIMONS et al., 2011). Nosso interesse no potencial bioativo da Rhcyst-1 é na sua capacidade (já comprovada), mais especificamente de peptídeos derivados dela, de inibir as catepsinas B e L que são liberadas pelas células cancerosas no ambiente tumoral e atuam na degradação da matriz extracelular contribuindo para a evolução de metastases. O papel das cistatinas no câncer e como imunossupressor pode ser bem mais complexo do que isso e vem sendo estudado (WEI et al., 2019).

Neste trabalho nós primeiramente modelamos e apresentamos a estrutura tridimensional da RHcyst-1 utilizando AlphaFold2, e realizamos estudos *in silico* da interação entre RHCyst-1 com duas das principais catepsinas humanas envolvidas no processo tumoral e metástase (Cat B e Cat L). Posteriormente, desenhamos e sintetizamos peptídeos baseados nas regiões inibitórias da RHcyst-1, esses peptídeos foram caracterizados como inibidores de catepsinas L e B. Inibidores com tamanho reduzido têm como vantagem a capacidade de síntese química, e menor potencial de gerar uma resposta imune.

3 REFERÊNCIAS

1. ABE, K. et al. The NH2-terminal 21 amino acid residues are not essential for the papain-inhibitory activity of oryzacystatin, a member of the cystatin superfamily. Expression of oryzacystatin cDNA and its truncated fragments in *Escherichia coli*. **Journal of Biological Chemistry**, v. 263, n. 16, p. 7655–7659, 1988.
2. ABRAHAMSON, M. [49] Cystatins. In: **Methods in enzymology**. [s.l.] Elsevier, 1994. v. 244p. 685–700.
3. ABRAHAMSON, M.; ALVAREZ-FERNANDEZ, M.; NATHANSON, C.-M. **Cystatins.** Biochemical Society Symposium. **Anais**...2003.
4. ADACHI, W. et al. Isolation and characterization of human cathepsin V: a major proteinase in corneal epithelium. **Investigative ophthalmology & visual science**, v. 39, n. 10, p. 1789–1796, 1998.
5. AKKARI, L. et al. Combined deletion of cathepsin protease family members reveals compensatory mechanisms in cancer. **Genes & Development**, v. 30, n. 2, p. 220–232, 15 jan. 2016.
6. ALARCON-CHAIDEZ, F. J.; SUN, J.; WIKEL, S. K. Transcriptome analysis of the salivary glands of *Dermacentor andersoni Stiles* (*Acari: Ixodidae*). **Insect biochemistry and molecular biology**, v. 37, n. 1, p. 48–71, 2007.
7. ALJAMALI, M. N. et al. Transcriptome analysis of the salivary glands of the female tick *Amblyomma americanum* (*Acari: Ixodidae*). **Insect molecular biology**, v. 18, n. 2, p. 129–154, 2009.
8. ALTORJAY, A. et al. Significance and prognostic value of lysosomal enzyme activities measured in surgically operated adenocarcinomas of the gastroesophageal junction and squamous cell carcinomas of the lower third of esophagus. **World Journal of Gastroenterology: WJG**, v. 11, n. 37, p. 5751, 2005.
9. ANATRIELLO, E. et al. An insight into the sialotranscriptome of the brown dog tick, *Rhipicephalus sanguineus*. **BMC genomics**, v. 11, n. 1, p. 1–17, 2010.
10. ANDRAULT, P.-M. et al. Cigarette smoke induces overexpression of active human cathepsin S in lungs from current smokers with or without COPD. **American Journal of Physiology-Lung Cellular and Molecular Physiology**, v. 317, n. 5, p. L625–L638, 2019.
11. ANTUNES, S. et al. *Rhipicephalus bursa* sialotranscriptomic response to blood feeding and *Babesia ovis* infection: identification of candidate protective antigens. **Frontiers in Cellular and Infection Microbiology**, v. 8, p. 116, 2018.
12. ARAUJO, R. N. et al. RNA-seq analysis of the salivary glands and midgut of the Argasid tick *Ornithodoros rostratus*. **Scientific reports**, v. 9, n. 1, p. 1–13, 2019.
13. BAICI, A. et al. Regulation of human cathepsin B by alternative mRNA splicing: homeostasis, fatal errors and cell death. 2006.
14. BAICI, A.; GYGER-MARAZZI, M. The Slow, Tight-Binding Inhibition of Cathepsin B by Leupeptin. A Hysteretic Effect. **European Journal of Biochemistry**, v. 129, n. 1, p. 33–41, dez. 1982.
15. BARRETT, A. J. et al. L- *trans* -Epoxysuccinyl-leucylamido(4-guanidino)butane (E-64) and its analogues as inhibitors of cysteine proteinases including cathepsins B, H and L. **Biochemical Journal**, v. 201, n. 1, p. 189–198, 1 jan. 1982.

16. BARRETT, A. J. The cystatins: a new class of peptidase inhibitors. **Trends in Biochemical Sciences**, v. 12, p. 193–196, jan. 1987.
17. BATISTA, I. F. C. et al. Expressed sequence tags (ESTs) from the salivary glands of the tick *Amblyomma cajennense* (Acari: Ixodidae). **Toxicon**, v. 51, n. 5, p. 823–834, 2008.
18. BENCHABANE, M. et al. **Plant cystatinsBiochimie**, nov. 2010.
19. BENSAOUD, C. et al. De novo assembly and annotation of *Hyalomma dromedarii* tick (Acari: Ixodidae) sialotranscriptome with regard to gender differences in gene expression. **Parasites & vectors**, v. 11, n. 1, p. 1–16, 2018.
20. BERMAN, H. M. The Protein Data Bank. **Nucleic Acids Research**, v. 28, n. 1, p. 235–242, 1 jan. 2000.
21. BESTVATER, F.; DALLNER, C.; SPIESS, E. The C-terminal subunit of artificially truncated human cathepsin B mediates its nuclear targeting and contributes to cell viability. **BMC cell biology**, v. 6, n. 1, p. 1–19, 2005.
22. BEVEC, T. et al. Major histocompatibility complex class II-associated p41 invariant chain fragment is a strong inhibitor of lysosomal cathepsin L. **The Journal of experimental medicine**, v. 183, n. 4, p. 1331–1338, 1996.
23. BLISNICK, A. A.; FOULON, T.; BONNET, S. I. Serine protease inhibitors in ticks: an overview of their role in tick biology and tick-borne pathogen transmission. **Frontiers in Cellular and Infection Microbiology**, v. 7, p. 199, 2017.
24. BOCOCK, J. P. et al. Human proteoglycan testican-1 inhibits the lysosomal cysteine protease cathepsin L. **European journal of biochemistry**, v. 270, n. 19, p. 4008–4015, 2003.
25. BODE, W. et al. The 2.0 AX-ray crystal structure of chicken egg white cystatin and its possible mode of interaction with cysteine proteinases. **The EMBO journal**, v. 7, n. 8, p. 2593–2599, 1988.
26. BOUDREAU, P. D. et al. Design of Gallinamide A Analogs as Potent Inhibitors of the Cysteine Proteases Human Cathepsin L and *Trypanosoma cruzi* Cruzain. **Journal of Medicinal Chemistry**, v. 62, n. 20, p. 9026–9044, 24 out. 2019.
27. BRÖMME, D. et al. Human cathepsin V functional expression, tissue distribution, electrostatic surface potential, enzymatic characterization, and chromosomal localization. **Biochemistry**, v. 38, n. 8, p. 2377–2385, 1999.
28. BRZIN, J. et al. Clitocypin, a new type of cysteine proteinase inhibitor from fruit bodies of mushroom *Clitocybe nebularis*. **Journal of Biological Chemistry**, v. 275, n. 26, p. 20104–20109, 2000.
29. BURDEN, R. E. et al. Inhibition of cathepsin L-like proteases by cathepsin V propeptide. 2007.
30. CAIRNS, J. et al. SNPs near the cysteine proteinase cathepsin O gene (CTSO) determine tamoxifen sensitivity in ERα-positive breast cancer through regulation of BRCA1. **PLOS Genetics**, v. 13, n. 10, p. e1007031, 2 out. 2017.
31. CARDOSO, T. H. S. et al. Characterization of a novel cystatin type 2 from *Rhipicephalus microplus* midgut. **Biochimie**, v. 140, p. 117–121, 2017.
32. CAVANAUGH, P. G. et al. Involvement of a cathepsin B-like cysteine proteinase in platelet aggregation induced by tumor cells and their shed membrane vesicles. **Clinical & Experimental Metastasis**, v. 1, n. 4, p. 297–307, 1983.
33. CHAMPAGNE, D. E.; NUSSENZVEIG, R. H.; RIBEIRO, J. M. C. Purification, partial characterization, and cloning of nitric oxide-carrying heme proteins (nitrophorins) from salivary glands of the blood-sucking insect *Rhodnius prolixus*. **Journal of Biological Chemistry**, v. 270, n. 15, p. 8691–8695, 1995.

34. CHAMPAGNE, D. E.; RIBEIRO, J. M. Sialokinin I and II: vasodilatory tachykinins from the yellow fever mosquito *Aedes aegypti*. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 91, n. 1, p. 138–142, 1994.
35. CHAUHAN, S. S.; GOLDSTEIN, L. J.; GOTTESMAN, M. M. Expression of cathepsin L in human tumors. **Cancer research**, v. 51, n. 5, p. 1478–1481, 1991.
36. CHAVASSIEUX, P. et al. Mechanisms of the anabolic effects of teriparatide on bone: insight from the treatment of a patient with pycnodysostosis. **Journal of Bone and Mineral Research**, v. 23, n. 7, p. 1076–1083, 2008.
37. CHENG, T. et al. Cystatin M/E is a high affinity inhibitor of cathepsin V and cathepsin L by a reactive site that is distinct from the legumain-binding site: a novel clue for the role of cystatin M/E in epidermal cornification. **Journal of Biological Chemistry**, v. 281, n. 23, p. 15893–15899, 2006.
38. CHMELAŘ, J. et al. Insight into the sialome of the castor bean tick, *Ixodes ricinus*. **BMC genomics**, v. 9, n. 1, p. 1–21, 2008.
39. COLELLA, R. et al. Chicken egg white cystatin: Molecular cloning, nucleotide sequence, and tissue distribution. **Journal of Biological Chemistry**, v. 264, n. 29, p. 17164–17169, 1989.
40. COLELLA, R.; GOODWYN, E.; GOPAL, P. Increased cell density decreases cysteine proteinase inhibitor activity and increases invasive ability of two prostate tumor cell lines. **Cancer letters**, v. 185, n. 2, p. 163–172, 2002.
41. COTTÉ, V. et al. Differential expression of *Ixodes ricinus* salivary gland proteins in the presence of the *Borrelia burgdorferi* sensu lato complex. **Journal of Proteomics**, v. 96, p. 29–43, 2014.
42. DAVIE, E. W.; FUJIKAWA, K.; KISIEL, W. The coagulation cascade: initiation, maintenance, and regulation. **Biochemistry**, v. 30, n. 43, p. 10363–10370, 1991.
43. DE CASTRO, M. H. et al. Sialotranscriptomics of *Rhipicephalus zambeziensis* reveals intricate expression profiles of secretory proteins and suggests tight temporal transcriptional regulation during blood-feeding. **Parasites & vectors**, v. 10, n. 1, p. 1–20, 2017.
44. DELARIA, K. et al. Inhibition of cathepsin L-like cysteine proteases by cytotoxic T-lymphocyte antigen-2 beta. **Journal of Biological Chemistry**, v. 269, n. 40, p. 25172–25177, 1994.
45. DENHARDT, D. T. et al. Cysteine proteinase cathepsin L expression correlates closely with the metastatic potential of H-ras-transformed murine fibroblasts. **Oncogene**, v. 2, n. 1, p. 55—59, 1987.
46. DESHAPRIYA, R. M. C. et al. *Drosophila* CTLA-2-like protein (D/CTLA-2) inhibits cysteine proteinase 1 (CP1), a cathepsin L-like enzyme. **Zoological science**, v. 24, n. 1, p. 21–30, 2007.
47. DÍAZ-MARTÍN, V. et al. An insight into the proteome of the saliva of the argasid tick *Ornithodoros moubata* reveals important differences in saliva protein composition between the sexes. **Journal of proteomics**, v. 80, p. 216–235, 2013.
48. DICKINSON, D. P. Cysteine peptidases of mammals: their biological roles and potential effects in the oral cavity and other tissues in health and disease. **Critical Reviews in Oral Biology & Medicine**, v. 13, n. 3, p. 238–275, 2002.
49. DIMITROV, I. et al. AllerTOP v.2—a server for in silico prediction of allergens. **Journal of Molecular Modeling**, v. 20, n. 6, p. 2278, 31 jun. 2014.

50. DOLENC, I. et al. Human cathepsin X/Z is a biologically active homodimer. **Biochimica et Biophysica Acta - Proteins and Proteomics**, v. 1869, n. 2, 1 fev. 2021.
51. EATEMADI, A. et al. Role of protease and protease inhibitors in cancer pathogenesis and treatment. **Biomedicine & Pharmacotherapy**, v. 86, p. 221–231, fev. 2017.
52. ESTEVES, E. et al. Analysis of the salivary gland transcriptome of unfed and partially fed *Amblyomma sculptum* ticks and descriptive proteome of the saliva. **Frontiers in cellular and infection microbiology**, v. 7, p. 476, 2017.
53. EVANS, H. J.; BARRETT, A. J. A cystatin-like cysteine proteinase inhibitor from venom of the African puff adder (*Bitis arietans*). **Biochemical Journal**, v. 246, n. 3, p. 795–797, 15 set. 1987.
54. FALGUEYRET, J.-P. et al. Novel, Nonpeptidic Cyanamides as Potent and Reversible Inhibitors of Human Cathepsins K and L. **Journal of Medicinal Chemistry**, v. 44, n. 1, p. 94–104, 1 jan. 2001.
55. FEHRENBACHER, N. et al. Sensitization to the lysosomal cell death pathway by oncogene-induced down-regulation of lysosome-associated membrane proteins 1 and 2. **Cancer research**, v. 68, n. 16, p. 6623–6633, 2008.
56. FERLAY, J. et al. Cancer statistics for the year 2020: An overview. **International Journal of Cancer**, v. 149, n. 4, p. 778–789, 15 ago. 2021.
57. FONT-CLOS, F.; ZAPPERI, S.; LA PORTA, C. A. M. Blood Flow Contributions to Cancer Metastasis. **iScience**, v. 23, n. 5, p. 101073, maio 2020.
58. FORTENBERRY, Y. M. et al. Protein C inhibitor regulates both cathepsin L activity and cell-mediated tumor cell migration. **Biochimica et Biophysica Acta (BBA)-General Subjects**, v. 1800, n. 6, p. 580–590, 2010.
59. FRANCISCHETTI, I. M. B. et al. The transcriptome of the salivary glands of the female western black-legged tick *Ixodes pacificus* (Acari: Ixodidae). **Insect biochemistry and molecular biology**, v. 35, n. 10, p. 1142–1161, 2005.
60. FRANCISCHETTI, I. M. B. et al. An insight into the sialome of the soft tick, *Ornithodorus parkeri*. **Insect biochemistry and molecular biology**, v. 38, n. 1, p. 1–21, 2008.
61. FRANCISCHETTI, I. M. B. et al. An insight into the sialotranscriptome and proteome of the coarse bontlegged tick, *Hyalomma marginatum* rufipes. **Journal of proteomics**, v. 74, n. 12, p. 2892–2908, 2011.
62. FRIEDRICH, B. et al. Cathepsins B, H, L and cysteine protease inhibitors in malignant prostate cell lines, primary cultured prostatic cells and prostatic tissue. **European Journal of Cancer**, v. 35, n. 1, p. 138–144, 1999.
63. FUCHS, N. et al. **Novel Opportunities for Cathepsin S Inhibitors in Cancer Immunotherapy by Nanocarrier-Mediated DeliveryCells**NLM (Medline), , 2 set. 2020.
64. GARCIA, G. R. et al. The sialotranscriptome of *Amblyomma triste*, *Amblyomma parvum* and *Amblyomma cajennense* ticks, uncovered by 454-based RNA-seq. **Parasites & vectors**, v. 7, n. 1, p. 1–18, 2014.
65. GARNERO, P. et al. The collagenolytic activity of cathepsin K is unique among mammalian proteinases. **Journal of Biological Chemistry**, v. 273, n. 48, p. 32347–32352, 1998.
66. GIANOTTI, A. et al. Inhibitory effect of the sugarcane cystatin CaneCPI-4 on cathepsins B and L and human breast cancer cell invasion. 2008.
67. GIUSTI, I. et al. Cathepsin B mediates the pH-dependent proinvasive activity of tumor-shed microvesicles. **Neoplasia**, v. 10, n. 5, p. 481–488, 2008.

68. GOCHEVA, V.; JOYCE, J. A. Cysteine cathepsins and the cutting edge of cancer invasion. **Cell cycle**, v. 6, n. 1, p. 60–64, 2007.
69. GONDI, C. S.; RAO, J. S. Cathepsin B as a cancer target. **Expert opinion on therapeutic targets**, v. 17, n. 3, p. 281–291, 2013.
70. GORETZKI, L. et al. Effective activation of the proenzyme form of the urokinase-type plasminogen activator (pro-uPA) by the cysteine protease cathepsin L. **FEBS letters**, v. 297, n. 1–2, p. 112–118, 1992.
71. GREENSPAN, P. D. et al. Identification of Dipeptidyl Nitriles as Potent and Selective Inhibitors of Cathepsin B through Structure-Based Drug Design. **Journal of Medicinal Chemistry**, v. 44, n. 26, p. 4524–4534, 1 dez. 2001.
72. GUAY, J. et al. Potency and selectivity of inhibition of cathepsin K, L and S by their respective propeptides. **European journal of biochemistry**, v. 267, n. 20, p. 6311–6318, 2000.
73. GUNČAR, G. et al. Crystal structure of MHC class II-associated p41 Ii fragment bound to cathepsin L reveals the structural basis for differentiation between cathepsins L and S. **The EMBO Journal**, v. 18, n. 4, p. 793–803, 15 fev. 1999.
74. GUNČAR, G. et al. Crystal structure of cathepsin X: a flip–flop of the ring of His23 allows carboxy-monopeptidase and carboxy-dipeptidase activity of the protease. **Structure**, v. 8, n. 3, p. 305–313, mar. 2000.
75. GUPTA, S. et al. In Silico Approach for Predicting Toxicity of Peptides and Proteins. **PLoS ONE**, v. 8, n. 9, p. e73957, 13 set. 2013.
76. GUTMAN, N. et al. T-kinin release from T-kininogen by rat-submaxillary-gland endopeptidase K. **European journal of biochemistry**, v. 171, n. 3, p. 577–582, 1988.
77. HABIB, H.; FAZILI, K. M. Plant protease inhibitors: a defense strategy in plants. **Biotechnology and Molecular Biology Reviews**, v. 2, n. 3, p. 68–85, 2007.
78. HAO, Y. et al. Crystal structures of human procathepsin H. **PLOS ONE**, v. 13, n. 7, p. e0200374, 25 jul. 2018.
79. HART, T. C. et al. Haim-Munk syndrome and Papillon-Lefevre syndrome are allelic mutations in cathepsin C. **Journal of medical genetics**, v. 37, n. 2, p. 88–94, 2000.
80. HIRATA, I. Y. et al. Internally quenched fluorogenic protease substrates: Solid-phase synthesis and fluorescence spectroscopy of peptides containing ortho-aminobenzoyl/dinitrophenyl groups as donor-acceptor pairs. **Letters in Peptide Science**, v. 1, n. 6, p. 299–308, maio 1995.
81. HUANG, R. et al. The cathepsin L of *Toxoplasma gondii* (TgCPL) and its endogenous macromolecular inhibitor, toxostatin. **Molecular and biochemical parasitology**, v. 164, n. 1, p. 86–94, 2009.
82. HWANG, S.-R. et al. The novel bovine serpin endopin 2C demonstrates selective inhibition of the cysteine protease cathepsin L compared to the serine protease elastase, in cross-class inhibition. **Biochemistry**, v. 44, n. 21, p. 7757–7767, 2005.
83. ILLY, C. et al. Role of the occluding loop in cathepsin B activity. **Journal of Biological Chemistry**, v. 272, n. 2, p. 1197–1202, 1997.
84. INCA. **O que é câncer?**
85. JAKOŠ, T. et al. **Cysteine cathepsins in tumor-associated immune cellsFrontiers in Immunology**Frontiers Media S.A., , 2019.
86. JAYAKUMAR, A. et al. Inhibition of the cysteine proteinases cathepsins K and L by the serpin headpin (SERPINB13): a kinetic analysis. **Archives of Biochemistry and Biophysics**, v. 409, n. 2, p. 367–374, 2003.

87. JING, J. et al. Elevated CTSL2 expression is associated with an adverse prognosis in hepatocellular carcinoma. **International Journal of Clinical and Experimental Pathology**, v. 11, n. 8, p. 4035, 2018.
88. JOYCE, J. A.; HANAHAN, D. Multiple roles for cysteine cathepsins in cancer. **Cell cycle**, v. 3, n. 12, p. 1516–1519, 2004.
89. JUMPER, J. et al. Highly accurate protein structure prediction with AlphaFold. **Nature**, v. 596, n. 7873, p. 583–589, 26 ago. 2021.
90. KARIM, S.; SINGH, P.; RIBEIRO, J. M. C. A deep insight into the sialotranscriptome of the gulf coast tick, Amblyomma maculatum. **PloS one**, v. 6, n. 12, p. e28525, 2011.
91. KIRSCHKE, H. et al. Intracellular protein breakdown. VII. Cathepsin L and H; two new proteinases from rat liver lysosomes. **Acta biologica et medica Germanica**, v. 35, n. 3–4, p. 285–299, 1976.
92. KIRSCHKE, H. et al. CATHEPSIN L. In: **Proteinases and their Inhibitors**. [s.l.] Elsevier, 1981. p. 93–101.
93. KLOSE, A. et al. Contact of high-invasive, but not low-invasive, melanoma cells to native collagen I induces the release of mature cathepsin B. **International journal of cancer**, v. 118, n. 11, p. 2735–2743, 2006.
94. KOBAYASHI, H. et al. Cathepsin B efficiently activates the soluble and the tumor cell receptor-bound form of the proenzyme urokinase-type plasminogen activator (Pro-uPA). **Journal of Biological Chemistry**, v. 266, n. 8, p. 5147–5152, 1991.
95. KONDO, H. et al. Two distinct cystatin species in rice seeds with different specificities against cysteine proteinases. Molecular cloning, expression, and biochemical studies on oryzacystatin-II. **Journal of Biological Chemistry**, v. 265, n. 26, p. 15832–15837, 1990.
96. KORKMAZ, B. et al. Measuring elastase, proteinase 3 and cathepsin G activities at the surface of human neutrophils with fluorescence resonance energy transfer substrates. **Nature Protocols**, v. 3, n. 6, p. 991–1000, 15 jun. 2008.
97. KOS, J. et al. **Intracellular signaling by cathepsin X: Molecular mechanisms and diagnostic and therapeutic opportunities in cancerSeminars in Cancer Biology**Academic Press, , 1 abr. 2015.
98. KOS, J.; LAH, T. T. Cysteine proteinases and their endogenous inhibitors: target proteins for prognosis, diagnosis and therapy in cancer. **Oncology reports**, v. 5, n. 6, p. 1349–1410, 1998.
99. KOTÁL, J. et al. Mialostatin, a Novel Midgut Cystatin from *Ixodes ricinus* Ticks: Crystal Structure and Regulation of Host Blood Digestion. **International journal of molecular sciences**, v. 22, n. 10, p. 5371, 2021.
100. KOTSYFAKIS, M. et al. Selective cysteine protease inhibition contributes to blood-feeding success of the tick *Ixodes scapularis*. **Journal of Biological Chemistry**, v. 282, n. 40, p. 29256–29263, 2007.
101. KOZAKOV, D. et al. The ClusPro web server for protein–protein docking. **Nature Protocols**, v. 12, n. 2, p. 255–278, 12 fev. 2017.
102. KRAMER, L. et al. Non-invasive in vivo imaging of tumour-associated cathepsin B by a highly selective inhibitory DARPin. **Theranostics**, v. 7, n. 11, p. 2806, 2017.
103. KURATA, M. et al. Bombyx cysteine proteinase inhibitor (BCPI) homologous to propeptide regions of cysteine proteinases is a strong, selective inhibitor of

cathepsin L-like cysteine proteinases. **The journal of biochemistry**, v. 130, n. 6, p. 857–863, 2001.
104. KURRIKOFF, K.; APHKHAZAVA, D.; LANGEL, Ü. The future of peptides in cancer treatment. **Current opinion in pharmacology**, v. 47, p. 27–32, 2019.
105. LASKOWSKI, R. A. et al. PDBsum: Structural summaries of PDB entries. **Protein Science**, v. 27, n. 1, p. 129–134, jan. 2018.
106. LEARY, R.; SHAW, E. Inactivation of cathepsin B1 by diazomethyl ketones. **Biochemical and Biophysical Research Communications**, v. 79, n. 3, p. 926–931, dez. 1977.
107. LECAILLE, F.; KALETA, J.; BRÖMME, D. Human and Parasitic Papain-Like Cysteine Proteases: Their Role in Physiology and Pathology and Recent Developments in Inhibitor Design. **Chemical Reviews**, v. 102, n. 12, p. 4459–4488, 1 dez. 2002.
108. LENARCIC, B. et al. Equistatin, a new inhibitor of cysteine proteinases from *Actinia equina*, is structurally related to thyroglobulin type-1 domain. **Journal of Biological Chemistry**, v. 273, n. 20, p. 12682–12683, 1998.
109. LERNER, E. A. et al. Isolation of maxadilan, a potent vasodilatory peptide from the salivary glands of the sand fly *Lutzomyia longipalpis*. **Journal of Biological Chemistry**, v. 266, n. 17, p. 11234–11236, 1991.
110. LERNER, E. A.; SHOEMAKER, C. B. Maxadilan. Cloning and functional expression of the gene encoding this potent vasodilator peptide. **Journal of Biological Chemistry**, v. 267, n. 2, p. 1062–1066, 1992.
111. LETO, G. et al. Cathepsin L in metastatic bone disease: therapeutic implications. 2010.
112. LEUNG, D.; ABBENANTE, G.; FAIRLIE, D. P. Protease Inhibitors: Current Status and Future Prospects. **Journal of Medicinal Chemistry**, v. 43, n. 3, p. 305–341, 1 fev. 2000.
113. LI, Y. et al. Discovery of a novel and selective cathepsin L inhibitor with anti-metastatic ability in vitro and in vivo against breast cancer cells. **Bioorganic Chemistry**, v. 115, p. 105256, 2021.
114. LI, Y.-Y.; FANG, J.; AO, G.-Z. Cathepsin B and L inhibitors: a patent review (2010-present). **Expert opinion on therapeutic patents**, v. 27, n. 6, p. 643–656, 2017.
115. LIANG, W. et al. Targeting cathepsin K diminishes prostate cancer establishment and growth in murine bone. **Journal of Cancer Research and Clinical Oncology**, v. 145, n. 8, p. 1999–2012, 1 ago. 2019.
116. LIMA, C. A.; SASAKI, S. D.; TANAKA, A. S. Bmcystatin, a cysteine proteinase inhibitor characterized from the tick *Boophilus microplus*. **Biochemical and Biophysical Research Communications**, v. 347, n. 1, p. 44–50, 2006.
117. LINNEVERS, C.; SMEEKENS, S. P.; BROMME, D. **Human cathepsin W, a putative cysteine protease predominantly expressed in CD8 + T-lymphocytesFEBS 18263 FEBS Letters**. [s.l: s.n.].
118. LIU, J.; SVÄRD, S. G.; KLOTZ, C. *Giardia intestinalis* cystatin is a potent inhibitor of papain, parasite cysteine proteases and, to a lesser extent, human cathepsin B. **FEBS letters**, v. 593, n. 12, p. 1313–1325, 2019.
119. LIU, X. Y. et al. IrSPI, a tick serine protease inhibitor involved in tick feeding and *Bartonella henselae* infection. **PLoS neglected tropical diseases**, v. 8, n. 7, p. e2993, 2014.

120. LU, J. et al. Advances in the discovery of cathepsin K inhibitors on bone resorption. **Journal of enzyme inhibition and medicinal chemistry**, v. 33, n. 1, p. 890–904, 2018.
121. LU, S. et al. A novel type 1 cystatin involved in the regulation of *Rhipicephalus microplus* midgut cysteine proteases. **Ticks and Tick-borne Diseases**, v. 11, n. 3, p. 101374, 2020a.
122. LU, S. et al. A novel type 1 cystatin involved in the regulation of *Rhipicephalus microplus* midgut cysteine proteases. **Ticks and Tick-borne Diseases**, v. 11, n. 3, p. 101374, 2020b.
123. LÚCIA DE ALMEIDA, V. et al. **CÂNCER E AGENTES ANTINEOPLÁSICOS CICLO-CELULAR ESPECÍFICOS E CICLO-CELULAR NÃO ESPECÍFICOS QUE INTERAGEM COM O DNA: UMA INTRODUÇÃOQuim. Nova**. [s.l: s.n.].
124. LUKE, C. J. et al. An intracellular serpin regulates necrosis by inhibiting the induction and sequelae of lysosomal injury. **Cell**, v. 130, n. 6, p. 1108–1119, 2007.
125. MACABEO-ONG, M. et al. Quantitative analysis of cathepsin L mRNA and protein expression during oral cancer progression. **Oral Oncology**, v. 39, n. 7, p. 638–647, 2003.
126. MAHMOOD, I.; GREEN, M. D. Pharmacokinetic and Pharmacodynamic Considerations in the Development of Therapeutic Proteins. **Clinical Pharmacokinetics**, v. 44, n. 4, p. 331–347, 2005.
127. MANS, B. J. et al. Apyrase activity and platelet aggregation inhibitors in the tick *Ornithodoros savignyi* (Acari: Argasidae). **Experimental & applied acarology**, v. 22, n. 6, p. 353–366, 1998.
128. MANS, B. J. et al. Comparative sialomics between hard and soft ticks: implications for the evolution of blood-feeding behavior. **Insect biochemistry and molecular biology**, v. 38, n. 1, p. 42–58, 2008.
129. MARKS, N. et al. Diversity of rat brain cysteine proteinase inhibitors: isolation of low-molecular-weight cystatins and a higher-molecular weight T-kininogen-like glycoprotein. **Archives of biochemistry and biophysics**, v. 267, n. 2, p. 448–458, 1988.
130. MARTINS, L. A. et al. The transcriptome of the salivary glands of *Amblyomma aureolatum* reveals the antimicrobial peptide microplusin as an important factor for the tick protection against *Rickettsia rickettsii* infection. **Frontiers in physiology**, v. 10, p. 529, 2019.
131. METHOT, N. et al. In vivo inhibition of serine protease processing requires a high fractional inhibition of cathepsin C. **Molecular Pharmacology**, v. 73, n. 6, p. 1857–1865, 2008.
132. MIJANOVIĆ, O. et al. Cathepsin B: A sellsword of cancer progression. **Cancer letters**, v. 449, p. 207–214, 2019.
133. MORRIS, G. M. et al. AutoDock4 and AutoDockTools4: Automated docking with selective receptor flexibility. **Journal of Computational Chemistry**, v. 30, n. 16, p. 2785–2791, dez. 2009.
134. MUDENDA, L. et al. Proteomics informed by transcriptomics identifies novel secreted proteins in Dermacentor andersoni saliva. **International journal for parasitology**, v. 44, n. 13, p. 1029–1037, 2014.
135. MUSIL, D. et al. The refined 2.15 A X-ray crystal structure of human liver cathepsin B: the structural basis for its specificity. **The EMBO Journal**, v. 10, n. 9, p. 2321–2330, set. 1991.

136. NAKANO, A. et al. Papillon–Lefevre syndrome: mutations and polymorphisms in the cathepsin C gene. **Journal of investigative dermatology**, v. 116, n. 2, p. 339–343, 2001.
137. NALLA, A. K. et al. Targeting MMP-9, uPAR, and cathepsin B inhibits invasion, migration and activates apoptosis in prostate cancer cells. **Cancer gene therapy**, v. 17, n. 9, p. 599–613, 2010.
138. NEGRI, L. Inhibidores selectivos de la catepsina K: balicatib odanacatib y relacatib. **RAO**, p. 26, 2008.
139. NENE, V. et al. AvGI, an index of genes transcribed in the salivary glands of the ixodid tick *Amblyomma variegatum*. **International journal for parasitology**, v. 32, n. 12, p. 1447–1456, 2002.
140. NENE, V. et al. Genes transcribed in the salivary glands of female *Rhipicephalus appendiculatus* ticks infected with Theileria parva. **Insect biochemistry and molecular biology**, v. 34, n. 10, p. 1117–1128, 2004.
141. NEWLANDS, G. F. J. et al. Cloning and expression of cystatin, a potent cysteine protease inhibitor from the gut of *Haemonchus contortus*. **Parasitology**, v. 122, n. 3, p. 371–378, 2001.
142. NI, J. et al. Cystatin E is a novel human cysteine proteinase inhibitor with structural resemblance to family 2 cystatins. **Journal of Biological Chemistry**, v. 272, n. 16, p. 10853–10858, 1997.
143. NI, J. et al. Cystatin F is a glycosylated human low molecular weight cysteine proteinase inhibitor. **Journal of Biological Chemistry**, v. 273, n. 38, p. 24797–24804, 1998.
144. NOMURA, T.; KATUNUMA, N. Involvement of cathepsins in the invasion, metastasis and proliferation of cancer cells. **The journal of medical investigation**, v. 52, n. 1, 2, p. 1–9, 2005.
145. OBERMAJER, N. et al. Carboxypeptidase cathepsin X mediates β2-integrin-dependent adhesion of differentiated U-937 cells. **Experimental cell research**, v. 312, n. 13, p. 2515–2527, 2006.
146. ODDEN, M. C. et al. Age and cystatin C in healthy adults: a collaborative study. **Nephrology Dialysis Transplantation**, v. 25, n. 2, p. 463–469, 2010.
147. OLIVEIRA, C. J. et al. Proteome of *Rhipicephalus sanguineus* tick saliva induced by the secretagogues pilocarpine and dopamine. **Ticks and tick-borne diseases**, v. 4, n. 6, p. 469–477, 2013.
148. OLIVEIRA, C. DE et al. Structure of cruzipain/cruzain inhibitors isolated from *Bauhinia bauhinioides* seeds. **Biological Chemistry**, v. 382, n. 5, p. 847–852, 2001.
149. OLIVEIRA, F. A. A. et al. The first characterization of a cystatin and a cathepsin L-like peptidase from *Aedes aegypti* and their possible role in DENV infection by the modulation of apoptosis. **International Journal of Biological Macromolecules**, v. 146, p. 141–149, 2020.
150. OLSON, O. C.; JOYCE, J. A. Cysteine cathepsin proteases: regulators of cancer progression and therapeutic response. **Nature Reviews Cancer**, v. 15, n. 12, p. 712–729, 24 dez. 2015.
151. ONDR, J. K.; PHAM, C. T. N. Characterization of murine cathepsin W and its role in cell-mediated cytotoxity. **Journal of Biological Chemistry**, v. 279, n. 26, p. 27525–27533, 25 jun. 2004.
152. PAGET; STEPHEN. The distribution of secondary growths in cancer of the breast. **The Lancet**, v. 133, n. 3421, p. 571–573, 1889.

153. PAK, S. C. et al. SRP-2 is a cross-class inhibitor that participates in postembryonic development of the nematode Caenorhabditis elegans: initial characterization of the clade L serpins. **Journal of Biological Chemistry**, v. 279, n. 15, p. 15448–15459, 2004.
154. PANDEY, K. C. et al. Falstatin, a cysteine protease inhibitor of *Plasmodium falciparum*, facilitates erythrocyte invasion. **PLoS pathogens**, v. 2, n. 11, p. e117, 2006.
155. PARIZI, L. F. et al. Sequence characterization and immunogenicity of cystatins from the cattle tick *Rhipicephalus (Boophilus) microplus*. **Ticks and Tick-borne Diseases**, v. 4, n. 6, p. 492–499, dez. 2013.
156. PARIZI, L. F. et al. *Rhipicephalus microplus* and *Ixodes ovatus* cystatins in tick blood digestion and evasion of host immune response. **Parasites & vectors**, v. 8, n. 1, p. 1–11, 2015.
157. PARIZI, L. F. et al. *Rhipicephalus microplus* cystatin as a potential cross-protective tick vaccine against *Rhipicephalus appendiculatus*. **Ticks and Tick-borne Diseases**, v. 11, n. 3, p. 101378, 2020.
158. PECK, W. A. Consensus development conference: diagnosis, prophylaxis, and treatment of osteoporosis. **Am J Med**, v. 94, n. 6, p. 646–650, 1993.
159. PHAM, C. T. N.; LEY, T. J. Dipeptidyl peptidase I is required for the processing and activation of granzymes A and B in vivo. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 96, n. 15, p. 8627–8632, 1999.
160. PHILLIPS, T. et al. A role for the granzyme B inhibitor serine protease inhibitor 6 in CD8+ memory cell homeostasis. **The Journal of Immunology**, v. 173, n. 6, p. 3801–3809, 2004.
161. RADULOVIĆ, Ž. M. et al. A 24-48 h fed *Amblyomma americanum* tick saliva immuno-proteome. **BMC genomics**, v. 15, n. 1, p. 1–30, 2014.
162. RASSAM, M.; LAING, W. A. Purification and characterization of phytocystatins from kiwifruit cortex and seeds. **Phytochemistry**, v. 65, n. 1, p. 19–30, 2004.
163. RAWLINGS, N. D. et al. The MEROPS database of proteolytic enzymes, their substrates and inhibitors in 2017 and a comparison with peptidases in the PANTHER database. **Nucleic acids research**, v. 46, n. D1, p. D624–D632, 2018.
164. RECH, H. Caracterização da calreticulina do *Rhipicephalus (Boophilus) microplus* (Acari: ixodidae) na interação parasita hospedeiro. 2007.
165. RECKLIES, A. D. et al. Secretion of proteinases from malignant and nonmalignant human breast tissue. **Cancer Research**, v. 40, n. 3, p. 550–556, 1980.
166. REIS, F. C. G. et al. The propeptide of cruzipain− a potent selective inhibitor of the trypanosomal enzymes cruzipain and brucipain, and of the human enzyme cathepsin F. **The FEBS journal**, v. 274, n. 5, p. 1224–1234, 2007.
167. RENKO, M. et al. Versatile loops in mycocypins inhibit three protease families. **Journal of Biological Chemistry**, v. 285, n. 1, p. 308–316, 2010.
168. REYNISSON, B. et al. Improved Prediction of MHC II Antigen Presentation through Integration and Motif Deconvolution of Mass Spectrometry MHC Eluted Ligand Data. **Journal of Proteome Research**, v. 19, n. 6, p. 2304–2315, 5 jun. 2020.
169. RIBEIRO, J. M. et al. Antihemostatic, antiinflammatory, and immunosuppressive properties of the saliva of a tick, *Ixodes dammini*. **The Journal of experimental medicine**, v. 161, n. 2, p. 332–344, 1985.

170. RIBEIRO, J. M. C. et al. A further insight into the sialome of the tropical bont tick, *Amblyomma variegatum*. **BMC genomics**, v. 12, n. 1, p. 1–11, 2011.
171. RIBEIRO, J. M. C.; GARCIA, E. S. Platelet antiaggregating activity in the salivary secretion of the blood sucking bug *Rhodnius prolixus*. **Experientia**, v. 37, n. 4, p. 384–386, 1981.
172. RIBEIRO, J. M. C.; SLOVÁK, M.; FRANCISCHETTI, I. M. B. An insight into the sialome of *Hyalomma excavatum*. **Ticks and tick-borne diseases**, v. 8, n. 2, p. 201–207, 2017.
173. RODRIGUEZ-VALLE, M. et al. Transcriptome and toxin family analysis of the paralysis tick, *Ixodes holocyclus*. **International journal for parasitology**, v. 48, n. 1, p. 71–82, 2018.
174. ROSSI, A. et al. **Comprehensive search for cysteine cathepsins in the human genomeBiol. Chem**. [s.l: s.n.].
175. RUFFELL, B. et al. Cathepsin C is a tissue-specific regulator of squamous carcinogenesis. **Genes & development**, v. 27, n. 19, p. 2086–2098, 2013.
176. SAFTIG, P. et al. Impaired osteoclastic bone resorption leads to osteopetrosis in cathepsin-K-deficient mice. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 95, n. 23, p. 13453–13458, 1998.
177. SAHA, S.; RAGHAVA, G. P. S. AlgPred: prediction of allergenic proteins and mapping of IgE epitopes. **Nucleic Acids Research**, v. 34, n. Web Server, p. W202–W209, 1 jul. 2006a.
178. SAHA, S.; RAGHAVA, G. P. S. Prediction of continuous B-cell epitopes in an antigen using recurrent neural network. **Proteins: Structure, Function, and Bioinformatics**, v. 65, n. 1, p. 40–48, 7 ago. 2006b.
179. SAKATA, Y. et al. Characterization of novel squamous cell carcinoma antigen-related molecules in mice. **Biochemical and biophysical research communications**, v. 324, n. 4, p. 1340–1345, 2004.
180. SALÁT, J. et al. Crystal structure and functional characterization of an immunomodulatory salivary cystatin from the soft tick *Ornithodoros moubata*. **Biochemical Journal**, v. 429, n. 1, p. 103–112, 2010.
181. SAMENI, M. et al. Cathepsin B and D are localized at the surface of human breast cancer cells. **Pathology & Oncology Research**, v. 1, n. 1, p. 43–53, 1995.
182. SANTAMARÍA, I. et al. Cathepsin L2, a novel human cysteine proteinase produced by breast and colorectal carcinomas. **Cancer research**, v. 58, n. 8, p. 1624–1630, 1998.
183. SANTAMARÍA, I. et al. Molecular cloning and structural and functional characterization of human cathepsin F, a new cysteine proteinase of the papain family with a long propeptide domain. **Journal of Biological Chemistry**, v. 274, n. 20, p. 13800–13809, 1999.
184. ŠARIĆ, M. et al. The second cysteine protease inhibitor, EhICP2, has a different localization in trophozoites of *Entamoeba histolytica* than EhICP1. **Parasitology research**, v. 100, n. 1, p. 171–174, 2006.
185. SCHRÖDINGER LLC. **The PyMOL molecular graphics system, version 1.8**. [s.l.] November, 2015.
186. SCHWARZ, A. et al. De novo *Ixodes ricinus* salivary gland transcriptome analysis using two next-generation sequencing methodologies. **The FASEB Journal**, v. 27, n. 12, p. 4745–4756, 2013.

187. SHI, G.-P. et al. Molecular cloning of human cathepsin O, a novel endoproteinase and homologue of rabbit OC2. **FEBS Letters**, v. 357, n. 2, p. 129–134, 3 jan. 1995.
188. SIAVASH, H. et al. Inhibition of cysteine proteinases by autolytic digestion is mediated by CBP2/Hsp47. **Connective tissue research**, v. 43, n. 4, p. 589–594, 2002.
189. SIMONS, S. M. et al. The action of *Amblyomma cajennense* tick saliva in compounds of the hemostatic system and cytotoxicity in tumor cell lines. **Biomedicine & Pharmacotherapy**, v. 65, n. 6, p. 443–450, 2011.
190. SLOANE, B. F. et al. Membrane association of cathepsin B can be induced by transfection of human breast epithelial cells with c-Ha-ras oncogene. **Journal of cell science**, v. 107, n. 2, p. 373–384, 1994.
191. SMITH, D. et al. Unexpected activity of a novel kunitz-type inhibitor Inhibition of cysteine proteases but not serine proteases. **Journal of Biological Chemistry**, v. 291, n. 37, p. 19220–19234, 9 set. 2016.
192. SOMOZA, J. R. et al. Crystal Structure of Human Cathepsin V ·. **Biochemistry**, v. 39, n. 41, p. 12543–12551, 1 out. 2000.
193. SOMOZA, J. R.; PALMER, J. T.; HO, J. D. The Crystal Structure of Human Cathepsin F and Its Implications for the Development of Novel Immunomodulators. **Journal of Molecular Biology**, v. 322, n. 3, p. 559–568, set. 2002.
194. SOOND, S. M. et al. Cysteine cathepsin protease inhibition: an update on its diagnostic, prognostic and therapeutic potential in cancer. **Pharmaceuticals**, v. 12, n. 2, p. 87, 2019.
195. STENMAN, J. et al. Relative levels of SCCA2 and SCCA1 mRNA in primary tumors predicts recurrent disease in squamous cell cancer of the head and neck. **International journal of cancer**, v. 95, n. 1, p. 39–43, 2001.
196. STOCH, S. A.; WAGNER, J. A. Cathepsin K inhibitors: a novel target for osteoporosis therapy. **Clinical Pharmacology & Therapeutics**, v. 83, n. 1, p. 172–176, 2008.
197. SUDHAN, D. R.; SIEMANN, D. W. Cathepsin L targeting in cancer treatment. **Pharmacology & therapeutics**, v. 155, p. 105–116, 2015a.
198. SUDHAN, D. R.; SIEMANN, D. W. Cathepsin L targeting in cancer treatment. **Pharmacology & therapeutics**, v. 155, p. 105–116, 2015b.
199. SUDHAN, D. R.; SIEMANN, D. W. Cathepsin L targeting in cancer treatment. **Pharmacology & therapeutics**, v. 155, p. 105–116, 2015c.
200. SUN, T. et al. Expression profile of cathepsins indicates the potential of cathepsins B and D as prognostic factors in breast cancer patients. **Oncology letters**, v. 11, n. 1, p. 575–583, 2016.
201. TAKEDA, A. et al. Squamous cell carcinoma antigen is a potent inhibitor of cysteine proteinase cathepsin L. **FEBS letters**, v. 359, n. 1, p. 78–80, 1995.
202. TAN, A. W. L. et al. Sexual differences in the sialomes of the zebra tick, Rhipicephalus pulchellus. **Journal of proteomics**, v. 117, p. 120–144, 2015.
203. TAN, G.-J. et al. Cathepsins mediate tumor metastasis. **World Journal of Biological Chemistry**, v. 4, n. 4, p. 91, 2013.
204. TANDON, A. K. et al. Cathepsin D and Prognosis in Breast Cancer. **New England Journal of Medicine**, v. 322, n. 5, p. 297–302, fev. 1990.
205. TEDELIND, S. et al. Nuclear cysteine cathepsin variants in thyroid carcinoma cells. 2010.

206. TIRLONI, L. et al. Saliva from nymph and adult females of *Haemaphysalis longicornis*: a proteomic study. **Parasites & vectors**, v. 8, n. 1, p. 1–23, 2015.
207. TOLOSA, E. et al. Cathepsin V is involved in the degradation of invariant chain in human thymus and is overexpressed in myasthenia gravis. **The Journal of clinical investigation**, v. 112, n. 4, p. 517–526, 2003.
208. TOSS, M. et al. Prognostic significance of cathepsin V (CTSV/CTSL2) in breast ductal carcinoma in situ. **Journal of Clinical Pathology**, v. 73, n. 2, p. 76–82, 2020.
209. TSENG, C.-C. et al. Differential effect toward inhibition of papain and cathepsin C by recombinant human salivary cystatin SN and its variants produced by a baculovirus system. **Archives of Biochemistry and Biophysics**, v. 380, n. 1, p. 133–140, 2000.
210. TURK, B.; TURK, D.; TURK, V. Lysosomal cysteine proteases: more than scavengers. **Biochimica et Biophysica Acta (BBA)-Protein Structure and Molecular Enzymology**, v. 1477, n. 1–2, p. 98–111, 2000.
211. TURK, D. Structure of human dipeptidyl peptidase I (cathepsin C): exclusion domain added to an endopeptidase framework creates the machine for activation of granular serine proteases. **The EMBO Journal**, v. 20, n. 23, p. 6570–6582, 3 dez. 2001.
212. TURK, V. et al. Cysteine cathepsins: From structure, function and regulation to new frontiers. **Biochimica et Biophysica Acta (BBA) - Proteins and Proteomics**, v. 1824, n. 1, p. 68–88, jan. 2012.
213. TURK, V.; TURK, B. Lysosomal Cysteine Proteases and Their Protein Inhibitors: Recent Developments. **Acta Chimica Slovenica**, v. 55, n. 4, 2008.
214. UENO, T. et al. Processing of pulmonary surfactant protein B by napsin and cathepsin H. **Journal of Biological Chemistry**, v. 279, n. 16, p. 16178–16184, 2004.
215. VALENZUELA, J. G. et al. Purification, cloning, and expression of an apyrase from the bed bug Cimex lectularius: A new type of nucleotide-binding enzyme. **Journal of Biological Chemistry**, v. 273, n. 46, p. 30583–30590, 1998.
216. VALENZUELA, J. G. et al. The salivary apyrase of the blood-sucking sand fly Phlebotomus papatasi belongs to the novel Cimex family of apyrases. **Journal of Experimental Biology**, v. 204, n. 2, p. 229–237, 2001.
217. VALENZUELA, J. G. et al. Exploring the sialome of the tick *Ixodes scapularis*. **Journal of Experimental Biology**, v. 205, n. 18, p. 2843–2864, 2002.
218. VALUEVA, T. A.; MOSOLOV, V. V. Role of inhibitors of proteolytic enzymes in plant defense against phytopathogenic microorganisms. **Biochemistry (Moscow)**, v. 69, n. 11, p. 1305–1309, 2004.
219. VASILJEVA, O. et al. Tumor Cell–Derived and Macrophage-Derived Cathepsin B Promotes Progression and Lung Metastasis of Mammary Cancer. **Cancer Research**, v. 66, n. 10, p. 5242–5250, 15 maio 2006.
220. VELASCO, G. et al. Human cathepsin O. Molecular cloning from a breast carcinoma, production of the active enzyme in Escherichia coli, and expression analysis in human tissues. **Journal of Biological Chemistry**, v. 269, n. 43, p. 27136–27142, out. 1994.
221. VIVIER, E. et al. Functions of natural killer cells. **Nature immunology**, v. 9, n. 5, p. 503–510, 2008.
222. VIZIN, T. et al. Cathepsin X in serum from patients with colorectal cancer: Relation to prognosis. **Radiology and Oncology**, v. 46, n. 3, p. 207–212, 1 set. 2012.

223. WANG, Y. et al. Functional characterization of a cystatin from the tick *Rhipicephalus haemaphysaloides*. **Parasites and Vectors**, v. 8, n. 1, 3 mar. 2015.
224. WEI, N. et al. A Tick Cysteine Protease Inhibitor RHcyst-1 Exhibits Antitumor Potential. **Cellular Physiology and Biochemistry**, v. 46, n. 6, p. 2385–2400, 1 maio 2018.
225. WEI, N. et al. Immunosuppressive effects of tick protein RHcyst-1 on murine bone marrow-derived dendritic cells. **Parasites & vectors**, v. 12, n. 1, p. 1–10, 2019.
226. WEIDAUER, E. et al. Effects of disease-modifying anti-rheumatic drugs (DMARDs) on the activities of rheumatoid arthritis-associated cathepsins K and S. **Biological Chemistry**, v. 388, n. 3, 1 jan. 2007.
227. WEX, T. et al. Human cathepsin W, a cysteine protease predominantly expressed in NK cells, is mainly localized in the endoplasmic reticulum. **The Journal of Immunology**, v. 167, n. 4, p. 2172–2178, 2001.
228. WEX, T. et al. Functional involvement of cathepsin W in the cytotoxic activity of NK-92 cells. **FEBS Letters**, v. 552, n. 2–3, p. 115–119, 25 set. 2003.
229. WILDER, C. L. et al. Manipulating substrate and pH in zymography protocols selectively distinguishes cathepsins K, L, S, and V activity in cells and tissues. **Archives of biochemistry and biophysics**, v. 516, n. 1, p. 52–57, 2011.
230. WILLSTÄTTER, R.; BAMANN, E. Über die Proteasen der Magenschleimhaut. Erste Abhandlung über die Enzyme der Leukocyten. **Hoppe-Seyler´s Zeitschrift für physiologische Chemie**, v. 180, n. 1–3, p. 127–143, jan. 1929.
231. XU, X.-L. et al. De novo sequencing, assembly and analysis of salivary gland transcriptome of *Haemaphysalis flava* and identification of sialoprotein genes. **Infection, Genetics and Evolution**, v. 32, p. 135–142, 2015.
232. YAMAJI, K. et al. A salivary cystatin, HISC-1, from the ixodid tick Haemaphysalis longicornis play roles in the blood-feeding processes. **Parasitology Research**, v. 106, n. 1, p. 61–68, 25 dez. 2009.
233. YAN, S.; SLOANE, B. F. Molecular regulation of human cathepsin B: implication in pathologies. 2003.
234. YANG, W. et al. High level expression, purification and activation of human dipeptidyl peptidase I from mammalian cells. **Protein expression and purification**, v. 76, n. 1, p. 59–64, 2011.
235. YANG, X. et al. MicroRNA-205 Mediates Proteinase-Activated Receptor 2 (PAR $_2$) -Promoted Cancer Cell Migration. **Cancer Investigation**, v. 35, n. 9, p. 601–609, 21 out. 2017.
236. ZAJC, I. et al. Expression of cysteine peptidase cathepsin L and its inhibitors stefins A and B in relation to tumorigenicity of breast cancer cell lines. **Cancer letters**, v. 187, n. 1–2, p. 185–190, 2002.
237. ZHANG, F. et al. Bioinformatics analysis and characterization of a secretory cystatin from *Thelohanellus kitauei*. **AMB Express**, v. 10, n. 1, p. 1–11, 2020.
238. ZHANG, X. et al. **Protease activated receptor 2 mediates tryptase-induced cell migration through MYO10 in colorectal cancerAm J Cancer Res**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <www.ajcr.us/>.
239. ZHANG, Y. et al. Liposome mediated double-stranded RNA delivery to silence ribosomal protein P0 in the tick *Rhipicephalus haemaphysaloides*. **Ticks and Tick-borne Diseases**, v. 9, n. 3, p. 638–644, 1 mar. 2018.

240. ZHOU, J. et al. Identification of a glycine-rich protein from the tick *Rhipicephalus haemaphysaloides* and evaluation of its vaccine potential against tick feeding. **Parasitology research**, v. 100, n. 1, p. 77–84, 2006.

4 OBJETIVOS

5.1 Objetivo Geral

Projetar peptídeos a partir da estrutura terciária da cistatina Rhcyst-1 e avaliar o potencial inibitório de catepsinas humanas envolvidas em progressão tumoral e metástase.

5.2 Objetivos Específicos

- Modelar tridimensionalmente a estrutura da cistatina Rhcyst-1.
- Realizar estudos *in silico* de interação entre a cistatina Rhcyst-1 e catepsinas humanas envolvidas no ambiente tumoral e na metástase.
- Propor a sequência e modelar tridimensionalmente a estrutura de um peptídeo inibidor de catepsinas derivado da cistatina Rhcyst-1.
- Avaliar *in silico* a interação e o potencial inibitório de catepsinas do peptídeo derivado da RHcyst-1.
- Realizar uma confirmação *in vitro* dos resultados obtidos *in silico*.

5 ARTIGO CIENTÍFICO

Periódico: Process Biochemistry

Título: **Design of a new peptide derived from the *Rhipicephalus haemaphysaloides* Cystatin (RHcyst-1) with inhibitory potential against human cathepsins L and B involved in cancer invasion**

Autores: Bruno de Souza Mayer[1], Bárbara Marsango Marcolin[1], Jinlin Zhou[2], Rodrigo Ligabue-Braun[1], Adriana Seixas[1]

[1] Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil.
[2] Shanghai Veterinary Research Institute, Chinese Academy of Agricultural Sciences, Shanghai, China.

Local de realização do estudo: Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

Projeto desenvolvido é derivado do projeto derivado de um projeto maior, intitulado “Ectoparasitos como fonte de novas moléculas com potencial farmacológico: agentes anticoagulantes e antitumorais” e registrado na compesq sob o número 042/2017.

Declaramos a não existência de conflitos de interesse.

Design of a new peptide derived from the *Rhipicephalus haemaphysaloides* Cystatin (RHcyst-1) with inhibitory potential against human cathepsins L and B involved in cancer invasion

Bruno de Souza Mayer[1], Bárbara Marsango Marcolin[1], Jinlin Zhou[2], Rodrigo Ligabue-Braun[1], Adriana Seixas[1]

[1] Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil
[2] Shanghai Veterinary Research Institute, Chinese Academy of Agricultural Sciences, Shanghai, China.

Corresponding Author:
Adriana Seixas
Rua Sarmento Leite, 245 - Centro Histórico, Porto Alegre, RS, 90050-170, Brasil
Email address: adrianaseixas@ufcspa.edu.br

Abstract

Cysteine cathepsins are enzymes involved in several physiological processes and its role in various diseases including cancers. These enzymes have their protein activity naturally controlled by protein inhibitors called cystatins. These inhibitors can be obtained from vegetal and animal sources and have already demonstrated antitumor activity. In this way, considering that cathepsins are proteases involved in several diseases, exhibiting varied characteristics and functions, our purpose is to study the cathepsins as therapeutic targets for the development of new drugs, based on natural inhibitors such as cystatins. So, in this study we investigate the *Rhipicephalus haemaphysaloides* tick inhibitor RHcyst-1, which was previously characterized and classified as a type I cystatin. RHcyst-1 exhibits *in vitro* inhibitory activity against cysteine proteases including cathepsin L, cathepsin B, cathepsin C, and cathepsin S. The peptides were designed and chemically synthesized, and its inhibitory activity against cathepsin L and B was identified by fluorogenic substrate analysis. *In silico* analyzes were performed to predict the ability to generate immune and allergic responses. The present research demonstrates that the peptides (Rhcyst-1pep and Rhcyst-1pep2) resulting from the RHcyst-1 inhibitory regions are effective inhibitors of cathepsin L and cathepsin B enzymes. We hypothesized that the peptides, even used in higher concentration, could play a role like RHcys-1 in the tumor microenvironment and exhibit potential antitumor and antimetastatic efficacy. In future studies we will investigate the potential of these peptides as antitumoral drugs.

Key words: Cystatin; metastases, antitumor, cathepsins, protease inhibitors, cancer.

1. Introduction

According to the World Health Organization (WHO), cancer is a leading cause of death worldwide, accounting for nearly 10 million deaths in 2020 (FERLAY et al., 2021). Cancer is characterized as a large group of diseases caused by the uncontrolled growth of transformed cells, which can start in any organ or tissue of the body with the possibility of invading adjacent parts and / or spreading to other organs (LÚCIA DE ALMEIDA et al., 2005). This process is called metastasis and is a major cause of cancer-caused death (FERLAY et al., 2021). Metastasis is a complex, multi-step process that involves genetic and epigenetic changes in tumor cells. In addition, cancer develops within a complex tissue microenvironment, which also regulates the invasion, migration, and metastasis of tumor cells (ZHANG et al., 2019). The microenvironment of the tumor invasion can allow cancer cells to reach an abnormally high motility capacity and penetrate the surrounding stroma. It is noteworthy that the tumor invasion front is particularly rich in a variety of proteases, which facilitates cancer invasion and metastasis through remodeling of the extracellular matrix and promote cell migration (YANG et al., 2017).

Cathepsins are proteases that are involved in several types of cancer, exhibiting varied characteristics and functions (WEI et al., 2018). In humans, cysteine cathepsins, a lysosomal protease group, comprise 11 members: Cathepsin B (CtsB), C (CtsC), F (CtsF), H (CtsH), K (CtsK), L (CtsL), O (CtsO), S (CtsS), V (CtsV, also known as L2), W (CtsW), and Z (CtsZ, also called X) (ROSSI et al., 2004). These cathepsins have been associated with cancer proliferation, survival, and metastasis, thus contributing to tumor progression in various types of cancer through different mechanisms (OLSON; JOYCE, 2015). In normal cells, only a small amount of cathepsins is secreted (TANDON et al., 1990) and under normal physiological conditions, these are sequestered in lysosomes. However, in tumor cells, it is already well known that changes in expression levels and trafficking pathways result in the secretion of these proteinases in the extracellular environment (DENHARDT et al., 1987). Inhibitors that block the activity of cathepsins or decrease their levels in the peripheral environment, called cystatins, have been investigated once they can prevent the progression of the tumor and metastasis. Cystatins are an evolutionary related family of reversible and tightly bind inhibitors of lysosomal cathepsins belonging to the C1 family (JAKOŠ et al., 2019). The main role of cystatins is to limit the excessive activity of cysteine endopeptidases. Thus, the combination of cathepsin inhibitors with chemotherapy and radiation for cancer treatment has been reported

(NALLA et al., 2010; SUDHAN; SIEMANN, 2015b). Recently, researchers have reported that selective CatK inhibitor can prevent the establishment and progression of bone-invading metastatic prostate cancer, thus becoming a new therapeutic approach for advanced prostate cancer (LIANG et al., 2019).

Some species of ticks presented one or more isoforms of cystatins such as ticks of the species *Rhipicephalus microplus*, source of at least five different cystatins (PARIZI et al., 2013). Ticks are obligatory blood-sucking ectoparasites of wild and domestic animals, as well as humans. They are second only to mosquitoes as global vectors of human diseases (ZHANG et al., 2018). Due to the long and complex evolutionary process generated by parasitism, these hematophagous represent an important source of new bioactive molecules, such as cystatins. Such molecules have been explored for several applications such as anticoagulant, immunosuppressive, antiangiogenic, and antitumor potential (PARIZI et al., 2013; WEI et al., 2018).

The antitumor activity of some cystatins obtained from ticks has already been proven. RHcyst-1, for example, is a cystatin obtained from *Rhipicephalus haemaphysaloides* ticks, which showed significant inhibition of tumor cell proliferation, migration, and invasion (WEI et al., 2018). *In vitro*, RHcyst-1 was shown to have positive inhibition results in human cervical cancer (HeLa), lung (A549), ovarian (SKOV-3), and melanoma cells. Furthermore, when tested *in vivo*, in a murine model, it inhibited tumor growth and improved the animals' survival. The RHcyst-1 has potential antitumor activity that may be associated with changes in cathepsin expression, which can be considered a potential application in the treatment of cancer (WEI et al., 2018). The aim of this study was to design and evaluate a synthetic peptide derived from the inhibitory regions of RHcyst-1 considering the possibility to use this molecule as a biopharmaceutical.

2. Materials & Methods

2.1 Molecular modeling of the RHcyst-1

The molecular structure of RHcyst-1 was elaborated with deep learning-based structure prediction with AlphaFold2 (JUMPER et al., 2021). The selected model was evaluated with dedicated tools provided by the software, as well as visually, in order to detect possible structural changes, using the PyMOL 2.4 software (SCHRÖDINGER LLC, 2015). The RHcyst-1 sequence was obtained from MEROPS (MERNUM MER0595513) (RAWLINGS et al., 2018).

2.2 Design of the three-dimensional structure of peptides based on RHcyst-1

The sequence of the peptides based on the RHcyst-1 inhibitor, named RHcyst1-peps, was determined based on the results of RHcyst-1 molecular modeling. With the model of the built RHcyst-1, the cystatin was docked with the human cathepsin L structure obtained through the RCSB PDB (BERMAN, 2000) under the identification code 1ICF (GUNČAR et al., 1999). The structure was subjected to a preparation step, with the removal of water molecules and any existing binders. At the end, the missing hydrogen atoms were added using the AutoDock version 4.2 program (MORRIS et al., 2009). After the structural determination of RHcyst-1, its docking with cathepsin L was performed using the ClusPro software (KOZAKOV et al., 2017). Docking was carried out blindly, allowing the platform to assess the most suitable place for the interaction between the two input molecules occur. The selected docking pose was visualized in the PyMOL software (SCHRÖDINGER LLC, 2015). To observe the interactions between amino acids at the catalytic site and the nature of the bonds between the ligand and the protein, the PDBsum software was used (LASKOWSKI et al., 2018). With the results of the interactions between RHcyst-1 and cathepsin L, two peptides were designed to contain all the amino acids that participate in such interaction. Later, we used the AlphaFold2 Software to perform the three-dimensional modeling of the peptides. The first peptide containing 24 amino acids was named Rhcyst-1pep and the amino acid sequence of Rhcyst-1pep is as follows: LCGGLSQLVNGINYAHKAFQSEHF. The second peptide, being a shortly version of the first, contains 14 amino acids and is called Rhcyst-1pep2, the amino acid sequence of Rhcyst-1pep2 is as follows: QLVNGINYAHKAFQ.

2.3 Allergenicity and toxicity assessment *in silico*

The web-based AllerTOP v.2.0 (DIMITROV et al., 2014) was used to check the allergenicity of the peptides and of the complete inhibitor sequence. To classify allergens and nonallergens, AllerTOP v. 2.0 has been established on the basis of k-nearest neighbors (kNN) method. The web server ToxinPred was used to predict toxicity of the peptides (GUPTA et al., 2013). This strategy was developed on the basis of machine learning technique and quantitative matrix utilizing distinctive properties of peptides. For the mapping of IgE epitopes and mapping of motifs by Multiple Em for Motif Elicitation (MEME) / Motif Alignment and Search Tool (MAST) we use AlgPred tools (SAHA; RAGHAVA, 2006a).

2.4 B-cell and T-cell epitopes prediction

Linear B-cell epitopes of the RHcyst1-pep sequences were predicted by ABCpred (SAHA; RAGHAVA, 2006b). The length of peptide fragments was not set to any specific value to find all potential linear epitopes. Predicted peptides with scores above the threshold of 0.50 were selected.

NetMHCIIpan 4.0 servers were used for the likelihood of peptide binding to Major Histocompatibility Complex (MHC) class II molecules for T-cell epitope prediction (REYNISSON et al., 2020).

2.5 Peptide synthesis

An automated bench-top simultaneous multiple solid-phase peptide synthesizer (PSSM 8 system from Shimadzu) was used for the solid-phase synthesis of the peptides by the Fmoc-procedure (HIRATA et al., 1995; KORKMAZ et al., 2008). The final peptides were deprotected in TFA and purified by semipreparative HPLC using an Econosil C-18 column (10 µ, 22.5 x 250 mm) and a two-solvent system: (A) trifluoroacetic acid (TFA)/H2O (1:1000) and (B) TFA/acetonitrile (ACN)/H2O (1:900:100). The column was eluted at a flow rate of 8 ml/min with a 10 (or 30) - 50 (or 60)% gradient of solvent B over 30 or 45 min. Analytical HPLC was performed using a binary HPLC system from Shimadzu with a SPD-10AV Shimadzu uv-vis detector, coupled to an Ultrasphere C-18 column (5 µ, 4.6 x 150 mm) which was eluted with solvent systems A1 (H3PO4/H2O, 1:1000) and B1 (ACN/ H2O/H3PO4, 900:100:1) at a flow rate of 1.0 ml/min and a 10-80% gradient of B1 over 10 min. The HPLC column eluates were monitored by their absorbance at 220 nm. The molecular weight, the purity of the synthesized peptides and the sequence of the peptides were verified by MALDI-TOF mass spectrometry (Bruker Daltons), electrospray LC / MS-2010 (Shimadzu) and nano-LC/MS-MS-Impact-II (Bruker Daltons).

2.6 Proteinase inhibitor assays

To verify the inhibitory activity of the RHcyst1-pep and RHcyst1-pep2 in vitro, the IC_{50} of peptides was measured. The peptides were pre-incubated with each enzyme (0.15 µM) in a reaction buffer for 30 min. Then, 0.25 mM of the protease-specific substrates was added to each well, and residual enzyme activity was measured at 370/460 nm, using a microplate

spectrophotometer (Spectramax Microplate Reader, Molecular Devices Corporation) (WANG et al., 2015; YAMAJI et al., 2009). The following enzymes were used: cathepsin B (from bovine spleen), and cathepsin L (from the human liver). These enzymes were all purchased from Sigma Co. (Sigma, USA). The reaction buffer consisted of 100 mM sodium acetate, 100 mM NaCl, 1 mM EDTA, 1 mg / ml cysteine and 0.005% Triton X-100, pH 5.5 in a reaction final volume of 100µL at 37°C (WANG et al., 2015; YAMAJI et al., 2009). The substrate used (Sigma, USA) was as follows: Z-Phe-Arg-AMC·HCl in a final concentration of 0.25 mM.

3. Results

3.1 Molecular modeling of RHcyst-1

The three-dimensional structure of RHcyst-1 from the tick *Rhipicephalus haemaphysaloides* is shown in Fig. 1. Five models were generated, and the one with the best energy score was selected. Visual inspection using PyMOL showed an expected structure, with an alpha helix and four beta strands forming a sheet. The quality of the models performed by AlphaFold2 can be seen in Supplementary Fig 1. The quality of the five models was considered high, being suitable for application of the model for molecular docking.

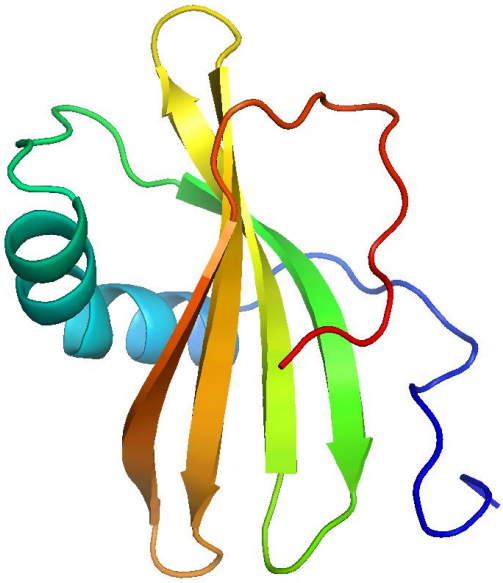


Fig. 1. The three-dimensional structure of RHcyst-1 from ticks *Rhipicephalus haemaphysaloides* that was modeled by AlphaFold2. Presented by the PyMOL program, in cartoon mode, colored from N-terminal in blue to C-terminal in red.

3.2 Design of the three-dimensional structure of Rhcyst-1pep1 and Rhcyst-1pep2

The results of the peptide structure project can be seen in Fig. 2. The peptide Rhcyst-1pep1 was projected to contain in a linear sequence all the amino acids that participate in the interaction between RHcyst-1 and the cathepsin L. The second peptide Rhcyst-1pep2 is a shorter version of the pep 1.

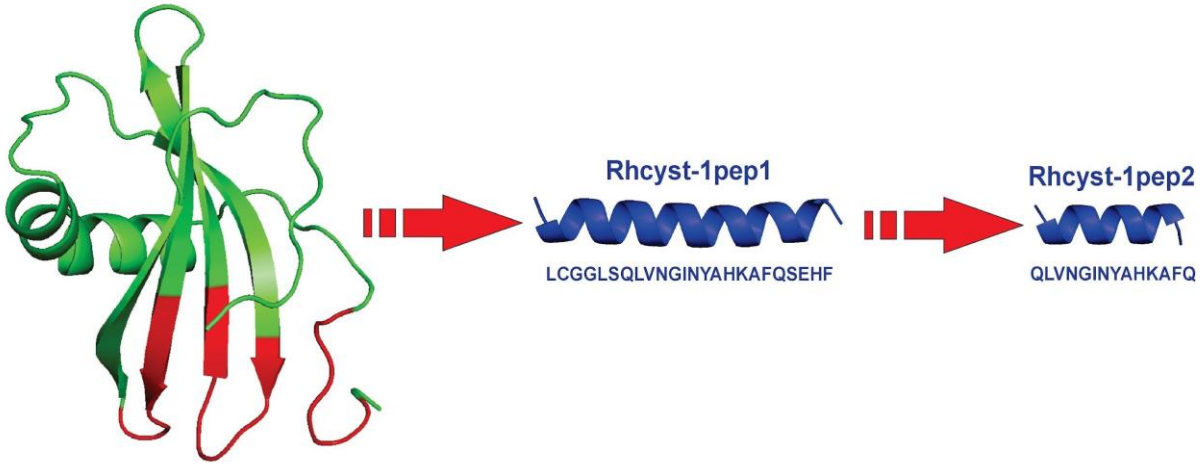


Fig. 2. The top of the figure, in green, shows the protein with regions in red showing the amino acids that participate in the interaction with CTS L. Highlighted in red are the regions containing the amino acids used for the modeling of the peptide Rhcyst-1pep (in blue). Figure also shows theRhcyst-1pep2 generated from Rhcyst-1pep1. Both peptides assumed an alfa helix conformation in our prediction.

3.3 ClusPro analysis

The results of peptide-protein anchoring using the ClusPro web server are presented in Table 1. Docking of inhibitors with cathepsins resulted in several clusters, most of which have been shown to interact with cathepsins across multiple regions. Inhibitor/Cathepsin complexes were ranked based on the lowest binding energy and binding to the active site of proteins. The highest ranked cluster was selected for further analysis. The results of these analyzes indicated that the peptides, having lower binding energy, would have a greater potential to inhibit the target cathepsins.

Table 1 - Blind coupling of RHcyst-1, RHcyst1-pep and RHcyst1-pep2 with cathepsins L and B using the ClusPro server.

Protein	Inhibitor	ClusPro energy docking			
		Cluster	Members	Central energy	Lowest energy
Cathepsin L	RHcyst-1 Protein	0	190	-729.8	-812.9
Cathepsin L	RHcyst1-pep	0	272	-676.1	-816.5
Cathepsin L	RHcyst1-pep2	0	296	-617.6	-716.2
Cathepsin B	RHcyst-1 Protein	0	186	-670.7	-732.0
Cathepsin B	RHcyst1-pep	1	140	-642.9	-872.8
Cathepsin B	RHcyst1-pep2	1	231	-664.2	-879.4

In the current investigation, ClusPro software was used to understand the interaction of RHcyst-1 and peptides with Cathepsins L and B. The computational molecular docking in which the inhibitors were docked with cathepsins served to determine favorite binding sites. The best conformation of the binding mode between inhibitors and cathepsins are shown in Fig. 3.

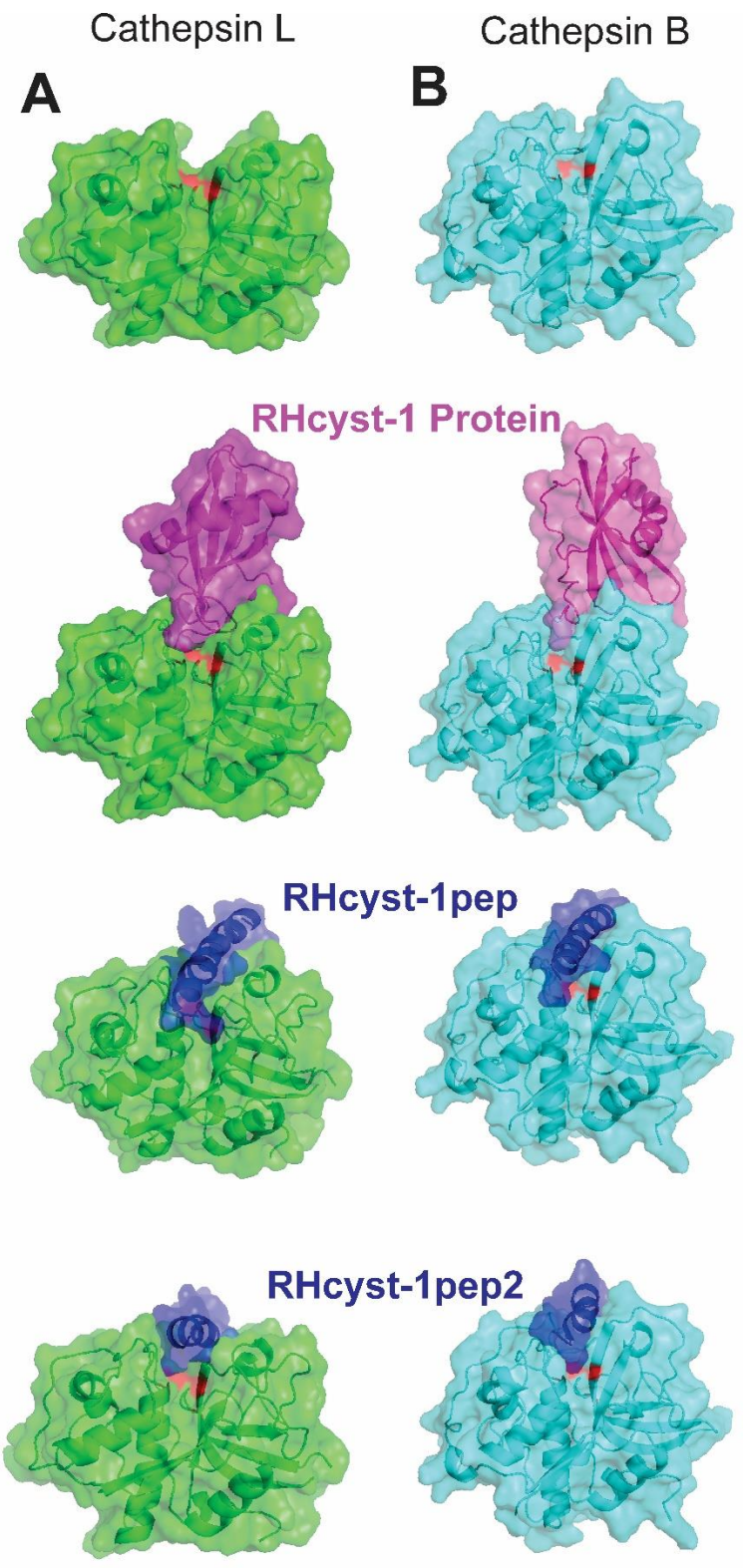


Fig. 3. Docked Cathepsin L and B with RHcyst-1, RHcyst-1pep and RHcyst-1pep2. The proteins are presented in surface mode with 50% transparency, making it possible to visualize the structure in cartoon mode. Cathepsin L is shown in green (A) and cathepsin B is shown in light blue (B) both with the active site highlighted in red. RHcyst-1 is shown in purple and peptides are shown in dark blue.

3.4 Allergenicity and toxicity assessment *in silico*

The AlgPred server attests the non-allergenic behavior of the RHcyst-1 protein and its derived peptides. All molecules were assessed as non-allergenic in nature. The RHcyst-1 protein and peptide sequences were predicted for their allergenicity using the AlgPred tool. Both protein sequences do not contain experimentally proven IgE epitopes. Identification of non-conserved MEME/MAST motifs considered all molecules as non-allergenic.

Toxicity prediction was undertaken by ToxinPred, all molecules were considered "Non-Toxin" as shown in table 2.

Table 2 - Toxicity prediction by ToxinPred

	ToxinPred output	
Molecule	Number of occurrences	Toxicity prediction
RHcyst-1 protein	89	Non-Toxin
RHcyst1-pep	1	Non-Toxin
RHcyst1-pep2	1	Non-Toxin

3.5 B-cell epitopes prediction

Using ABCpred, linear B-cell epitopes of the RHcyst-1 protein and the peptide RHcyst1-pep were predicted. Potential epitopes of RHcyst-1 and the potential epitopes of RHcyst1-pep are shown in Table 3. The RHcyst1-pep2 did not present any predicted epitope for B cells.

Table 3 - Predicted linear B-cell epitopes based on the RHcyst-1 protein and RHcyst1-pep sequences using ABCpred server.

Molecule	Potential linear B-cell epitope	Start position	Score
RHcyst-1 protein	CFPEFTPLKYRTQLVN	36	0.91
	SEEVKDADDTVREICE	8	0.82
	HIHVRAHKAFQGEISF	66	0.79
	MPLCGGLSEEVKDADD	1	0.79
	CEKVRAEVETKLGKCF	22	0.78
	DTVREICEKVRAEVET	16	0.74
	AVQEEKTLEDPLEHFQ	83	0.71
	GEISFSAVQEEKTLED	77	0.71
	HVGNNQHIHVRAHKAF	60	0.70
	VNGINYFVKVHVGNNQ	50	0.70
	PLKYRTQLVNGINYFV	42	0.65
RHcyst1-pep	QLVNGINYAHKAFQSE	7	0.67

3.6 T-cell epitopes prediction

Net-MHCIIpan-4.0 was used to predict binding between inhibitors and MHC-II. Cystatin RHcyst-1 showed 6 possible weak ligands as shown in Table 4. The peptides, on the other hand, had this number of ligands reduced to zero, no strong or weak ligands were present.

Table 4 - Location of the T-cell epitopes of the protein RHcyst-1 predicted by Net-MHCIIpan-4.0

Pos	Peptide	Of	Core	Core_Rel	Score_EL	%Rank_EL	BindLevel
41	TPLKYRTQ LVNGINY	4	YRTQLVNG	0.993	0.291731	4.62	WB
42	PLKYRTQL VNGINYF	3	YRTQLVNG	1.000	0.282884	4.75	WB
70	RAHKAFQG EISFSAV	5	FQGEISFSA	0.980	0.276952	4.84	WB
71	AHKAFQGE ISFSAVQ	4	FQGEISFSA	1.000	0.626440	1.73	WB
72	HKAFQGEI SFSAVQE	3	FQGEISFSA	1.000	0.763609	1.05	WB
73	KAFQGEISF SAVQEE	2	FQGEISFSA	1.000	0.383438	3.57	WB

Number of strong binders (SB): 0 Number of weak binders (WB): 6

3.7 In vitro Proteinase inhibition assays

The results showed that RHcyst1-pep and RHcyst1-pep2 can inhibit the enzymatic activities of cathepsin B and cathepsin L in vitro (Fig. 4) and (Fig. 5) respectively. The IC50s of RHcyst1-pep1 targeting cathepsin B and cathepsin L, 504.05 µM, and 534.72 µM, respectively. The IC50 values for the RHcyst1-pep2 targeting cathepsins B and L were 658.99 µM and 494.52 µM, respectively. The IC50 values were calculated based on the log values using GraphPad Prism 8 Software.

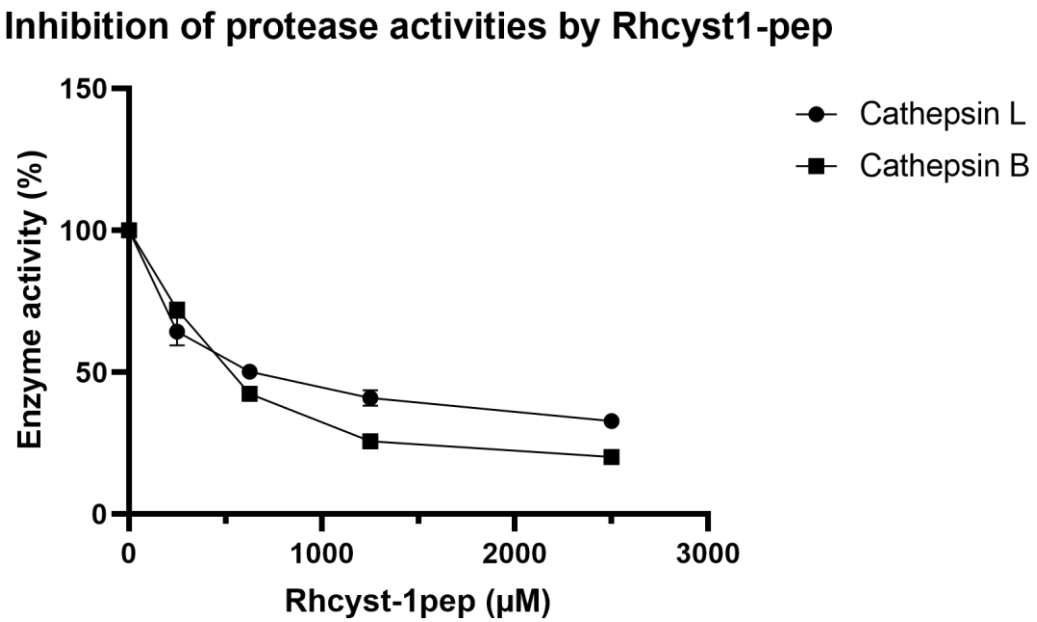


Fig. 4. Inhibition of protease activities by Rhcyst-1pep. Cathepsins B and L were incubated with the substrate in the presence of different concentrations of Rhcyst-1pep. Incubation of cathepsins without Rhcyst-1pep leads to 100% enzyme activity.

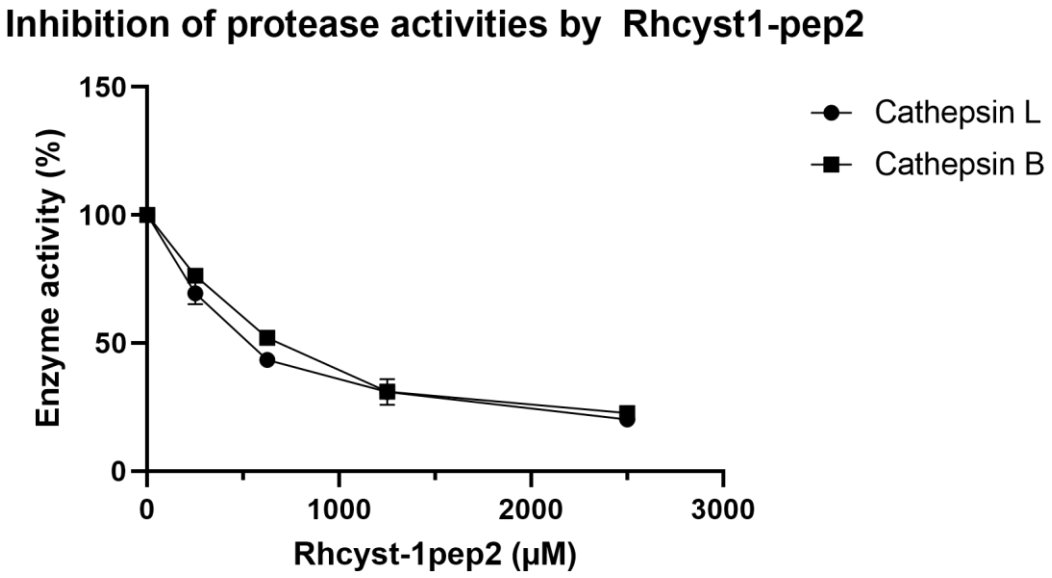


Fig. 5. Inhibition of protease activities by Rhcyst-1pep2. Cathepsins B and L were incubated with the substrates in the presence of different concentrations of Rhcyst-1pep2.

4. Discussion

Different studies that investigate tumor cysteine proteases such as cathepsins have been conducted in the last years, demonstrating the role of these enzymes in tumor progression and metastasis (GOCHEVA; JOYCE, 2007; JOYCE; HANAHAN, 2004; NOMURA; KATUNUMA, 2005; OLSON; JOYCE, 2015; SOOND et al., 2019). These results had encouraged the idea that the imbalance between cysteine proteases and cystatins, their natural inhibitors, can be further explored in the fight against cancer (OLSON; JOYCE, 2015). Therefore, the use of cystatins or other cathepsin inhibitors have been considered a potential therapeutic strategy against cancer (EATEMADI et al., 2017).

Rhcyst-1 is a tick cystatin with great biotechnological potential already demonstrated in vitro and in vivo (WEI et al., 2018). It significantly inhibited the proliferation, migration, and invasion of four different tumor cells in vitro including lung, ovarian, melanoma and cervical cancer cells. Furthermore, when tested in vivo, in a murine model, it inhibited tumor growth and improved the animals survival (WEI et al., 2018). In the present study, we investigated the structural characteristics of Rhcyst-1 and its interaction with two human cathepsins with important roles in cancer invasion and metastasis (JOYCE; HANAHAN, 2004; NOMURA; KATUNUMA, 2005). Based on the enzyme-inhibitor interaction model, two peptides derived from the cystatin RHcyst-1 from the tick *R. haemaphysaloides* were proposed and had its *in silico* and *in vitro* cathepsin inhibitory capacity confirmed against cathepsin B and L. Additionally, the peptides Rhcyst-1pep and Rhcyst-1pep2 showed a reduced immunogenicity compared to the Rhcyst-1 full molecule, which is positive thinking in drug development.

Our *in silico* results do not demonstrate that the difference in the number of amino acids used in pep 1 and 2 clearly influenced the peptides inhibitory capacity. Once for cathepsin L the peptide 1 was more efficient and for cathepsin B the peptide 2 was more efficient. Besides to consider a short peptide more promising for medical application, we supposed that the peptide with more amino acids could have a better anchoring in the enzyme active site region resulting in a higher affinity. When we compare the full Rhcyst-1 protein with the derived peptides, the parameters analyzed *in silico* demonstrate satisfactory results with a lower activity of the peptides when compared to the sequence of the full protein Rhcyst-1. Otherwise, the IC 50 values achieved *in vitro* in this study for both peptides were in the micromolar order, and the IC 50 previously achieved with the recombinant protein for the same enzymes were in the nanomolar order (WANG et al., 2015). To better compare the molecules, in future *in vitro*

studies we intend to work with all molecules together and to analyze Ki constants instead of IC50.

Enzymatic proteolysis in the vicinity of a tumor is a hallmark of cancer invasion and metastasis (VASILJEVA et al., 2006). Alteration in cathepsins expression levels, processing, and localization, starting by the abundant cathepsins L and B, in tumoral cells when compared to the normal cells of the same lineage have made these enzymes interesting cancer prognostic and diagnostic markers (CHAUHAN; GOLDSTEIN; GOTTESMAN, 1991; GONDI; RAO, 2013). The main cause of cancer-related deaths in some types of cancer, as breast cancer, is the migratory and invasive behavior of cancer cells, which results in metastasis and scattering of the disease to different tissues and organs (LI et al., 2021; LÚCIA DE ALMEIDA et al., 2005). Therefore, there is a great interest in discovering or developing new and effective molecules to avoid the spread of metastatic cancer cells, putting the enzymes involved in these processes as targets for inhibitors development which have being focus of many studies (LI; FANG; AO, 2017; SUDHAN; SIEMANN, 2015c).

As far as we know, until the moment there are no inhibitors of cathepsin L or B being used in clinics. However, during the last few years, some novel inhibitors of cathepsin L or B with new scaffolds from small molecules library, natural products as well as reasonable drug design were developed and tested as new therapeutic agents. Their potency, selectivity and reversibility have been improved by structural optimization to match corresponding sites of cathepsin B or L (LI; FANG; AO, 2017). The therapeutic proteins, initially approved for use in general medicine, were simple replacement proteins (as insulin). In recent years, a proportional increase in biopharmaceuticals development using modified proteins or analogues has been observed (MAHMOOD; GREEN, 2005). In this context, RHcys-1 or its derived peptides are molecules with great biotechnological potential. Among the advantages of using peptides as drugs, we can mention the chemical synthesis capacity, the small molecular size, the lower capacity to generate an immune response and a less complex structure that can be improved and modified more easily to increase the inhibitory capacity and specificity (KURRIKOFF; APHKHAZAVA; LANGEL, 2019).

Some cystatin-like protein inhibitors are not as effective in inhibiting cathepsin B as they are to papain or other cathepsins L (MUSIL et al., 1991). Structural studies showed that it happens because cathepsin B has an “occluding loop” that reduces inhibitors affinity to the active site of the protein. Interestingly, in our study both peptides demonstrated a similar ability to inhibit cathepsin L and cathepsin B, which indicates that the cathepsin B loop is not a problem for these small inhibitors. Considering that cathepsin L and B usually are involved in similar

processes assuming similar importance in tumor progression, this dual activity is very desirable once cases of compensation among cysteine cathepsin are reported (AKKARI et al., 2016).

It is well known that, besides to the most abundant cathepsins L and B, other cathepsins are also involved in the process of tumor invasion, proliferation, and metastasis (TAN et al., 2013). So, it is important during the development of cathepsin inhibitors to privilege molecules that can inhibit more than one of human cathepsins. In future works, we intend to test the inhibitory capacity of the peptides against a greater number of human cathepsins and work on sequence and number of amino acids to make modifications in order to improve the peptides' inhibitory potential together with their plasticity.

5. Conclusions

In summary, two peptides derived from the RHcyst-1 protein were modeled, chemically synthesized, and tested *in silico* and *in vitro* against human cathepsins B and L. In this study, the three-dimensional structure of RHcyst-1 was modeled and presented. The inhibitory activity of the peptides was measured, and the average inhibitory concentration demonstrated that the peptides have similar inhibitory activity against both proteins. The results of the allergenicity and toxicity evaluation showed that both the RHcyst-1 protein and the derived peptides do not have any allergenic or cytotoxic effects *in silico*. The peptides showed better results regarding the possibility of generating immune responses when compared to RHcyst-1. In future works, to improve the peptide inhibitory activity, changes in amino acids sequence and length will be carried out. We hypothesized that the peptides, even used in higher concentration, could play a role like RHcys-1 in the tumor microenvironment and exhibit potential antitumor and antimetastatic efficacy.

6. Acknowledgements

This work has been supported by the following Brazilian research agencies: CAPES with the Bruno Mayer masters fellowship, CNPq - INCT Molecular Entomology and FAPERGS EDITAL 07/2021 PqG.

7. References

ABE, K. et al. The NH2-terminal 21 amino acid residues are not essential for the papain-inhibitory activity of oryzacystatin, a member of the cystatin superfamily. Expression of oryzacystatin cDNA and its truncated fragments in Escherichia coli. **Journal of Biological Chemistry**, v. 263, n. 16, p. 7655–7659, 1988.

ABRAHAMSON, M. [49] Cystatins. In: **Methods in enzymology**. [s.l.] Elsevier, 1994. v. 244p. 685–700.

ABRAHAMSON, M.; ALVAREZ-FERNANDEZ, M.; NATHANSON, C.-M. **Cystatins.** Biochemical Society Symposium. **Anais**...2003.

ADACHI, W. et al. Isolation and characterization of human cathepsin V: a major proteinase in corneal epithelium. **Investigative ophthalmology & visual science**, v. 39, n. 10, p. 1789–1796, 1998.

AKKARI, L. et al. Combined deletion of cathepsin protease family members reveals compensatory mechanisms in cancer. **Genes & Development**, v. 30, n. 2, p. 220–232, 15 jan. 2016.

ALARCON-CHAIDEZ, F. J.; SUN, J.; WIKEL, S. K. Transcriptome analysis of the salivary glands of Dermacentor andersoni Stiles (Acari: Ixodidae). **Insect biochemistry and molecular biology**, v. 37, n. 1, p. 48–71, 2007.

ALJAMALI, M. N. et al. Transcriptome analysis of the salivary glands of the female tick Amblyomma americanum (Acari: Ixodidae). **Insect molecular biology**, v. 18, n. 2, p. 129–154, 2009.

ALTORJAY, A. et al. Significance and prognostic value of lysosomal enzyme activities measured in surgically operated adenocarcinomas of the gastroesophageal junction and squamous cell carcinomas of the lower third of esophagus. **World Journal of Gastroenterology: WJG**, v. 11, n. 37, p. 5751, 2005.

ANATRIELLO, E. et al. An insight into the sialotranscriptome of the brown dog tick, Rhipicephalus sanguineus. **BMC genomics**, v. 11, n. 1, p. 1–17, 2010.

ANDRAULT, P.-M. et al. Cigarette smoke induces overexpression of active human cathepsin S in lungs from current smokers with or without COPD. **American Journal of Physiology-Lung Cellular and Molecular Physiology**, v. 317, n. 5, p. L625–L638, 2019.

ANTUNES, S. et al. Rhipicephalus bursa sialotranscriptomic response to blood feeding and Babesia ovis infection: identification of candidate protective antigens. **Frontiers in Cellular and Infection Microbiology**, v. 8, p. 116, 2018.

ARAUJO, R. N. et al. RNA-seq analysis of the salivary glands and midgut of the Argasid tick Ornithodoros rostratus. **Scientific reports**, v. 9, n. 1, p. 1–13, 2019.

BAICI, A. et al. Regulation of human cathepsin B by alternative mRNA splicing: homeostasis, fatal errors and cell death. 2006.

BAICI, A.; GYGER-MARAZZI, M. The Slow, Tight-Binding Inhibition of Cathepsin B by Leupeptin. A Hysteretic Effect. **European Journal of Biochemistry**, v. 129, n. 1, p. 33–41, dez. 1982.

BARRETT, A. J. et al. L- *trans* -Epoxysuccinyl-leucylamido(4-guanidino)butane (E-64) and its analogues as inhibitors of cysteine proteinases including cathepsins B, H and L. **Biochemical Journal**, v. 201, n. 1, p. 189–198, 1 jan. 1982.

BARRETT, A. J. The cystatins: a new class of peptidase inhibitors. **Trends in Biochemical Sciences**, v. 12, p. 193–196, jan. 1987.

BATISTA, I. F. C. et al. Expressed sequence tags (ESTs) from the salivary glands of the tick Amblyomma cajennense (Acari: Ixodidae). **Toxicon**, v. 51, n. 5, p. 823–834, 2008.

BENCHABANE, M. et al. **Plant cystatinsBiochimie**, nov. 2010.
BENSAOUD, C. et al. De novo assembly and annotation of Hyalomma dromedarii tick (Acari: Ixodidae) sialotranscriptome with regard to gender differences in gene expression. **Parasites & vectors**, v. 11, n. 1, p. 1–16, 2018.
BERMAN, H. M. The Protein Data Bank. **Nucleic Acids Research**, v. 28, n. 1, p. 235–242, 1 jan. 2000.
BESTVATER, F.; DALLNER, C.; SPIESS, E. The C-terminal subunit of artificially truncated human cathepsin B mediates its nuclear targeting and contributes to cell viability. **BMC cell biology**, v. 6, n. 1, p. 1–19, 2005.
BEVEC, T. et al. Major histocompatibility complex class II-associated p41 invariant chain fragment is a strong inhibitor of lysosomal cathepsin L. **The Journal of experimental medicine**, v. 183, n. 4, p. 1331–1338, 1996.
BLISNICK, A. A.; FOULON, T.; BONNET, S. I. Serine protease inhibitors in ticks: an overview of their role in tick biology and tick-borne pathogen transmission. **Frontiers in Cellular and Infection Microbiology**, v. 7, p. 199, 2017.
BOCOCK, J. P. et al. Human proteoglycan testican-1 inhibits the lysosomal cysteine protease cathepsin L. **European journal of biochemistry**, v. 270, n. 19, p. 4008–4015, 2003.
BODE, W. et al. The 2.0 AX-ray crystal structure of chicken egg white cystatin and its possible mode of interaction with cysteine proteinases. **The EMBO journal**, v. 7, n. 8, p. 2593–2599, 1988.
BOUDREAU, P. D. et al. Design of Gallinamide A Analogs as Potent Inhibitors of the Cysteine Proteases Human Cathepsin L and Trypanosoma cruzi Cruzain. **Journal of Medicinal Chemistry**, v. 62, n. 20, p. 9026–9044, 24 out. 2019.
BRÖMME, D. et al. Human cathepsin V functional expression, tissue distribution, electrostatic surface potential, enzymatic characterization, and chromosomal localization. **Biochemistry**, v. 38, n. 8, p. 2377–2385, 1999.
BRZIN, J. et al. Clitocypin, a new type of cysteine proteinase inhibitor from fruit bodies of mushroom Clitocybe nebularis. **Journal of Biological Chemistry**, v. 275, n. 26, p. 20104–20109, 2000.
BURDEN, R. E. et al. Inhibition of cathepsin L-like proteases by cathepsin V propeptide. 2007.
CAIRNS, J. et al. SNPs near the cysteine proteinase cathepsin O gene (CTSO) determine tamoxifen sensitivity in ERα-positive breast cancer through regulation of BRCA1. **PLOS Genetics**, v. 13, n. 10, p. e1007031, 2 out. 2017.
CARDOSO, T. H. S. et al. Characterization of a novel cystatin type 2 from Rhipicephalus microplus midgut. **Biochimie**, v. 140, p. 117–121, 2017.
CAVANAUGH, P. G. et al. Involvement of a cathepsin B-like cysteine proteinase in platelet aggregation induced by tumor cells and their shed membrane vesicles. **Clinical & Experimental Metastasis**, v. 1, n. 4, p. 297–307, 1983.
CHAMPAGNE, D. E.; NUSSENZVEIG, R. H.; RIBEIRO, J. M. C. Purification, partial characterization, and cloning of nitric oxide-carrying heme proteins (nitrophorins) from salivary glands of the blood-sucking insect Rhodnius prolixus. **Journal of Biological Chemistry**, v. 270, n. 15, p. 8691–8695, 1995.
CHAMPAGNE, D. E.; RIBEIRO, J. M. Sialokinin I and II: vasodilatory tachykinins from the yellow fever mosquito Aedes aegypti. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 91, n. 1, p. 138–142, 1994.
CHAUHAN, S. S.; GOLDSTEIN, L. J.; GOTTESMAN, M. M. Expression of cathepsin L in human tumors. **Cancer research**, v. 51, n. 5, p. 1478–1481, 1991.

CHAVASSIEUX, P. et al. Mechanisms of the anabolic effects of teriparatide on bone: insight from the treatment of a patient with pycnodysostosis. **Journal of Bone and Mineral Research**, v. 23, n. 7, p. 1076–1083, 2008.
CHENG, T. et al. Cystatin M/E is a high affinity inhibitor of cathepsin V and cathepsin L by a reactive site that is distinct from the legumain-binding site: a novel clue for the role of cystatin M/E in epidermal cornification. **Journal of Biological Chemistry**, v. 281, n. 23, p. 15893–15899, 2006.
CHMELAŘ, J. et al. Insight into the sialome of the castor bean tick, Ixodes ricinus. **BMC genomics**, v. 9, n. 1, p. 1–21, 2008.
COLELLA, R. et al. Chicken egg white cystatin: Molecular cloning, nucleotide sequence, and tissue distribution. **Journal of Biological Chemistry**, v. 264, n. 29, p. 17164–17169, 1989.
COLELLA, R.; GOODWYN, E.; GOPAL, P. Increased cell density decreases cysteine proteinase inhibitor activity and increases invasive ability of two prostate tumor cell lines. **Cancer letters**, v. 185, n. 2, p. 163–172, 2002.
COTTÉ, V. et al. Differential expression of Ixodes ricinus salivary gland proteins in the presence of the Borrelia burgdorferi sensu lato complex. **Journal of Proteomics**, v. 96, p. 29–43, 2014.
DAVIE, E. W.; FUJIKAWA, K.; KISIEL, W. The coagulation cascade: initiation, maintenance, and regulation. **Biochemistry**, v. 30, n. 43, p. 10363–10370, 1991.
DE CASTRO, M. H. et al. Sialotranscriptomics of Rhipicephalus zambeziensis reveals intricate expression profiles of secretory proteins and suggests tight temporal transcriptional regulation during blood-feeding. **Parasites & vectors**, v. 10, n. 1, p. 1–20, 2017.
DELARIA, K. et al. Inhibition of cathepsin L-like cysteine proteases by cytotoxic T-lymphocyte antigen-2 beta. **Journal of Biological Chemistry**, v. 269, n. 40, p. 25172–25177, 1994.
DENHARDT, D. T. et al. Cysteine proteinase cathepsin L expression correlates closely with the metastatic potential of H-ras-transformed murine fibroblasts. **Oncogene**, v. 2, n. 1, p. 55—59, 1987.
DESHAPRIYA, R. M. C. et al. Drosophila CTLA-2-like protein (D/CTLA-2) inhibits cysteine proteinase 1 (CP1), a cathepsin L-like enzyme. **Zoological science**, v. 24, n. 1, p. 21–30, 2007.
DÍAZ-MARTÍN, V. et al. An insight into the proteome of the saliva of the argasid tick Ornithodoros moubata reveals important differences in saliva protein composition between the sexes. **Journal of proteomics**, v. 80, p. 216–235, 2013.
DICKINSON, D. P. Cysteine peptidases of mammals: their biological roles and potential effects in the oral cavity and other tissues in health and disease. **Critical Reviews in Oral Biology & Medicine**, v. 13, n. 3, p. 238–275, 2002.
DIMITROV, I. et al. AllerTOP v.2—a server for in silico prediction of allergens. **Journal of Molecular Modeling**, v. 20, n. 6, p. 2278, 31 jun. 2014.
DOLENC, I. et al. Human cathepsin X/Z is a biologically active homodimer. **Biochimica et Biophysica Acta - Proteins and Proteomics**, v. 1869, n. 2, 1 fev. 2021.
EATEMADI, A. et al. Role of protease and protease inhibitors in cancer pathogenesis and treatment. **Biomedicine & Pharmacotherapy**, v. 86, p. 221–231, fev. 2017.
ESTEVES, E. et al. Analysis of the salivary gland transcriptome of unfed and partially fed Amblyomma sculptum ticks and descriptive proteome of the saliva. **Frontiers in cellular and infection microbiology**, v. 7, p. 476, 2017.

EVANS, H. J.; BARRETT, A. J. A cystatin-like cysteine proteinase inhibitor from venom of the African puff adder (*Bitis arietans*). **Biochemical Journal**, v. 246, n. 3, p. 795–797, 15 set. 1987.
FALGUEYRET, J.-P. et al. Novel, Nonpeptidic Cyanamides as Potent and Reversible Inhibitors of Human Cathepsins K and L. **Journal of Medicinal Chemistry**, v. 44, n. 1, p. 94–104, 1 jan. 2001.
FEHRENBACHER, N. et al. Sensitization to the lysosomal cell death pathway by oncogene-induced down-regulation of lysosome-associated membrane proteins 1 and 2. **Cancer research**, v. 68, n. 16, p. 6623–6633, 2008.
FERLAY, J. et al. Cancer statistics for the year 2020: An overview. **International Journal of Cancer**, v. 149, n. 4, p. 778–789, 15 ago. 2021.
FONT-CLOS, F.; ZAPPERI, S.; LA PORTA, C. A. M. Blood Flow Contributions to Cancer Metastasis. **iScience**, v. 23, n. 5, p. 101073, maio 2020.
FORTENBERRY, Y. M. et al. Protein C inhibitor regulates both cathepsin L activity and cell-mediated tumor cell migration. **Biochimica et Biophysica Acta (BBA)-General Subjects**, v. 1800, n. 6, p. 580–590, 2010.
FRANCISCHETTI, I. M. B. et al. The transcriptome of the salivary glands of the female western black-legged tick Ixodes pacificus (Acari: Ixodidae). **Insect biochemistry and molecular biology**, v. 35, n. 10, p. 1142–1161, 2005.
FRANCISCHETTI, I. M. B. et al. An insight into the sialome of the soft tick, Ornithodorus parkeri. **Insect biochemistry and molecular biology**, v. 38, n. 1, p. 1–21, 2008.
FRANCISCHETTI, I. M. B. et al. An insight into the sialotranscriptome and proteome of the coarse bontlegged tick, Hyalomma marginatum rufipes. **Journal of proteomics**, v. 74, n. 12, p. 2892–2908, 2011.
FRIEDRICH, B. et al. Cathepsins B, H, L and cysteine protease inhibitors in malignant prostate cell lines, primary cultured prostatic cells and prostatic tissue. **European Journal of Cancer**, v. 35, n. 1, p. 138–144, 1999.
FUCHS, N. et al. **Novel Opportunities for Cathepsin S Inhibitors in Cancer Immunotherapy by Nanocarrier-Mediated DeliveryCells**NLM (Medline), , 2 set. 2020.
GARCIA, G. R. et al. The sialotranscriptome of Amblyomma triste, Amblyomma parvum and Amblyomma cajennense ticks, uncovered by 454-based RNA-seq. **Parasites & vectors**, v. 7, n. 1, p. 1–18, 2014.
GARNERO, P. et al. The collagenolytic activity of cathepsin K is unique among mammalian proteinases. **Journal of Biological Chemistry**, v. 273, n. 48, p. 32347–32352, 1998.
GIANOTTI, A. et al. Inhibitory effect of the sugarcane cystatin CaneCPI-4 on cathepsins B and L and human breast cancer cell invasion. 2008.
GIUSTI, I. et al. Cathepsin B mediates the pH-dependent proinvasive activity of tumor-shed microvesicles. **Neoplasia**, v. 10, n. 5, p. 481–488, 2008.
GOCHEVA, V.; JOYCE, J. A. Cysteine cathepsins and the cutting edge of cancer invasion. **Cell cycle**, v. 6, n. 1, p. 60–64, 2007.
GONDI, C. S.; RAO, J. S. Cathepsin B as a cancer target. **Expert opinion on therapeutic targets**, v. 17, n. 3, p. 281–291, 2013.
GORETZKI, L. et al. Effective activation of the proenzyme form of the urokinase-type plasminogen activator (pro-uPA) by the cysteine protease cathepsin L. **FEBS letters**, v. 297, n. 1–2, p. 112–118, 1992.

GREENSPAN, P. D. et al. Identification of Dipeptidyl Nitriles as Potent and Selective Inhibitors of Cathepsin B through Structure-Based Drug Design. **Journal of Medicinal Chemistry**, v. 44, n. 26, p. 4524–4534, 1 dez. 2001.
GUAY, J. et al. Potency and selectivity of inhibition of cathepsin K, L and S by their respective propeptides. **European journal of biochemistry**, v. 267, n. 20, p. 6311–6318, 2000.
GUNČAR, G. et al. Crystal structure of MHC class II-associated p41 Ii fragment bound to cathepsin L reveals the structural basis for differentiation between cathepsins L and S. **The EMBO Journal**, v. 18, n. 4, p. 793–803, 15 fev. 1999.
GUNČAR, G. et al. Crystal structure of cathepsin X: a flip–flop of the ring of His23 allows carboxy-monopeptidase and carboxy-dipeptidase activity of the protease. **Structure**, v. 8, n. 3, p. 305–313, mar. 2000.
GUPTA, S. et al. In Silico Approach for Predicting Toxicity of Peptides and Proteins. **PLoS ONE**, v. 8, n. 9, p. e73957, 13 set. 2013.
GUTMAN, N. et al. T-kinin release from T-kininogen by rat-submaxillary-gland endopeptidase K. **European journal of biochemistry**, v. 171, n. 3, p. 577–582, 1988.
HABIB, H.; FAZILI, K. M. Plant protease inhibitors: a defense strategy in plants. **Biotechnology and Molecular Biology Reviews**, v. 2, n. 3, p. 68–85, 2007.
HAO, Y. et al. Crystal structures of human procathepsin H. **PLOS ONE**, v. 13, n. 7, p. e0200374, 25 jul. 2018.
HART, T. C. et al. Haim-Munk syndrome and Papillon-Lefevre syndrome are allelic mutations in cathepsin C. **Journal of medical genetics**, v. 37, n. 2, p. 88–94, 2000.
HIRATA, I. Y. et al. Internally quenched fluorogenic protease substrates: Solid-phase synthesis and fluorescence spectroscopy of peptides containing ortho-aminobenzoyl/dinitrophenyl groups as donor-acceptor pairs. **Letters in Peptide Science**, v. 1, n. 6, p. 299–308, maio 1995.
HUANG, R. et al. The cathepsin L of Toxoplasma gondii (TgCPL) and its endogenous macromolecular inhibitor, toxostatin. **Molecular and biochemical parasitology**, v. 164, n. 1, p. 86–94, 2009.
HWANG, S.-R. et al. The novel bovine serpin endopin 2C demonstrates selective inhibition of the cysteine protease cathepsin L compared to the serine protease elastase, in cross-class inhibition. **Biochemistry**, v. 44, n. 21, p. 7757–7767, 2005.
ILLY, C. et al. Role of the occluding loop in cathepsin B activity. **Journal of Biological Chemistry**, v. 272, n. 2, p. 1197–1202, 1997.
INCA. **O que é câncer?**
JAKOŠ, T. et al. **Cysteine cathepsins in tumor-associated immune cellsFrontiers in Immunology**Frontiers Media S.A., , 2019.
JAYAKUMAR, A. et al. Inhibition of the cysteine proteinases cathepsins K and L by the serpin headpin (SERPINB13): a kinetic analysis. **Archives of Biochemistry and Biophysics**, v. 409, n. 2, p. 367–374, 2003.
JING, J. et al. Elevated CTSL2 expression is associated with an adverse prognosis in hepatocellular carcinoma. **International Journal of Clinical and Experimental Pathology**, v. 11, n. 8, p. 4035, 2018.
JOYCE, J. A.; HANAHAN, D. Multiple roles for cysteine cathepsins in cancer. **Cell cycle**, v. 3, n. 12, p. 1516–1519, 2004.
JUMPER, J. et al. Highly accurate protein structure prediction with AlphaFold. **Nature**, v. 596, n. 7873, p. 583–589, 26 ago. 2021.

KARIM, S.; SINGH, P.; RIBEIRO, J. M. C. A deep insight into the sialotranscriptome of the gulf coast tick, Amblyomma maculatum. **PloS one**, v. 6, n. 12, p. e28525, 2011.
KIRSCHKE, H. et al. Intracellular protein breakdown. VII. Cathepsin L and H; two new proteinases from rat liver lysosomes. **Acta biologica et medica Germanica**, v. 35, n. 3–4, p. 285–299, 1976.
KIRSCHKE, H. et al. CATHEPSIN L. In: **Proteinases and their Inhibitors**. [s.l.] Elsevier, 1981. p. 93–101.
KLOSE, A. et al. Contact of high-invasive, but not low-invasive, melanoma cells to native collagen I induces the release of mature cathepsin B. **International journal of cancer**, v. 118, n. 11, p. 2735–2743, 2006.
KOBAYASHI, H. et al. Cathepsin B efficiently activates the soluble and the tumor cell receptor-bound form of the proenzyme urokinase-type plasminogen activator (Pro-uPA). **Journal of Biological Chemistry**, v. 266, n. 8, p. 5147–5152, 1991.
KONDO, H. et al. Two distinct cystatin species in rice seeds with different specificities against cysteine proteinases. Molecular cloning, expression, and biochemical studies on oryzacystatin-II. **Journal of Biological Chemistry**, v. 265, n. 26, p. 15832–15837, 1990.
KORKMAZ, B. et al. Measuring elastase, proteinase 3 and cathepsin G activities at the surface of human neutrophils with fluorescence resonance energy transfer substrates. **Nature Protocols**, v. 3, n. 6, p. 991–1000, 15 jun. 2008.
KOS, J. et al. **Intracellular signaling by cathepsin X: Molecular mechanisms and diagnostic and therapeutic opportunities in cancerSeminars in Cancer Biology**Academic Press, , 1 abr. 2015.
KOS, J.; LAH, T. T. Cysteine proteinases and their endogenous inhibitors: target proteins for prognosis, diagnosis and therapy in cancer. **Oncology reports**, v. 5, n. 6, p. 1349–1410, 1998.
KOTÁL, J. et al. Mialostatin, a Novel Midgut Cystatin from Ixodes ricinus Ticks: Crystal Structure and Regulation of Host Blood Digestion. **International journal of molecular sciences**, v. 22, n. 10, p. 5371, 2021.
KOTSYFAKIS, M. et al. Selective cysteine protease inhibition contributes to blood-feeding success of the tick Ixodes scapularis. **Journal of Biological Chemistry**, v. 282, n. 40, p. 29256–29263, 2007.
KOZAKOV, D. et al. The ClusPro web server for protein–protein docking. **Nature Protocols**, v. 12, n. 2, p. 255–278, 12 fev. 2017.
KRAMER, L. et al. Non-invasive in vivo imaging of tumour-associated cathepsin B by a highly selective inhibitory DARPin. **Theranostics**, v. 7, n. 11, p. 2806, 2017.
KURATA, M. et al. Bombyx cysteine proteinase inhibitor (BCPI) homologous to propeptide regions of cysteine proteinases is a strong, selective inhibitor of cathepsin L-like cysteine proteinases. **The journal of biochemistry**, v. 130, n. 6, p. 857–863, 2001.
KURRIKOFF, K.; APHKHAZAVA, D.; LANGEL, Ü. The future of peptides in cancer treatment. **Current opinion in pharmacology**, v. 47, p. 27–32, 2019.
LASKOWSKI, R. A. et al. PDBsum: Structural summaries of PDB entries. **Protein Science**, v. 27, n. 1, p. 129–134, jan. 2018.
LEARY, R.; SHAW, E. Inactivation of cathepsin B1 by diazomethyl ketones. **Biochemical and Biophysical Research Communications**, v. 79, n. 3, p. 926–931, dez. 1977.

LECAILLE, F.; KALETA, J.; BRÖMME, D. Human and Parasitic Papain-Like Cysteine Proteases: Their Role in Physiology and Pathology and Recent Developments in Inhibitor Design. **Chemical Reviews**, v. 102, n. 12, p. 4459–4488, 1 dez. 2002.
LENARCIC, B. et al. Equistatin, a new inhibitor of cysteine proteinases from Actinia equina, is structurally related to thyroglobulin type-1 domain. **Journal of Biological Chemistry**, v. 273, n. 20, p. 12682–12683, 1998.
LERNER, E. A. et al. Isolation of maxadilan, a potent vasodilatory peptide from the salivary glands of the sand fly Lutzomyia longipalpis. **Journal of Biological Chemistry**, v. 266, n. 17, p. 11234–11236, 1991.
LERNER, E. A.; SHOEMAKER, C. B. Maxadilan. Cloning and functional expression of the gene encoding this potent vasodilator peptide. **Journal of Biological Chemistry**, v. 267, n. 2, p. 1062–1066, 1992.
LETO, G. et al. Cathepsin L in metastatic bone disease: therapeutic implications. 2010.
LEUNG, D.; ABBENANTE, G.; FAIRLIE, D. P. Protease Inhibitors: Current Status and Future Prospects. **Journal of Medicinal Chemistry**, v. 43, n. 3, p. 305–341, 1 fev. 2000.
LI, Y. et al. Discovery of a novel and selective cathepsin L inhibitor with anti-metastatic ability in vitro and in vivo against breast cancer cells. **Bioorganic Chemistry**, v. 115, p. 105256, 2021.
LI, Y.-Y.; FANG, J.; AO, G.-Z. Cathepsin B and L inhibitors: a patent review (2010-present). **Expert opinion on therapeutic patents**, v. 27, n. 6, p. 643–656, 2017.
LIANG, W. et al. Targeting cathepsin K diminishes prostate cancer establishment and growth in murine bone. **Journal of Cancer Research and Clinical Oncology**, v. 145, n. 8, p. 1999–2012, 1 ago. 2019.
LIMA, C. A.; SASAKI, S. D.; TANAKA, A. S. Bmcystatin, a cysteine proteinase inhibitor characterized from the tick Boophilus microplus. **Biochemical and Biophysical Research Communications**, v. 347, n. 1, p. 44–50, 2006.
LINNEVERS, C.; SMEEKENS, S. P.; BROMME, D. **Human cathepsin W, a putative cysteine protease predominantly expressed in CD8 + T-lymphocytesFEBS 18263 FEBS Letters**. [s.l: s.n.].
LIU, J.; SVÄRD, S. G.; KLOTZ, C. Giardia intestinalis cystatin is a potent inhibitor of papain, parasite cysteine proteases and, to a lesser extent, human cathepsin B. **FEBS letters**, v. 593, n. 12, p. 1313–1325, 2019.
LIU, X. Y. et al. IrSPI, a tick serine protease inhibitor involved in tick feeding and Bartonella henselae infection. **PLoS neglected tropical diseases**, v. 8, n. 7, p. e2993, 2014.
LU, J. et al. Advances in the discovery of cathepsin K inhibitors on bone resorption. **Journal of enzyme inhibition and medicinal chemistry**, v. 33, n. 1, p. 890–904, 2018.
LU, S. et al. A novel type 1 cystatin involved in the regulation of Rhipicephalus microplus midgut cysteine proteases. **Ticks and Tick-borne Diseases**, v. 11, n. 3, p. 101374, 2020a.
LU, S. et al. A novel type 1 cystatin involved in the regulation of Rhipicephalus microplus midgut cysteine proteases. **Ticks and Tick-borne Diseases**, v. 11, n. 3, p. 101374, 2020b.
LÚCIA DE ALMEIDA, V. et al. **CÂNCER E AGENTES ANTINEOPLÁSICOS CICLO-CELULAR ESPECÍFICOS E CICLO-CELULAR NÃO ESPECÍFICOS QUE INTERAGEM COM O DNA: UMA INTRODUÇÃOQuim. Nova**. [s.l: s.n.].

LUKE, C. J. et al. An intracellular serpin regulates necrosis by inhibiting the induction and sequelae of lysosomal injury. **Cell**, v. 130, n. 6, p. 1108–1119, 2007.
MACABEO-ONG, M. et al. Quantitative analysis of cathepsin L mRNA and protein expression during oral cancer progression. **Oral Oncology**, v. 39, n. 7, p. 638–647, 2003.
MAHMOOD, I.; GREEN, M. D. Pharmacokinetic and Pharmacodynamic Considerations in the Development of Therapeutic Proteins. **Clinical Pharmacokinetics**, v. 44, n. 4, p. 331–347, 2005.
MANS, B. J. et al. Apyrase activity and platelet aggregation inhibitors in the tick Ornithodoros savignyi (Acari: Argasidae). **Experimental & applied acarology**, v. 22, n. 6, p. 353–366, 1998.
MANS, B. J. et al. Comparative sialomics between hard and soft ticks: implications for the evolution of blood-feeding behavior. **Insect biochemistry and molecular biology**, v. 38, n. 1, p. 42–58, 2008.
MARKS, N. et al. Diversity of rat brain cysteine proteinase inhibitors: isolation of low-molecular-weight cystatins and a higher-molecular weight T-kininogen-like glycoprotein. **Archives of biochemistry and biophysics**, v. 267, n. 2, p. 448–458, 1988.
MARTINS, L. A. et al. The transcriptome of the salivary glands of Amblyomma aureolatum reveals the antimicrobial peptide microplusin as an important factor for the tick protection against Rickettsia rickettsii infection. **Frontiers in physiology**, v. 10, p. 529, 2019.
METHOT, N. et al. In vivo inhibition of serine protease processing requires a high fractional inhibition of cathepsin C. **Molecular Pharmacology**, v. 73, n. 6, p. 1857–1865, 2008.
MIJANOVIĆ, O. et al. Cathepsin B: A sellsword of cancer progression. **Cancer letters**, v. 449, p. 207–214, 2019.
MORRIS, G. M. et al. AutoDock4 and AutoDockTools4: Automated docking with selective receptor flexibility. **Journal of Computational Chemistry**, v. 30, n. 16, p. 2785–2791, dez. 2009.
MUDENDA, L. et al. Proteomics informed by transcriptomics identifies novel secreted proteins in Dermacentor andersoni saliva. **International journal for parasitology**, v. 44, n. 13, p. 1029–1037, 2014.
MUSIL, D. et al. The refined 2.15 A X-ray crystal structure of human liver cathepsin B: the structural basis for its specificity. **The EMBO Journal**, v. 10, n. 9, p. 2321–2330, set. 1991.
NAKANO, A. et al. Papillon–Lefevre syndrome: mutations and polymorphisms in the cathepsin C gene. **Journal of investigative dermatology**, v. 116, n. 2, p. 339–343, 2001.
NALLA, A. K. et al. Targeting MMP-9, uPAR, and cathepsin B inhibits invasion, migration and activates apoptosis in prostate cancer cells. **Cancer gene therapy**, v. 17, n. 9, p. 599–613, 2010.
NEGRI, L. Inhibidores selectivos de la catepsina K: balicatib odanacatib y relacatib. **RAO**, p. 26, 2008.
NENE, V. et al. AvGI, an index of genes transcribed in the salivary glands of the ixodid tick Amblyomma variegatum. **International journal for parasitology**, v. 32, n. 12, p. 1447–1456, 2002.
NENE, V. et al. Genes transcribed in the salivary glands of female Rhipicephalus appendiculatus ticks infected with Theileria parva. **Insect biochemistry and molecular biology**, v. 34, n. 10, p. 1117–1128, 2004.

NEWLANDS, G. F. J. et al. Cloning and expression of cystatin, a potent cysteine protease inhibitor from the gut of Haemonchus contortus. **Parasitology**, v. 122, n. 3, p. 371–378, 2001.
NI, J. et al. Cystatin E is a novel human cysteine proteinase inhibitor with structural resemblance to family 2 cystatins. **Journal of Biological Chemistry**, v. 272, n. 16, p. 10853–10858, 1997.
NI, J. et al. Cystatin F is a glycosylated human low molecular weight cysteine proteinase inhibitor. **Journal of Biological Chemistry**, v. 273, n. 38, p. 24797–24804, 1998.
NOMURA, T.; KATUNUMA, N. Involvement of cathepsins in the invasion, metastasis and proliferation of cancer cells. **The journal of medical investigation**, v. 52, n. 1, 2, p. 1–9, 2005.
OBERMAJER, N. et al. Carboxypeptidase cathepsin X mediates β2-integrin-dependent adhesion of differentiated U-937 cells. **Experimental cell research**, v. 312, n. 13, p. 2515–2527, 2006.
ODDEN, M. C. et al. Age and cystatin C in healthy adults: a collaborative study. **Nephrology Dialysis Transplantation**, v. 25, n. 2, p. 463–469, 2010.
OLIVEIRA, C. J. et al. Proteome of Rhipicephalus sanguineus tick saliva induced by the secretagogues pilocarpine and dopamine. **Ticks and tick-borne diseases**, v. 4, n. 6, p. 469–477, 2013.
OLIVEIRA, C. DE et al. Structure of cruzipain/cruzain inhibitors isolated from Bauhinia bauhinioides seeds. **Biological Chemistry**, v. 382, n. 5, p. 847–852, 2001.
OLIVEIRA, F. A. A. et al. The first characterization of a cystatin and a cathepsin L-like peptidase from Aedes aegypti and their possible role in DENV infection by the modulation of apoptosis. **International Journal of Biological Macromolecules**, v. 146, p. 141–149, 2020.
OLSON, O. C.; JOYCE, J. A. Cysteine cathepsin proteases: regulators of cancer progression and therapeutic response. **Nature Reviews Cancer**, v. 15, n. 12, p. 712–729, 24 dez. 2015.
ONDR, J. K.; PHAM, C. T. N. Characterization of murine cathepsin W and its role in cell-mediated cytotoxity. **Journal of Biological Chemistry**, v. 279, n. 26, p. 27525–27533, 25 jun. 2004.
PAGET; STEPHEN. The distribution of secondary growths in cancer of the breast. **The Lancet**, v. 133, n. 3421, p. 571–573, 1889.
PAK, S. C. et al. SRP-2 is a cross-class inhibitor that participates in postembryonic development of the nematode Caenorhabditis elegans: initial characterization of the clade L serpins. **Journal of Biological Chemistry**, v. 279, n. 15, p. 15448–15459, 2004.
PANDEY, K. C. et al. Falstatin, a cysteine protease inhibitor of Plasmodium falciparum, facilitates erythrocyte invasion. **PLoS pathogens**, v. 2, n. 11, p. e117, 2006.
PARIZI, L. F. et al. Sequence characterization and immunogenicity of cystatins from the cattle tick Rhipicephalus (Boophilus) microplus. **Ticks and Tick-borne Diseases**, v. 4, n. 6, p. 492–499, dez. 2013.
PARIZI, L. F. et al. Rhipicephalus microplus and Ixodes ovatus cystatins in tick blood digestion and evasion of host immune response. **Parasites & vectors**, v. 8, n. 1, p. 1–11, 2015.
PARIZI, L. F. et al. Rhipicephalus microplus cystatin as a potential cross-protective tick vaccine against Rhipicephalus appendiculatus. **Ticks and Tick-borne Diseases**, v. 11, n. 3, p. 101378, 2020.

PECK, W. A. Consensus development conference: diagnosis, prophylaxis, and treatment of osteoporosis. **Am J Med**, v. 94, n. 6, p. 646–650, 1993.
PHAM, C. T. N.; LEY, T. J. Dipeptidyl peptidase I is required for the processing and activation of granzymes A and B in vivo. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 96, n. 15, p. 8627–8632, 1999.
PHILLIPS, T. et al. A role for the granzyme B inhibitor serine protease inhibitor 6 in CD8+ memory cell homeostasis. **The Journal of Immunology**, v. 173, n. 6, p. 3801–3809, 2004.
RADULOVIĆ, Ž. M. et al. A 24-48 h fed Amblyomma americanum tick saliva immuno-proteome. **BMC genomics**, v. 15, n. 1, p. 1–30, 2014.
RASSAM, M.; LAING, W. A. Purification and characterization of phytocystatins from kiwifruit cortex and seeds. **Phytochemistry**, v. 65, n. 1, p. 19–30, 2004.
RAWLINGS, N. D. et al. The MEROPS database of proteolytic enzymes, their substrates and inhibitors in 2017 and a comparison with peptidases in the PANTHER database. **Nucleic acids research**, v. 46, n. D1, p. D624–D632, 2018.
RECH, H. Caracterização da calreticulina do Rhipicephalus (Boophilus) microplus (Acari: ixodidae) na interação parasita hospedeiro. 2007.
RECKLIES, A. D. et al. Secretion of proteinases from malignant and nonmalignant human breast tissue. **Cancer Research**, v. 40, n. 3, p. 550–556, 1980.
REIS, F. C. G. et al. The propeptide of cruzipain− a potent selective inhibitor of the trypanosomal enzymes cruzipain and brucipain, and of the human enzyme cathepsin F. **The FEBS journal**, v. 274, n. 5, p. 1224–1234, 2007.
RENKO, M. et al. Versatile loops in mycocypins inhibit three protease families. **Journal of Biological Chemistry**, v. 285, n. 1, p. 308–316, 2010.
REYNISSON, B. et al. Improved Prediction of MHC II Antigen Presentation through Integration and Motif Deconvolution of Mass Spectrometry MHC Eluted Ligand Data. **Journal of Proteome Research**, v. 19, n. 6, p. 2304–2315, 5 jun. 2020.
RIBEIRO, J. M. et al. Antihemostatic, antiinflammatory, and immunosuppressive properties of the saliva of a tick, Ixodes dammini. **The Journal of experimental medicine**, v. 161, n. 2, p. 332–344, 1985.
RIBEIRO, J. M. C. et al. A further insight into the sialome of the tropical bont tick, Amblyomma variegatum. **BMC genomics**, v. 12, n. 1, p. 1–11, 2011.
RIBEIRO, J. M. C.; GARCIA, E. S. Platelet antiaggregating activity in the salivary secretion of the blood sucking bugRhodnius prolixus. **Experientia**, v. 37, n. 4, p. 384–386, 1981.
RIBEIRO, J. M. C.; SLOVÁK, M.; FRANCISCHETTI, I. M. B. An insight into the sialome of Hyalomma excavatum. **Ticks and tick-borne diseases**, v. 8, n. 2, p. 201–207, 2017.
RODRIGUEZ-VALLE, M. et al. Transcriptome and toxin family analysis of the paralysis tick, Ixodes holocyclus. **International journal for parasitology**, v. 48, n. 1, p. 71–82, 2018.
ROSSI, A. et al. **Comprehensive search for cysteine cathepsins in the human genomeBiol. Chem**. [s.l: s.n.].
RUFFELL, B. et al. Cathepsin C is a tissue-specific regulator of squamous carcinogenesis. **Genes & development**, v. 27, n. 19, p. 2086–2098, 2013.
SAFTIG, P. et al. Impaired osteoclastic bone resorption leads to osteopetrosis in cathepsin-K-deficient mice. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 95, n. 23, p. 13453–13458, 1998.

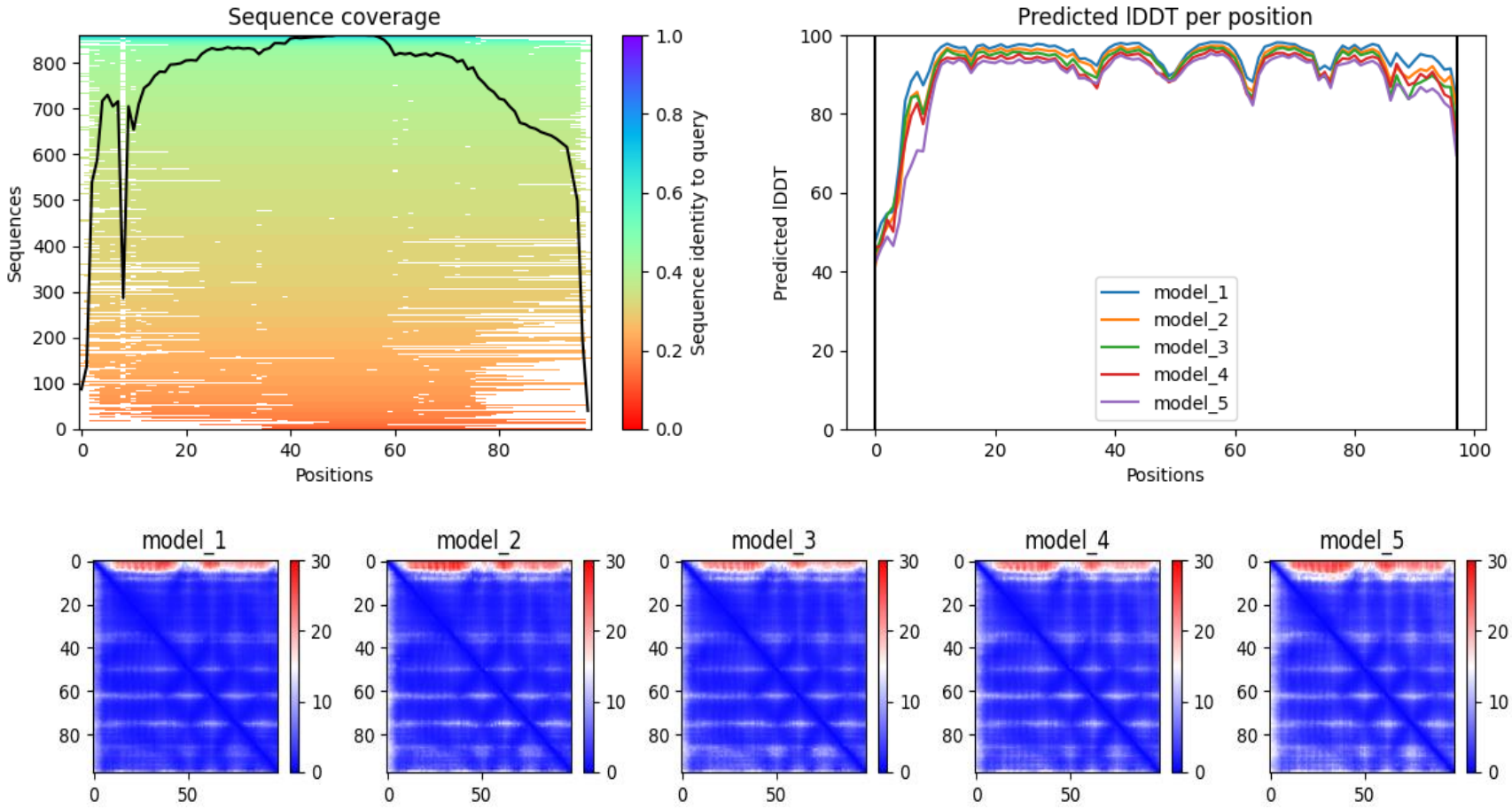
SAHA, S.; RAGHAVA, G. P. S. AlgPred: prediction of allergenic proteins and mapping of IgE epitopes. **Nucleic Acids Research**, v. 34, n. Web Server, p. W202–W209, 1 jul. 2006a.
SAHA, S.; RAGHAVA, G. P. S. Prediction of continuous B-cell epitopes in an antigen using recurrent neural network. **Proteins: Structure, Function, and Bioinformatics**, v. 65, n. 1, p. 40–48, 7 ago. 2006b.
SAKATA, Y. et al. Characterization of novel squamous cell carcinoma antigen-related molecules in mice. **Biochemical and biophysical research communications**, v. 324, n. 4, p. 1340–1345, 2004.
SALÁT, J. et al. Crystal structure and functional characterization of an immunomodulatory salivary cystatin from the soft tick Ornithodoros moubata. **Biochemical Journal**, v. 429, n. 1, p. 103–112, 2010.
SAMENI, M. et al. Cathepsin B and D are localized at the surface of human breast cancer cells. **Pathology & Oncology Research**, v. 1, n. 1, p. 43–53, 1995.
SANTAMARÍA, I. et al. Cathepsin L2, a novel human cysteine proteinase produced by breast and colorectal carcinomas. **Cancer research**, v. 58, n. 8, p. 1624–1630, 1998.
SANTAMARÍA, I. et al. Molecular cloning and structural and functional characterization of human cathepsin F, a new cysteine proteinase of the papain family with a long propeptide domain. **Journal of Biological Chemistry**, v. 274, n. 20, p. 13800–13809, 1999.
ŠARIĆ, M. et al. The second cysteine protease inhibitor, EhICP2, has a different localization in trophozoites of Entamoeba histolytica than EhICP1. **Parasitology research**, v. 100, n. 1, p. 171–174, 2006.
SCHRÖDINGER LLC. **The PyMOL molecular graphics system, version 1.8**. [s.l.] November, 2015.
SCHWARZ, A. et al. De novo Ixodes ricinus salivary gland transcriptome analysis using two next-generation sequencing methodologies. **The FASEB Journal**, v. 27, n. 12, p. 4745–4756, 2013.
SHI, G.-P. et al. Molecular cloning of human cathepsin O, a novel endoproteinase and homologue of rabbit OC2. **FEBS Letters**, v. 357, n. 2, p. 129–134, 3 jan. 1995.
SIAVASH, H. et al. Inhibition of cysteine proteinases by autolytic digestion is mediated by CBP2/Hsp47. **Connective tissue research**, v. 43, n. 4, p. 589–594, 2002.
SIMONS, S. M. et al. The action of Amblyomma cajennense tick saliva in compounds of the hemostatic system and cytotoxicity in tumor cell lines. **Biomedicine & Pharmacotherapy**, v. 65, n. 6, p. 443–450, 2011.
SLOANE, B. F. et al. Membrane association of cathepsin B can be induced by transfection of human breast epithelial cells with c-Ha-ras oncogene. **Journal of cell science**, v. 107, n. 2, p. 373–384, 1994.
SMITH, D. et al. Unexpected activity of a novel kunitz-type inhibitor Inhibition of cysteine proteases but not serine proteases. **Journal of Biological Chemistry**, v. 291, n. 37, p. 19220–19234, 9 set. 2016.
SOMOZA, J. R. et al. Crystal Structure of Human Cathepsin V ′. **Biochemistry**, v. 39, n. 41, p. 12543–12551, 1 out. 2000.
SOMOZA, J. R.; PALMER, J. T.; HO, J. D. The Crystal Structure of Human Cathepsin F and Its Implications for the Development of Novel Immunomodulators. **Journal of Molecular Biology**, v. 322, n. 3, p. 559–568, set. 2002.

SOOND, S. M. et al. Cysteine cathepsin protease inhibition: an update on its diagnostic, prognostic and therapeutic potential in cancer. **Pharmaceuticals**, v. 12, n. 2, p. 87, 2019.
STENMAN, J. et al. Relative levels of SCCA2 and SCCA1 mRNA in primary tumors predicts recurrent disease in squamous cell cancer of the head and neck. **International journal of cancer**, v. 95, n. 1, p. 39–43, 2001.
STOCH, S. A.; WAGNER, J. A. Cathepsin K inhibitors: a novel target for osteoporosis therapy. **Clinical Pharmacology & Therapeutics**, v. 83, n. 1, p. 172–176, 2008.
SUDHAN, D. R.; SIEMANN, D. W. Cathepsin L targeting in cancer treatment. **Pharmacology & therapeutics**, v. 155, p. 105–116, 2015a.
SUDHAN, D. R.; SIEMANN, D. W. Cathepsin L targeting in cancer treatment. **Pharmacology & therapeutics**, v. 155, p. 105–116, 2015b.
SUDHAN, D. R.; SIEMANN, D. W. Cathepsin L targeting in cancer treatment. **Pharmacology & therapeutics**, v. 155, p. 105–116, 2015c.
SUN, T. et al. Expression profile of cathepsins indicates the potential of cathepsins B and D as prognostic factors in breast cancer patients. **Oncology letters**, v. 11, n. 1, p. 575–583, 2016.
TAKEDA, A. et al. Squamous cell carcinoma antigen is a potent inhibitor of cysteine proteinase cathepsin L. **FEBS letters**, v. 359, n. 1, p. 78–80, 1995.
TAN, A. W. L. et al. Sexual differences in the sialomes of the zebra tick, Rhipicephalus pulchellus. **Journal of proteomics**, v. 117, p. 120–144, 2015.
TAN, G.-J. et al. Cathepsins mediate tumor metastasis. **World Journal of Biological Chemistry**, v. 4, n. 4, p. 91, 2013.
TANDON, A. K. et al. Cathepsin D and Prognosis in Breast Cancer. **New England Journal of Medicine**, v. 322, n. 5, p. 297–302, fev. 1990.
TEDELIND, S. et al. Nuclear cysteine cathepsin variants in thyroid carcinoma cells. 2010.
TIRLONI, L. et al. Saliva from nymph and adult females of Haemaphysalis longicornis: a proteomic study. **Parasites & vectors**, v. 8, n. 1, p. 1–23, 2015.
TOLOSA, E. et al. Cathepsin V is involved in the degradation of invariant chain in human thymus and is overexpressed in myasthenia gravis. **The Journal of clinical investigation**, v. 112, n. 4, p. 517–526, 2003.
TOSS, M. et al. Prognostic significance of cathepsin V (CTSV/CTSL2) in breast ductal carcinoma in situ. **Journal of Clinical Pathology**, v. 73, n. 2, p. 76–82, 2020.
TSENG, C.-C. et al. Differential effect toward inhibition of papain and cathepsin C by recombinant human salivary cystatin SN and its variants produced by a baculovirus system. **Archives of Biochemistry and Biophysics**, v. 380, n. 1, p. 133–140, 2000.
TURK, B.; TURK, D.; TURK, V. Lysosomal cysteine proteases: more than scavengers. **Biochimica et Biophysica Acta (BBA)-Protein Structure and Molecular Enzymology**, v. 1477, n. 1–2, p. 98–111, 2000.
TURK, D. Structure of human dipeptidyl peptidase I (cathepsin C): exclusion domain added to an endopeptidase framework creates the machine for activation of granular serine proteases. **The EMBO Journal**, v. 20, n. 23, p. 6570–6582, 3 dez. 2001.
TURK, V. et al. Cysteine cathepsins: From structure, function and regulation to new frontiers. **Biochimica et Biophysica Acta (BBA) - Proteins and Proteomics**, v. 1824, n. 1, p. 68–88, jan. 2012.
TURK, V.; TURK, B. Lysosomal Cysteine Proteases and Their Protein Inhibitors: Recent Developments. **Acta Chimica Slovenica**, v. 55, n. 4, 2008.

UENO, T. et al. Processing of pulmonary surfactant protein B by napsin and cathepsin H. **Journal of Biological Chemistry**, v. 279, n. 16, p. 16178–16184, 2004.
VALENZUELA, J. G. et al. Purification, cloning, and expression of an apyrase from the bed bug Cimex lectularius: A new type of nucleotide-binding enzyme. **Journal of Biological Chemistry**, v. 273, n. 46, p. 30583–30590, 1998.
VALENZUELA, J. G. et al. The salivary apyrase of the blood-sucking sand fly Phlebotomus papatasi belongs to the novel Cimex family of apyrases. **Journal of Experimental Biology**, v. 204, n. 2, p. 229–237, 2001.
VALENZUELA, J. G. et al. Exploring the sialome of the tick Ixodes scapularis. **Journal of Experimental Biology**, v. 205, n. 18, p. 2843–2864, 2002.
VALUEVA, T. A.; MOSOLOV, V. V. Role of inhibitors of proteolytic enzymes in plant defense against phytopathogenic microorganisms. **Biochemistry (Moscow)**, v. 69, n. 11, p. 1305–1309, 2004.
VASILJEVA, O. et al. Tumor Cell–Derived and Macrophage-Derived Cathepsin B Promotes Progression and Lung Metastasis of Mammary Cancer. **Cancer Research**, v. 66, n. 10, p. 5242–5250, 15 maio 2006.
VELASCO, G. et al. Human cathepsin O. Molecular cloning from a breast carcinoma, production of the active enzyme in Escherichia coli, and expression analysis in human tissues. **Journal of Biological Chemistry**, v. 269, n. 43, p. 27136–27142, out. 1994.
VIVIER, E. et al. Functions of natural killer cells. **Nature immunology**, v. 9, n. 5, p. 503–510, 2008.
VIZIN, T. et al. Cathepsin X in serum from patients with colorectal cancer: Relation to prognosis. **Radiology and Oncology**, v. 46, n. 3, p. 207–212, 1 set. 2012.
WANG, Y. et al. Functional characterization of a cystatin from the tick Rhipicephalus haemaphysaloides. **Parasites and Vectors**, v. 8, n. 1, 3 mar. 2015.
WEI, N. et al. A Tick Cysteine Protease Inhibitor RHcyst-1 Exhibits Antitumor Potential. **Cellular Physiology and Biochemistry**, v. 46, n. 6, p. 2385–2400, 1 maio 2018.
WEI, N. et al. Immunosuppressive effects of tick protein RHcyst-1 on murine bone marrow-derived dendritic cells. **Parasites & vectors**, v. 12, n. 1, p. 1–10, 2019.
WEIDAUER, E. et al. Effects of disease-modifying anti-rheumatic drugs (DMARDs) on the activities of rheumatoid arthritis-associated cathepsins K and S. **Biological Chemistry**, v. 388, n. 3, 1 jan. 2007.
WEX, T. et al. Human cathepsin W, a cysteine protease predominantly expressed in NK cells, is mainly localized in the endoplasmic reticulum. **The Journal of Immunology**, v. 167, n. 4, p. 2172–2178, 2001.
WEX, T. et al. Functional involvement of cathepsin W in the cytotoxic activity of NK-92 cells. **FEBS Letters**, v. 552, n. 2–3, p. 115–119, 25 set. 2003.
WILDER, C. L. et al. Manipulating substrate and pH in zymography protocols selectively distinguishes cathepsins K, L, S, and V activity in cells and tissues. **Archives of biochemistry and biophysics**, v. 516, n. 1, p. 52–57, 2011.
WILLSTÄTTER, R.; BAMANN, E. Über die Proteasen der Magenschleimhaut. Erste Abhandlung über die Enzyme der Leukocyten. **Hoppe-Seyler´s Zeitschrift für physiologische Chemie**, v. 180, n. 1–3, p. 127–143, jan. 1929.
XU, X.-L. et al. De novo sequencing, assembly and analysis of salivary gland transcriptome of Haemaphysalis flava and identification of sialoprotein genes. **Infection, Genetics and Evolution**, v. 32, p. 135–142, 2015.

YAMAJI, K. et al. A salivary cystatin, HlSC-1, from the ixodid tick Haemaphysalis longicornis play roles in the blood-feeding processes. **Parasitology Research**, v. 106, n. 1, p. 61–68, 25 dez. 2009.
YAN, S.; SLOANE, B. F. Molecular regulation of human cathepsin B: implication in pathologies. 2003.
YANG, W. et al. High level expression, purification and activation of human dipeptidyl peptidase I from mammalian cells. **Protein expression and purification**, v. 76, n. 1, p. 59–64, 2011.
YANG, X. et al. MicroRNA-205 Mediates Proteinase-Activated Receptor 2 (PAR $_2$) - Promoted Cancer Cell Migration. **Cancer Investigation**, v. 35, n. 9, p. 601–609, 21 out. 2017.
ZAJC, I. et al. Expression of cysteine peptidase cathepsin L and its inhibitors stefins A and B in relation to tumorigenicity of breast cancer cell lines. **Cancer letters**, v. 187, n. 1–2, p. 185–190, 2002.
ZHANG, F. et al. Bioinformatics analysis and characterization of a secretory cystatin from Thelohanellus kitauei. **AMB Express**, v. 10, n. 1, p. 1–11, 2020.
ZHANG, X. et al. **Protease activated receptor 2 mediates tryptase-induced cell migration through MYO10 in colorectal cancerAm J Cancer Res**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <www.ajcr.us/>.
ZHANG, Y. et al. Liposome mediated double-stranded RNA delivery to silence ribosomal protein P0 in the tick Rhipicephalus haemaphysaloides. **Ticks and Tick-borne Diseases**, v. 9, n. 3, p. 638–644, 1 mar. 2018.
ZHOU, J. et al. Identification of a glycine-rich protein from the tick Rhipicephalus haemaphysaloides and evaluation of its vaccine potential against tick feeding. **Parasitology research**, v. 100, n. 1, p. 77–84, 2006.

Supplementary material



Supplementary Fig. 1. AlphaFold2 evaluation results. The IDDT result shows that all models were above the values considered confident

6 CONCLUSÃO

Os peptídeos Rhcyst-1pep e Rhcyst-1pep2 projetados a partir da estrutura da Rhcyst-1 foram capazes de inibir as catepsinas L e B e apresentaram menor capacidade de gerar resposta imune *in silico*. Esta atividade pode ser comprovada *in vitro* através de experimentos realizados com o peptídeo sintético. A capacidade de síntese química dos peptídeos desenvolvidos é uma vantagem, visto que podemos proceder alterações ou inserções na sequência de aminoácidos a fim de melhorar a capacidade inibitória dos mesmos.

Assim como a RHcyst-1, os peptídeos obtidos neste estudo são inibidores de cisteíno proteases, sendo prováveis candidatos a apresentarem aplicabilidade como agentes antitumorais e antimetastáticos. Em estudos futuros vamos avaliar a capacidade dos peptídeos como possíveis antitumorais, realizar mais estudos estruturais visando aprimorar a capacidade inibitória de catepsinas L e B e investigar o potencial de inibição frente aoutras catepsinas cisteínicas envolvidas no câncer e em outras patologias humanas.

Pensando no desenvolvimento futuro de novos biofármacos, moléculas como as propostas neste estudo podem ser usadas junto aos quimioterápicos atuais como auxiliares na contenção de metástase, contribuindo para a redução da progressão tumoral.

7 ANEXOS

7.1 Normas para submissão na revista *Process Biochemistry*

DESCRIPTION

Process Biochemistry is an application-orientated research journal devoted to reporting advances with originality and novelty, in the science and technology of the processes involving bioactive molecules and living organisms. These processes concern the production of useful metabolites or materials, or the removal of toxic compounds using tools and methods of current biology and engineering. Its main areas of interest include novel bioprocesses and enabling technologies (such as nanobiotechnology, tissue engineering, directed evolution, metabolic engineering, systems biology, and synthetic biology) applicable in food (nutraceutical), healthcare (medical, pharmaceutical, cosmetic), energy (biofuels), environmental, and biorefinery industries and their underlying biological and engineering principles.

Main topics covered include, with most of possible aspects and domains of application:
• Fermentation, biochemical and bioreactor engineering
• Biotechnology processes and their life science aspects
• Biocatalysis, enzyme engineering and biotransformation
• Downstream processing
• Modeling, optimization and control techniques.

Particular aspects related to the processes, raw materials and products, also include:
• Quantitative microbial physiology, stress response, signal transduction
• Genetic engineering and metabolic engineering
• Proteomics, functional genomics, metabolomics, and bioinformatics
• Chiral compounds production, cell free protein system, high-throughput screening, in-vivo/in-vitro evolution, enzyme immobilization, enzyme reaction in non-aqueous media
• Mass transfer, mixing, scale-up and scale-down, bioprocess monitoring, bio-manufacturing
• Cell, tissue and antibody engineering: animal and plant cells/tissues, algae, micro-algae, extremophile, antibody screening and production
• Environmental biotechnology: biodegradation, bioremediation, wastewater treatment, biosorption and bioaccumulation
• Bio-commodity engineering: biomass, bio-refinery, bio-energy
• Bioseparation, purification, protein refolding.
• Other new bioprocess and bioreactor related topics especially on application to healthcare sectors

IMPACT FACTOR

2020: 3.757 © Clarivate Analytics Journal Citation Reports 2021

ABSTRACTING AND INDEXING

Aqualine Abstracts

CAB International

EMBiology

BIOSIS Citation Index

Current Biotechnology Abstracts

Current Technology Index

Current Contents

FSTA (Food Science and Technology Abstracts)

Chemical Abstracts

Elsevier BIOBASE

Agricultural and Environmental Biotechnology Abstracts

Biocommerce Data

Web of Science

Science Citation Index

Research Alert

Nutrition Abstracts

Dairy Science Abstracts

Chemical Engineering Abstracts

INSPEC

Scopus

EDITORIAL BOARD

GUIDE FOR AUTHORS

Main points of the Guide for Authors

The text must be double spaced The lines and pages must be numbered Highlights: Use short and very concise sentences. Not more than one line per item of highlight is recommended. Generally 3-5 items of highlight are acceptable Two parts "Results" and "Discussion" which could be merged into one part "Results and discussion" Reproducibility data are required Illustrations must have high quality of resolution Reference list must be written as indicated in the PRBI GfA Legends must be detailed

as indicated in the PRBI GfA All the legends must be gathered on specific pages placed after the text and before the Tables and Figures Five referees of international standing should be suggested, either whose work is cited in the submitted work or who have been working on the topic(s) Language should be carefully checked by one English Language Editing Service (or at least by a professional colleague whose technical English is fluent)

INTRODUCTION

Process Biochemistry is an application-orientated research journal devoted to reporting advances with originality and novelty, in the science and technology of the processes involving bioactive molecules and living organisms. These processes concern the production of useful metabolites or materials, or the removal of toxic compounds using tools and methods of current biology and engineering. Its main areas of interest include novel bioprocesses and enabling technologies (such as nanobiotechnology, tissue engineering, directed evolution, metabolic engineering, systems biology, and synthetic biology) applicable in food (nutraceutical), healthcare (medical, pharmaceutical, cosmetic), energy (biofuels), environmental, and biorefinery industries and their underlying biological and engineering principles.

Main topics covered include, with most of possible aspects and domains of application: cell culture and fermentation, biochemical and bioreactor engineering; biotechnology processes and their life science aspects; biocatalysis, enzyme engineering and biotransformation; and downstream processing.

Manuscripts and data using response surface methodology (RSM) which are mainly descriptive, without any physiological or systemic explanation or correlations are not suitable for submission to the journal.

Types of paper

Process Biochemistry accepts three types of manuscripts: Full length articles, Short communications, Reviews and Correspondence.

Full length articles should not generally exceed 25 double-spaced pages of text (not including the references) and should not contain more than 15 figures and/or tables.

Short communications should not exceed 10 double-spaced pages of text (not including the references) and no more than 5 figures and/or tables.

Reviews should not generally exceed 20 double-spaced pages of text (not including the references) and should not contain more than 10 figures and/or tables.

Correspondence articles (Letter to the Editor) discussing papers recently published in the journal or matters of general interest to the readership will be considered for publication. Authors of papers that are the subject of comment will be given an opportunity to reply. Letters may not exceed 800 words and 10 references.

Accelerated publications can sometimes be taken into consideration. The authors should clearly explain their request for accelerated handling in the cover letter.

Submission checklist

You can use this list to carry out a final check of your submission before you send it to the journal for review. Please check the relevant section in this Guide for Authors for more details.

Ensure that the following items are present:

One author has been designated as the corresponding author with contact details:

• E-mail address

• Full postal address

All necessary files have been uploaded:

Manuscript:

• Include keywords

• All figures (include relevant captions)

• All tables (including titles, description, footnotes)

• Ensure all figure and table citations in the text match the files provided

• Indicate clearly if color should be used for any figures in print

Graphical Abstracts / Highlights files (where applicable)
Supplemental files (where applicable)

Further considerations
• Manuscript has been 'spell checked' and 'grammar checked'
• All references mentioned in the Reference List are cited in the text, and vice versa
• Permission has been obtained for use of copyrighted material from other sources (including the Internet)
• A competing interests statement is provided, even if the authors have no competing interests to declare
• Journal policies detailed in this guide have been reviewed
• Referee suggestions and contact details provided, based on journal requirements

For further information, visit our Support Center.

BEFORE YOU BEGIN

Ethics in publishing

Please see our information on Ethics in publishing.

Studies in humans and animals

If the work involves the use of human subjects, the author should ensure that the work described has been carried out in accordance with The Code of Ethics of the World Medical Association (Declaration of Helsinki) for experiments involving humans. The manuscript should be in line with the Recommendations for the Conduct, Reporting, Editing and Publication of Scholarly Work in Medical Journals and aim for the inclusion of representative human populations (sex, age and ethnicity) as per those recommendations. The terms sex and gender should be used correctly.

Authors should include a statement in the manuscript that informed consent was obtained for experimentation with human subjects. The privacy rights of human subjects must always be observed.

All animal experiments should comply with the ARRIVE guidelines and should be carried out in accordance with the U.K. Animals (Scientific Procedures) Act, 1986 and

associated guidelines, EU Directive 2010/63/EU for animal experiments, or the National Research Council's Guide for the Care and Use of Laboratory Animals and the authors should clearly indicate in the manuscript that such guidelines have been followed. The sex of animals must be indicated, and where appropriate, the influence (or association) of sex on the results of the study.

Declaration of interest

All authors must disclose any financial and personal relationships with other people or organizations that could inappropriately influence (bias) their work. Examples of potential competing interests include employment, consultancies, stock ownership, honoraria, paid expert testimony, patent applications/registrations, and grants or other funding. Authors must disclose any interests in two places: 1. A summary declaration of interest statement in the title page file (if double anonymized) or the manuscript file (if single anonymized). If there are no interests to declare then please state this: 'Declarations of interest: none'. 2. Detailed disclosures as part of a separate Declaration of Interest form, which forms part of the journal's official records. It is important for potential interests to be declared in both places and that the information matches. More information.

Submission declaration and verification

Submission of an article implies that the work described has not been published previously (except in the form of an abstract, a published lecture or academic thesis, see 'Multiple, redundant or concurrent publication' for more information), that it is not under consideration for publication elsewhere, that its publication is approved by all authors and tacitly or explicitly by the responsible authorities where the work was carried out, and that, if accepted, it will not be published elsewhere in the same form, in English or in any other language, including electronically without the written consent of the copyrightholder. To verify originality, your article may be checked by the originality detection service Crossref Similarity Check.

Use of inclusive language

Inclusive language acknowledges diversity, conveys respect to all people, is sensitive to differences, and promotes equal opportunities. Content should make no assumptions about the beliefs or commitments of any reader; contain nothing which

might imply that one individual is superior to another on the grounds of age, gender, race, ethnicity, culture, sexual orientation, disability or health condition; and use inclusive language throughout. Authors should ensure that writing is free from bias, stereotypes, slang, reference to dominant culture and/or cultural assumptions. We advise to seek gender neutrality by using plural nouns ("clinicians, patients/clients") as default/wherever possible to avoid using "he, she," or "he/she." We recommend avoiding the use of descriptors that refer to personal attributes such as age, gender, race, ethnicity, culture, sexual orientation, disability or health condition unless they are relevant and valid. When coding terminology is used, we recommend to avoid offensive or exclusionary terms such as "master", "slave", "blacklist" and "whitelist". We suggest using alternatives that are more appropriate and (self-) explanatory such as "primary", "secondary", "blocklist" and "allowlist". These guidelines are meant as a point of reference to help identify appropriate language but are by no means exhaustive or definitive.

Author contributions

For transparency, we encourage authors to submit an author statement file outlining their individual contributions to the paper using the relevant CRediT roles: Conceptualization; Data curation; Formal analysis; Funding acquisition; Investigation; Methodology; Project administration; Resources; Software; Supervision; Validation; Visualization; Roles/Writing - original draft; Writing - review & editing. Authorship statements should be formatted with the names of authors first and CRediT role(s) following. More details and an example.

Changes to authorship

Authors are expected to consider carefully the list and order of authors before submitting their manuscript and provide the definitive list of authors at the time of the original submission. Any addition, deletion or rearrangement of author names in the authorship list should be made only before the manuscript has been accepted and only if approved by the journal Editor. To request such a change, the Editor must receive the following from the corresponding author: (a) the reason for the change in author list and (b) written confirmation (e-mail, letter) from all authors that they agree with the addition, removal or rearrangement. In the case of addition or removal of authors, this includes confirmation from the author being added or removed. Only in exceptional

circumstances will the Editor consider the addition, deletion or rearrangement of authors after the manuscript has been accepted. While the Editor considers the request, publication of the manuscript will be suspended. If the manuscript has already been published in an online issue, any requests approved by the Editor will result in a corrigendum.

Article transfer service

This journal is part of our Article Transfer Service. This means that if the Editor feels your article is more suitable in one of our other participating journals, then you may be asked to consider transferring the article to one of those. If you agree, your article will be transferred automatically on your behalf with no need to reformat. Please note that your article will be reviewed again by the new journal. More information.

Copyright

Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete a 'Journal Publishing Agreement' (see more information on this). An e-mail will be sent to the corresponding author confirming receipt of the manuscript together with a 'Journal Publishing Agreement' form or a link to the online version of this agreement.

Subscribers may reproduce tables of contents or prepare lists of articles including abstracts for internal circulation within their institutions. Permission of the Publisher is required for resale or distribution outside the institution and for all other derivative works, including compilations and translations. If excerpts from other copyrighted works are included, the author(s) must obtain written permission from the copyright owners and credit the source(s) in the article. Elsevier has preprinted forms for use by authors in these cases.

For gold open access articles: Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete a 'License Agreement' (more information). Permitted third party reuse of gold open access articles is determined by the author's choice of user license.

Author rights

As an author you (or your employer or institution) have certain rights to reuse your work. More information.

Elsevier supports responsible sharing

Find out how you can share your research published in Elsevier journals.

Role of the funding source

You are requested to identify who provided financial support for the conduct of the research and/or preparation of the article and to briefly describe the role of the sponsor(s), if any, in study design; in the collection, analysis and interpretation of data; in the writing of the report; and in the decision to submit the article for publication. If the funding source(s) had no such involvement, it is recommended to state this.

Open access

Please visit our Open Access page for more information.

Elsevier Researcher Academy

Researcher Academy is a free e-learning platform designed to support early and mid-career researchers throughout their research journey. The "Learn" environment at Researcher Academy offers several interactive modules, webinars, downloadable guides and resources to guide you through the process of writing for research and going through peer review. Feel free to use these free resources to improve your submission and navigate the publication process with ease.

Language (usage and editing services)

Please write your text in good English (American or British usage is accepted, but not a mixture of these). Authors who feel their English language manuscript may require editing to eliminate possible grammatical or spelling errors and to conform to correct scientific English may wish to use the English Language Editing service available from Elsevier's Author Services.

Submission

Our online submission system guides you stepwise through the process of entering your article details and uploading your files. The system converts your article files to a single PDF file used in the peer-review process. Editable files (e.g., Word, LaTeX) are required to typeset your article for final publication. All correspondence, including notification of the Editor's decision and requests for revision, is sent by e-mail.

A cover letter should be submitted on-line by the authors together with the manuscript, which includes the following points: 1) all authors agree to submit the work to Process Biochemistry, 2) the work has not been published/submitted or being submitted to another journal, 3) the novelty and significant contribution of the submitted work are briefly described.

In their on-line submission, authors are required to suggest at least three independent referees (and preferably up to five, outside their own institution) with their position, institution, and email address; and preferably the suggested referees are of international standing and are working on the same or similar topics. The final choice of referees is up to the Editors. All submissions will be reviewed by at least two referees. But, manuscripts will be pre-screened for suitability and may be returned to the authors without peer review if they do not meet the criteria for originality and novelty or cause misunderstanding.

When a manuscript is rejected by an editor, generally it should not be resubmitted in its original version, but may be resubmitted after substantial modifications and/or addition of significant experimental data. It is up to the discretion of the editors to reconsider such resubmitted manuscripts as new submissions. Please include a letter of transmittal explaining why a resubmitted manuscript should be reconsidered by the editors, a detailed response to the issues raised by the editors/reviewers and the editor for the original version, and a concise outline of the revisions. Any corresponding author or co-author of one manuscript which has been rejected (without resubmission encouragement) must not resubmit a similar manuscript. If so, these authors will have a punishment of two years of prohibition to submit.

It is highly recommended to validate the pertinent and main data of the manuscripts by reproducibility assays, that is to say, to give in the corresponding (parts of the) Tables their mean values and standard deviations, and in the corresponding (parts of the) Figures their error bars. These data should be then obtained with a minimum of triplicate assays.

Moreover the authors must give a list of all related manuscripts/papers, whether in submission or in press.

PREPARATION

Queries

For questions about the editorial process (including the status of manuscripts under review) or for technical support on submissions, please visit our Support Center.

Peer review

This journal operates a double anonymized review process. All contributions will be initially assessed by the editor for suitability for the journal. Papers deemed suitable are then typically sent to a minimum of two independent expert reviewers to assess the scientific quality of the paper. The Editor is responsible for the final decision regarding acceptance or rejection of articles. The Editor's decision is final. Editors are not involved in decisions about papers which they have written themselves or have been written by family members or colleagues or which relate to products or services in which the editor has an interest. Any such submission is subject to all of the journal's usual procedures, with peer review handled independently of the relevant editor and their research groups. More information on types of peer review.

Double anonymized review

This journal uses double anonymized review, which means the identities of the authors are concealed from the reviewers, and vice versa. More information is available on our website. To facilitate this, please include the following separately: Title page (with author details): This should include the title, authors' names, affiliations, acknowledgements and any Declaration of Interest statement, and a complete address for the corresponding author including an e-mail address. Anonymized manuscript (no author details): The main body of the paper (including the references, figures, tables and any acknowledgements) should not include any identifying information, such as the authors' names or affiliations.

Use of word processing software

It is important that the file be saved in the native format of the word processor used. The text should be in single-column format. Keep the layout of the text as simple as

possible. Most formatting codes will be removed and replaced on processing the article. In particular, do not use the word processor's options to justify text or to hyphenate words. However, do use bold face, italics, subscripts, superscripts etc. When preparing tables, if you are using a table grid, use only one grid for each individual table and not a grid for each row. If no grid is used, use tabs, not spaces, to align columns. The electronic text should be prepared in a way very similar to that of conventional manuscripts (see also the Guide to Publishing with Elsevier). Note that source files of figures, tables and text graphics will be required whether or not you embed your figures in the text. See also the section on Electronic artwork.
To avoid unnecessary errors you are strongly advised to use the 'spell-check' and 'grammar-check' functions of your word processor.

Article Structure

The texts should be double-spaced with the pages numbered, all lines continuously numbered and be as concise as possible. All manuscripts must be submitted in the following format: Title page, with the list of authors list and their affiliations, second page contains the Abstract and keywords; subsequent pages include the Introduction, Materials and methods, Results, Discussion, Acknowledgement(s), References, Figure legends, Tables, and Figures. Figure legends, which must be detailed, should be gathered on a separate page(s), followed by Tables and Figures with a separate page for each one.

Page numeration starts from the first page. The Results and Discussion sections may be combined but should be thorough in the discussion about the novelty and impact of the submitted work. Articles without sufficient discussion will be rejected.

Title

Should be concise, informative, without uncommon abreviations.

Abstract

Should be presented with only one paragraph.

Keywords

Not more than 6 keywords using American spelling.

Introduction

Should be concise in the related background description and lead to the objectives and novelty of the work.

Material and Methods

Provide sufficient details to allow the work to be reproduced, including the information about suppliers and catalogue numbers when appropriate. Methods already published should be indicated by a reference: only relevant modifications should be described.

Results and discussion

These two parts can be separated as "Results" and "Discussion" or combined into one section. The discussion about each major point of the results is very important, and should not repeat the experimental results; generally citation of related references is necessary.

Conclusions

This section is not obligatory and can exist as a short paragraph at the end of "Results and Discussion" section. When it exists as a section, it should be short and concise but should not repeat the Abstract results. Generally the Conclusion does not cite references, and it is different from the discussion.

Web site address

Web site addresses are not allowed in the whole text. Instead use only academic references. Web site addresses but DOI are no more allowed in the reference list.

Reference list

The list of references must appear in a numerical order beginning by the first cited reference. It must be written as it is printed in the PRBI papers.

Figures

In the figures all the written data, particularly those of the axis, should be large enough to be easily readable." and "For experimental design results, as they are scientifically

not usable, 3D figures are generally discouraged, indicate only the pertinent data in 2D diagrams.

List of legends

The legends of the tables and figures must be structured, complete and concise: one figure or one table should be perfectly understandable with its own legend, and incomplete legends will not be accepted. It is asked to use a concise and short title, followed by another sentence(s) including specific details. The meaning of the uncommon acronyms must be indicated. For the legends of figures having several sub-figures, begin with a short and concise legend followed by the details about each of the sub-figures.

Essential title page information

• **Title**. Concise and informative. Titles are often used in information-retrieval systems. Avoid abbreviations and formulae where possible.

• **Author names and affiliations**. Please clearly indicate the given name(s) and family name(s) of each author and check that all names are accurately spelled. You can add your name between parentheses in your own script behind the English transliteration. Present the authors' affiliation addresses (where the actual work was done) below the names. Indicate all affiliations with a lower-case superscript letter immediately after the author's name and in front of the appropriate address. Provide the full postal address of each affiliation, including the country name and, if available, the e-mail address of each author.

• **Corresponding author**. Clearly indicate who will handle correspondence at all stages of refereeing and publication, also post-publication. This responsibility includes answering any future queries about Methodology and Materials. **Ensure that the e-mail address is given and that contact details are kept up to date by the corresponding author.**

• **Present/permanent address**. If an author has moved since the work described in the article was done, or was visiting at the time, a 'Present address' (or 'Permanent address') may be indicated as a footnote to that author's name. The address at which the author actually did the work must be retained as the main, affiliation address. Superscript Arabic numerals are used for such footnotes.

Abstract

Word limits: 100-150 words for Short Communications and 150-200 words for Full Length Articles and Reviews Provide a brief background of the research and a description of the results without extensive experimental detail Summarize the significance of the findingsThe Abstract must be presented preferentially with only one paragraph. Do not include reference citations Avoid uncommon abbreviations Indicate only one copy of the Abstract.

Graphical abstract

A Graphical abstract is mandatory for research papers, but not for Review articles. It should summarize the contents of the article in a concise, pictorial attractive and artistic form designed to capture the attention of a wide readership. It must illustrate in a didactic, artistic and attractive way the main results or main Highlights. A good graphical abstract should have a relatively simple and easily understandable graph or diagram illustrating the main concept or theme of the study. The graphical abstract could be submitted as a separate file in the online submission system. Image size: please provide an image with a minimum of 531 × 1328 pixels (h × w) or proportionally more. The image should be readable at a size of 5 × 13 cm using a regular screen resolution of 96 dpi. Preferred file types: TIFF, EPS, PDF or MS Office files. See https://www.elsevier.com/graphicalabstracts for examples. Authors can make use of Elsevier's Illustration and Enhancement service to ensure the best presentation of their images and in accordance with all technical requirements: Illustration Service.

Highlights

Highlights are optional yet highly encouraged for this journal, as they increase the discoverability of your article via search engines. They consist of a short collection (3 to 5) of bullet points that capture the novel results of your research as well as new methods that were used during the study (if any). Please have a look at the examples here: https://www.elsevier.com/highlights for examples.

Highlights should be submitted in a separate editable file in the online submission system. Please use 'Highlights' in the file name and include 3 to 5 bullet points (maximum 85 characters, including spaces, per bullet point).

Keywords

Immediately after the abstract, provide a maximum of 6 keywords, using American spelling and avoiding general and plural terms and multiple concepts (avoid, for example, 'and', 'of'). Be sparing with abbreviations: only abbreviations firmly established in the field may be eligible. These keywords will be used for indexing purposes.

Abbreviations

Abbreviations for units should follow the suggestions of the British Standards publication BS 1991. The full stop should not be included in abbreviations, e.g. m (not m.), ppm (not p.p.m.), % and / should be used in preference to 'per cent' and 'per'. Where abbreviations are likely to cause ambiguity or may not be readily understood by an international readership, units should be put in full.

Formatting of funding sources

List funding sources in this standard way to facilitate compliance to funder's requirements:

Funding: This work was supported by the National Institutes of Health [grant numbers xxxx, yyyy]; the Bill & Melinda Gates Foundation, Seattle, WA [grant number zzzz]; and the United States Institutes of Peace [grant number aaaa].

It is not necessary to include detailed descriptions on the program or type of grants and awards. When funding is from a block grant or other resources available to a university, college, or other research institution, submit the name of the institute or organization that provided the funding.

If no funding has been provided for the research, it is recommended to include the following sentence:

This research did not receive any specific grant from funding agencies in the public, commercial, or not-for-profit sectors.

Nomenclature and Units

The SI system should be used for all scientific and laboratory data: if, in certain instances, it is necessary to quote other units, these should be added in parentheses. Temperatures should be given in degrees Celsius. The unit 'billion': 109 in America (ten to the power 9), and 1012 in Europe (ten to the power 12), is ambiguous and should not be used.

Footnotes

Footnotes should be avoided especially if they contain information which could equally well be included in the text. The use of proprietary names should be avoided. Papers essentially of an advertising nature will not be accepted.

Artwork

Electronic artwork General points

• Make sure you use uniform lettering and sizing of your original artwork.

• Embed the used fonts if the application provides that option.

• Aim to use the following fonts in your illustrations: Arial, Courier, Times New Roman, Symbol, or use fonts that look similar.

• Number the illustrations according to their sequence in the text.

• Use a logical naming convention for your artwork files.

• Provide captions to illustrations separately.

• Size the illustrations close to the desired dimensions of the published version.

• Submit each illustration as a separate file.

• Ensure that color images are accessible to all, including those with impaired color vision.

A detailed guide on electronic artwork is available.

You are urged to visit this site; some excerpts from the detailed information are given here.

Formats

If your electronic artwork is created in a Microsoft Office application (Word, PowerPoint, Excel) then please supply 'as is' in the native document format. Regardless of the application used other than Microsoft Office, when your electronic artwork is finalized, please 'Save as' or convert the images to one of the following formats (note the resolution requirements for line drawings, halftones, and line/halftone

combinations given below): EPS (or PDF): Vector drawings, embed all used fonts. TIFF (or JPEG): Color or grayscale photographs (halftones), keep to a minimum of 300 dpi. TIFF (or JPEG): Bitmapped (pure black & white pixels) line drawings, keep to a minimum of 1000 dpi. TIFF (or JPEG): Combinations bitmapped line/half-tone (color or grayscale), keep to a minimum of 500 dpi.

Please do not:

• Supply files that are optimized for screen use (e.g., GIF, BMP, PICT, WPG); these typically have a low number of pixels and limited set of colors;

• Supply files that are too low in resolution;

• Submit graphics that are disproportionately large for the content.

Color artwork

Please make sure that artwork files are in an acceptable format (TIFF (or JPEG), EPS (or PDF) or MS Office files) and with the correct resolution. If, together with your accepted article, you submit usable color figures then Elsevier will ensure, at no additional charge, that these figures will appear in color online (e.g., ScienceDirect and other sites) in addition to color reproduction in print. Further information on the preparation of electronic artwork.

References

References should be cited at the appropriate point in the text by a number in square brackets. A list of references, in numerical order, should appear at the end of the paper. All references in this list should be indicated at some point in the text and vice versa. Unpublished data or private communications **AND WEBSITE ADDRESSES**, but DOI, should not appear in the list.

Citation in text

Please ensure that every reference cited in the text is also present in the reference list (and vice versa). Any references cited in the abstract must be given in full. Unpublished results and personal communications are not recommended in the reference list, but may be mentioned in the text. If these references are included in the reference list they should follow the standard reference style of the journal and should include a substitution of the publication date with either 'Unpublished results' or 'Personal

communication'. Citation of a reference as 'in press' implies that the item has been accepted for publication.

Data references

This journal encourages you to cite underlying or relevant datasets in your manuscript by citing them in your text and including a data reference in your Reference List. Data references should include the following elements: author name(s), dataset title, data repository, version (where available), year, and global persistent identifier. Add [dataset] immediately before the reference so we can properly identify it as a data reference. The [dataset] identifier will not appear in your published article.

Preprint references

Where a preprint has subsequently become available as a peer-reviewed publication, the formal publication should be used as the reference. If there are preprints that are central to your work or that cover crucial developments in the topic, but are not yet formally published, these may be referenced. Preprints should be clearly marked as such, for example by including the word preprint, or the name of the preprint server, as part of the reference. The preprint DOI should also be provided.

References in a special issue

Please ensure that the words 'this issue' are added to any references in the list (and any citations in the text) to other articles in the same Special Issue.

Reference management software

Most Elsevier journals have their reference template available in many of the most popular reference management software products. These include all products that support Citation Style Language styles, such as Mendeley. Using citation plug-ins from these products, authors only need to select the appropriate journal template when preparing their article, after which citations and bibliographies will be automatically formatted in the journal's style. If no template is yet available for this journal, please follow the format of the sample references and citations as shown in this Guide. If you use reference management software, please ensure that you remove all field codes before submitting the electronic manuscript. More information on how to remove field codes from different reference management software.

Reference style Text: Indicate references by number(s) in square brackets in line with the text. The actual authors can be referred to, but the reference number(s) must always be given. Example: '..... as demonstrated [3,6]. Barnaby and Jones [8] obtained a different result ....'

List: Number the references (numbers in square brackets) in the list in the order in which they appear in the text.

Examples:

Reference to a journal publication:

[1] J. van der Geer, J.A.J. Hanraads, R.A. Lupton, The art of writing a scientific article, J. Sci. Commun. 163 (2010) 51–59. https://doi.org/10.1016/j.Sc.2010.00372. Reference to a journal publication with an article number:

[2] J. van der Geer, J.A.J. Hanraads, R.A. Lupton, 2018. The art of writing a scientific article. Heliyon. 19, e00205. https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2018.e00205. Reference to a book:

[3] W. Strunk Jr., E.B. White, The Elements of Style, fourth ed., Longman, New York, 2000. Reference to a chapter in an edited book:

[4] G.R. Mettam, L.B. Adams, How to prepare an electronic version of your article, in: B.S. Jones, R.Z. Smith (Eds.), Introduction to the Electronic Age, E-Publishing Inc., New York, 2009, pp. 281–304. Reference to a website:

[5] Cancer Research UK, Cancer statistics reports for the UK. http://www.cancerresearchuk.org/ aboutcancer/statistics/cancerstatsreport/, 2003 (accessed 13 March 2003). Reference to a dataset: [dataset]

[6] M. Oguro, S. Imahiro, S. Saito, T. Nakashizuka, Mortality data for Japanese oak wilt disease and surrounding forest compositions, Mendeley Data, v1, 2015. https://doi.org/10.17632/ xwj98nb39r.1. Reference to software:

[7] E. Coon, M. Berndt, A. Jan, D. Svyatsky, A. Atchley, E. Kikinzon, D. Harp, G. Manzini, E. Shelef, K. Lipnikov, R. Garimella, C. Xu, D. Moulton, S. Karra, S. Painter, E. Jafarov, S. Molins, Advanced Terrestrial Simulator (ATS) v0.88 (Version 0.88), Zenodo, March 25, 2020. https://doi.org/10.5281/ zenodo.3727209.

Video

Elsevier accepts video material and animation sequences to support and enhance your scientific research. Authors who have video or animation files that they wish to submit with their article are strongly encouraged to include links to these within the body of

the article. This can be done in the same way as a figure or table by referring to the video or animation content and noting in the body text where it should be placed. All submitted files should be properly labeled so that they directly relate to the video file's content. In order to ensure that your video or animation material is directly usable, please provide the file in one of our recommended file formats with a preferred maximum size of 150 MB per file, 1 GB in total. Video and animation files supplied will be published online in the electronic version of your article in Elsevier Web products, including ScienceDirect. Please supply 'stills' with your files: you can choose any frame from the video or animation or make a separate image. These will be used instead of standard icons and will personalize the link to your video data. For more detailed instructions please visit our video instruction pages. Note: since video and animation cannot be embedded in the print version of the journal, please provide text for both the electronic and the print version for the portions of the article that refer to this content.

Data visualization

Include interactive data visualizations in your publication and let your readers interact and engage more closely with your research. Follow the instructions here to find out about available data visualization options and how to include them with your article.

Supplementary material

Supplementary material such as applications, images and sound clips, can be published with your article to enhance it. Submitted supplementary items are published exactly as they are received (Excel or PowerPoint files will appear as such online). Please submit your material together with the article and supply a concise, descriptive caption for each supplementary file. If you wish to make changes to supplementary material during any stage of the process, please make sure to provide an updated file. Do not annotate any corrections on a previous version. Please switch off the 'Track Changes' option in Microsoft Office files as these will appear in the published version.

Supplementary material captions

Each supplementary material file should have a short caption which will be placed at the bottom of the article, where it can assist the reader and also be used by search engines.

Research data

This journal encourages and enables you to share data that supports your research publication where appropriate, and enables you to interlink the data with your published articles. Research data refers to the results of observations or experimentation that validate research findings. To facilitate reproducibility and data reuse, this journal also encourages you to share your software, code, models, algorithms, protocols, methods and other useful materials related to the project.

Below are a number of ways in which you can associate data with your article or make a statement about the availability of your data when submitting your manuscript. If you are sharing data in one of these ways, you are encouraged to cite the data in your manuscript and reference list. Please refer to the "References" section for more information about data citation. For more information on depositing, sharing and using research data and other relevant research materials, visit the research data page.

Data linking

If you have made your research data available in a data repository, you can link your article directly to the dataset. Elsevier collaborates with a number of repositories to link articles on ScienceDirect with relevant repositories, giving readers access to underlying data that gives them a better understanding of the research described.

There are different ways to link your datasets to your article. When available, you can directly link your dataset to your article by providing the relevant information in the submission system. For more information, visit the database linking page.

For supported data repositories a repository banner will automatically appear next to your published article on ScienceDirect.

In addition, you can link to relevant data or entities through identifiers within the text of your manuscript, using the following format: Database: xxxx (e.g., TAIR: AT1G01020; CCDC: 734053; PDB: 1XFN).

Mendeley Data

This journal supports Mendeley Data, enabling you to deposit any research data (including raw and processed data, video, code, software, algorithms, protocols, and methods) associated with your manuscript in a free-to-use, open access repository. During the submission process, after uploading your manuscript, you will have the opportunity to upload your relevant datasets directly to Mendeley Data. The datasets will be listed and directly accessible to readers next to your published article online.

For more information, visit the Mendeley Data for journals page.

Data in Brief

You have the option of converting any or all parts of your supplementary or additional raw data into a data article published in Data in Brief. A data article is a new kind of article that ensures that your data are actively reviewed, curated, formatted, indexed, given a DOI and made publicly available to all upon publication (watch this video describing the benefits of publishing your data in Data in Brief). You are encouraged to submit your data article for Data in Brief as an additional item directly alongside the revised version of your manuscript. If your research article is accepted, your data article will automatically be transferred over to Data in Brief where it will be editorially reviewed, published open access and linked to your research article on ScienceDirect. Please note an open access fee is payable for publication in Data in Brief. Full details can be found on the Data in Brief website. Please use this template to write your Data in Brief data article.

Data statement

To foster transparency, we encourage you to state the availability of your data in your submission. This may be a requirement of your funding body or institution. If your data is unavailable to access or unsuitable to post, you will have the opportunity to indicate why during the submission process, for example by stating that the research data is confidential. The statement will appear with your published article on ScienceDirect. For more information, visit the Data Statement page.

AFTER ACCEPTANCE

Online proof correction

To ensure a fast publication process of the article, we kindly ask authors to provide us with their proof corrections within two days. Corresponding authors will receive an e-mail with a link to our online proofing system, allowing annotation and correction of proofs online. The environment is similar to MS Word: in addition to editing text, you can also comment on figures/tables and answer questions from the Copy Editor. Web-based proofing provides a faster and less error-prone process by allowing you to directly type your corrections, eliminating the potential introduction of errors. If preferred, you can still choose to annotate and upload your edits on the PDF version. All instructions for proofing will be given in the e-mail we send to authors, including alternative methods to the online version and PDF.

We will do everything possible to get your article published quickly and accurately. Please use this proof only for checking the typesetting, editing, completeness and correctness of the text, tables and figures. Significant changes to the article as accepted for publication will only be considered at this stage with permission from the Editor. It is important to ensure that all corrections are sent back to us in one communication. Please check carefully before replying, as inclusion of any subsequent corrections cannot be guaranteed. Proofreading is solely your responsibility.

Offprints

The corresponding author will, at no cost, receive a customized Share Link providing 50 days free access to the final published version of the article on ScienceDirect. The Share Link can be used for sharing the article via any communication channel, including email and social media. For an extra charge, paper offprints can be ordered via the offprint order form which is sent once the article is accepted for publication. Both corresponding and co-authors may order offprints at any time via Elsevier's Author Services. Corresponding authors who have published their article gold open access do not receive a Share Link as their final published version of the article is available open access on ScienceDirect and can be shared through the article DOI link.

AUTHOR INQUIRIES

Visit the Elsevier Support Center to find the answers you need. Here you will find everything from Frequently Asked Questions to ways to get in touch. You can also

check the status of your submitted article or find out when your accepted article will be published.